

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

CAIO FILGUEIRAS VIANA

**BUSCA E USO DE INFORMAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR:
ESTUDO DE COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DE ESTUDANTES
DA 2ª FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

**GOIÂNIA
2010**

CAIO FILGUEIRAS VIANA

**BUSCA E USO DE INFORMAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: ESTUDO DE
COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DE ESTUDANTES DA 2ª FASE DO
ENSINO FUNDAMENTAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Biblioteconomia da
Universidade Federal de Goiás, como requisito à
obtenção do grau de Bacharel em
Biblioteconomia.

Orientadora: Prof. Dr^a. Eliany Alvarenga de
Araújo

**GOIÂNIA
2010**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

V614b Viana, Caio Filgueiras.
Busca e uso de informação no contexto escolar [manuscrito] : estudo de comportamento informacional de estudantes da 2ª fase do Ensino Fundamental / Caio Filgueiras Viana. - 2010.
114 f. : il., figs., tabs.

Orientadora: Profª. Dr.ª. Eliany Alvarenga de Araújo.
Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Goiás, Curso de Biblioteconomia, 2010.
Bibliografia.
Inclui lista de siglas, figuras, tabelas e gráficos.

1. Comportamento informacional. 2. Busca de informação. 3. Kuhlthau, Carol. 4. Biblioteca escolar. 5. Bibliotecário escolar. I. Título.

CDU: 027.8(817.3)

CAIO FILGUEIRAS VIANA

**BUSCA E USO DE INFORMAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: ESTUDO DE
COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DE ESTUDANTES DA 2ª FASE DO
ENSINO FUNDAMENTAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Biblioteconomia da
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para
obtenção do grau de Bacharel, aprovado em _____ de _____ de
_____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profª Drª. Eliany Alvarenga de Araujo
Presidente da Banca - Orientadora (UFG)

Profª Drª. Janaína Ferreira Fialho
Membro Examinador

Dedico este trabalho aos meus pais, por todo o amor e dedicação para comigo, por terem sido a peça fundamental para que eu tenha me tornado a pessoa que hoje sou. A minha família pelo carinho e apoio dispensados em todos os momentos que precisei.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado forças e iluminando meu caminho para que pudesse concluir mais uma etapa da minha vida;

Ao meu pai Luiz Antonio, por todo amor e dedicação que sempre teve comigo, homem pelo qual tenho maior orgulho de chamar de pai, meu agradecimento pelos momentos em que estive ao meu lado, me apoiando e me fazendo acreditar que nada é impossível, sem dúvida foi quem me deu o maior incentivo para conseguir concluir esse trabalho;

A minha mãe Rosana, por ser tão dedicada e amiga, por ser a pessoa que mais me apóia e acredita na minha capacidade, meu agradecimento pelas horas em que ficou ao meu lado não me deixando desistir e me mostrando que sou capaz de chegar onde desejo.

Aos amigos que fiz durante o curso, pela verdadeira amizade que construímos, em particular aqueles que estavam sempre ao meu lado (Laís, Sandra, Rochelly, Deísa), por todos os momentos que passamos juntos durante esses quatro anos, meu especial agradecimento. Sem vocês essa trajetória não seria tão prazerosa;

A minha orientadora, Prof. Dr.^a Eliany Alvarenga, pelo ensinamento e dedicação dispensados no auxílio à concretização dessa monografia; A todos os professores do curso de Biblioteconomia, pela paciência, dedicação e ensinamentos disponibilizados nas aulas, cada um de forma especial contribuiu para a conclusão desse trabalho e conseqüentemente para minha formação profissional;

Por fim, gostaria de agradecer aos meus amigos e familiares, pelo carinho e pela compreensão nos momentos em que a dedicação aos estudos foi exclusiva, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho fosse realizado. Meu AGRADECIMENTO a todos vocês!

RESUMO

O comportamento informacional humano é objeto de estudo multidisciplinar envolvendo as atividades de busca, uso e transferência de informação, nas quais uma pessoa se engaja quando identifica as próprias necessidades de informação. As pesquisas na área de comportamento informacional visam identificar e discutir padrões de comportamento informacional nos diferentes campos do saber e envolvem conceitos tais como necessidades, busca e uso de informação bem como os fatores que os influenciam e os métodos mais adequados a serem aplicados nas pesquisas. Partindo de uma revisão dos conceitos que se relacionam ao comportamento informacional, neste estudo são apresentados e comparados vários modelos teóricos da área, dentre eles os de Brenda Dervin, Tom Wilson e Carol Kuhlthau. Destes, o escolhido foi o de Carol Kuhlthau como aporte teórico para a tarefa pretendida. Com sua concepção construtivista se mostrou o melhor referencial para execução do trabalho realizado com os estudantes da 2ª fase do Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco de Goiânia, e o mais apropriado para se compreender os fenômenos que se associam ao processo de busca de informação dos mesmos, descrito por Kuhlthau em seis etapas: iniciação, seleção, exploração, formulação, coleta de dados, e apresentação. A pesquisa caracterizou-se como exploratória e descritiva, com abordagem quali-quantitativa. A amostra foi constituída por 61% (sessenta e um por cento) da população estimada dos alunos da 2ª fase do Ensino Fundamental do Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco de Goiânia, que é de 119 alunos, constituindo-se assim por 73 alunos. Os dados foram coletados a partir da aplicação de questionários, com questões abertas e fechadas, nas dependências do Colégio, durante o mês de setembro de 2010. Os resultados obtidos demonstraram que a maior parte dos estudantes experimentaram sentimentos positivos durante todas as etapas do processo de pesquisa, principalmente pela familiaridade com o tema trabalhado e pelo fato do professor ter feito com que o objetivo do trabalho ficasse claro desde o início. Neste contexto, buscou-se ampliar o estudo com base no comportamento informacional, verificando-se a participação da biblioteca e do bibliotecário durante o desenvolvimento da pesquisa, e o que se observou foi que esta participação se deu de forma muito reduzida, evidenciando o papel pouco significativo de ambos na mediação do processo de pesquisa dos estudantes.

Palavras-chave: Comportamento informacional. Busca de informação. Carol Kuhlthau. Biblioteca escolar. Bibliotecário escolar.

ABSTRACT

The information behavior is the subject of a multidisciplinary study involving activities of search, use and transfer of information, in which a person engages when identifying their own information needs. The research in the field of information behavior is intended to identify and discuss patterns of informational behavior in different fields of knowledge and involves concepts such as needs, search and use of information and factors that influence them, as well as more adequate methods to be applied in the research. Beginning with a review of concepts that relate to information behavior, several theoretical models of the subject are presented in this study, among them Brenda Dervin's, Tom Wilson's and Carol Kuhlthau's. Of these, the one chosen was that of Carol Kuhlthau as theoretical support for the intended task. With its constructivist concept it proved to be the best framework for implementing the work with second year students of the "Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco" in Goiânia, and most appropriate for understanding the phenomena that are associated with the process of seeking information about them, described by Kuhlthau in six stages: initiation, selection, exploration, formulation, data collection and presentation. The survey was characterized as an exploratory and descriptive study, with qualitative and quantitative touch. The sample consisted of 61% (sixty-one percent) of the estimated population of 119 second year students of the school of "Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco" in Goiânia, which is 73 students. Data were collected from the questionnaires, with open and closed questions, within the premise of the school during the month of September 2010. The results showed that most students experienced positive feelings during all stages of research, especially because of their familiarity with the subject matter and because the teacher made sure the objective of the work was clear from the beginning. Within this context, we sought to expand the study based on information behavior, making sure the library and the librarian were involved during the development of the research, and it was noted that this participation was small, highlighting the insignificant role that both played during the research process of the students.

Key-words: Information Behavior. Information Search. Carol Kuhlthau. School library. School librarian.

LISTA DE SIGLAS

CESAM	Centro Salesiano do Adolescente Trabalhador
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i> / Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias
ISP	<i>Information Search Process</i> / Processo de Busca de Informação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNESCO	United Nations Educational Scientific and Cultural Organization / Organização das nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	As necessidades e os estoques de informação.....	33
Figura 2	Usos e necessidades de informação.....	33
Figura 3	Influência de fatores na busca de informação.....	36
Figura 4	Estrutura do modelo <i>Sense-Making</i> de Dervin.....	41
Figura 5	Metáfora do modelo <i>Sense-Making</i> de Dervin.....	42
Figura 6	Fases do comportamento de busca informacional de Ellis.....	44
Figura 7	Modelo de comportamento informacional de Wilson.....	46
Figura 8	Modelo revisado de comportamento informacional de Wilson.....	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Fases de evolução dos estudos de usuários.....	22
Tabela 2	Pesquisa tradicional e pesquisa alternativa.....	24
Tabela 3	Abordagens qualitativas.....	27
Tabela 4	<i>Information Search Process (ISP)</i> - Processo de Busca de Informação...	49
Tabela 5	Panorama do <i>ISP (Information Search Process)</i>	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Dados de caracterização dos entrevistados - Ano cursado.....	73
Gráfico 2	Dados de caracterização dos entrevistados - Turno.....	74
Gráfico 3	Dados do trabalho - Período de elaboração.....	75
Gráfico 4	Dados do trabalho - Indicação de bibliografia.....	75
Gráfico 5	Dados do trabalho - Em grupo / individual.....	76
Gráfico 6	Dados do trabalho - Nota obtida.....	77
Gráfico 7	Iniciação - Clareza do objetivo.....	78
Gráfico 8	Iniciação - Sentimento inicial.....	79
Gráfico 9	Seleção - Área do conhecimento.....	80
Gráfico 10	Seleção - Definição pelo professor.....	81
Gráfico 11	Exploração - Primeira ação no início do trabalho?.....	82
Gráfico 12	Exploração - Estratégias.....	83
Gráfico 13	Formulação - Estratégias.....	84
Gráfico 14	Coleta - Desenvolvimento do trabalho.....	85
Gráfico 15	Coleta - Uso de mais de um autor.....	85
Gráfico 16	Coleta - Aproveitamento de conhecimentos/experiências anteriores.....	86
Gráfico 17	Encerramento da tarefa - Dificuldades.....	87
Gráfico 18	Encerramento da tarefa - Opinião própria.....	88
Gráfico 19	Encerramento da tarefa - Aprendizagem.....	88
Gráfico 20	Encerramento da tarefa - Sentimento final.....	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	144
2 OBJETIVOS.....	17
2.1 OBJETIVO GERAL.....	17
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
3 REVISÃO DE LITERATURA	18
3.1 COMPORTAMENTO INFORMACIONAL	18
3.1.1 Estudos de usuário	20
3.1.2 Abordagens para estudos de necessidades	244
3.1.2.1 Estudos orientados para os sistemas ou abordagem tradicional.....	255
3.1.2.2 Estudos orientados para os usuários ou abordagem alternativa.....	255
3.1.3 Necessidades de informação.....	299
3.1.4 Busca da informação	344
3.1.5 O uso da informação.....	377
3.1.6 Modelos de Comportamento Informacional.....	388
3.1.6.1 Modelo <i>Sense-Making Approach</i> de Brenda Dervin.....	40
3.1.6.2 Modelo de David Ellis.....	433
3.1.6.3 Modelo de Tom Wilson.....	455
3.1.6.4 Modelo de Carol Kuhlthau.....	48
4 BIBLIOTECA ESCOLAR	511
4.1 O BIBLIOTECÁRIO E O USO EFETIVO DA BIBLIOTECA	599
5 METODOLOGIA.....	644
5.1 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.....	655
5.1.1 Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco de Goiânia - Caracterização	666
5.1.2 Descrição da População.....	688
5.1.3 Tipo de Amostragem	688

5.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	699
5.3 ETAPAS E TÉCNICAS DE PESQUISA.....	70
5.3.1 Instrumento e coleta de dados	70
5.3.2 Organização e análise dos dados	722
6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	722
6.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PESQUISADOS.....	733
6.2 CARACTERIZAÇÃO DOS TRABALHOS CITADOS	744
6.3 COMPORTAMENTO DE USOS E PESQUISA DA INFORMAÇÃO.....	777
6.3.1 Iniciação.....	777
6.3.2 Seleção.....	799
6.3.3 Exploração	811
6.3.4 Formulação	833
6.3.5 Coleta.....	844
6.3.6 Encerramento da tarefa.....	866
7 CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS RESULTADOS	899
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	988
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICE.....	110

1 INTRODUÇÃO

A forma de agir durante o processo informacional, ou seja, a busca e uso da informação, para uma tomada de decisão, elaboração de um documento ou para suprir uma lacuna de conhecimento, são fatores determinantes do comportamento informacional (*information behaviour*) do indivíduo. As pesquisas nessa área, tradicionalmente denominadas “estudos de usuários”, preocupam-se em identificar e discutir padrões de comportamento informacional nos diferentes campos do saber (COSTA, 2000).

Objeto de estudo multidisciplinar, o comportamento informacional humano vem sendo focado pela Psicologia, Administração, Ciências da Saúde, Comunicação e Ciência da Informação, entre outras áreas. O conceito de comportamento informacional compreendido nessa pesquisa é o descrito por Wilson (1999, p. 249), que o define como “as atividades de busca, uso e transferência de informação, nas quais uma pessoa se engaja quando identifica as próprias necessidades de informação”.

O comportamento informacional engloba os estudos de necessidade, busca e uso da informação bem como os estudos sobre competência informacional. O usuário geralmente busca informação quando identifica necessidades de informação, sejam elas de natureza pessoal, profissional, social, de lazer ou quando tem um problema a resolver e, para tanto faz uma interação com um sistema de informação (BARTALO, 2009).

Conforme colocado por Brum (2008, p. 15), para os indivíduos, de maneira geral, ter consciência da necessidade de informação é algo difícil e subjetivo de ser alcançado. Posteriormente, efetuar a busca por essa informação também depende da acessibilidade e da relevância das fontes de informação que são selecionadas conforme as escolhas subjetivas do usuário. A confiança e a facilidade de acesso às fontes são fatores que auxiliam na busca pela informação. O uso da informação, dentro do campo comportamental, está relacionado à transformação do usuário dessa informação em agente ativo, de acordo com suas necessidades, pela qualidade, acessibilidade e confiança nas fontes disponíveis e escolhidas.

O comportamento informacional, campo de pesquisa a ser investigado pelo presente estudo, envolve os usuários de informação em atividades e situações aonde necessitam buscar informação para atingir um objetivo final de uso da informação.

Este trabalho adotou uma abordagem quali-quantitativa, tendo como base os estudos de Carol Collier Kuhlthau, pesquisadora norte-americana que estudou o processo de busca da informação numa perspectiva construtivista, ressaltando a importância da mediação no processo de ensinar e de aprender que ocorre por meio da busca e uso da informação. Para identificar o comportamento informacional dos estudantes pesquisados, tomou-se por base o processo de busca da informação (*ISP - Information Search Process*) de Kuhlthau, pelo qual foi possível verificar as ações, sentimentos e pensamentos envolvidos durante o *ISP*, composto por seis estágios: iniciação, seleção, exploração, formulação, coleta, apresentação e avaliação do processo.

Segundo Le Coadic (2004), a Ciência da Informação tem por objeto o estudo da natureza, da formação e dos efeitos da informação na sociedade e, principalmente, gerar análises de seus “processos de construção, comunicação e uso”. A partir desta colocação, percebe-se que a afirmação do autor vai ao encontro do que se pretende estudar neste trabalho. Construir, comunicar e usar está relacionado com necessidade, busca e uso referentes ao comportamento informacional, visto que a construção partiu de uma necessidade, a comunicação da busca em uma fonte de informação e, por fim, o objetivo final de uso da informação.

Esta proposta de pesquisa é relevante na medida em que há pesquisas sob diversos aspectos acerca do Comportamento Informacional. Conforme colocado por Brum (2008, p. 20), a evolução dos estudos na área aponta para a construção de métodos, teorias e modelos para estudar como os indivíduos, em seu papel de *information seekers* (buscadores de informação) em determinada área, se comportam diante da necessidade de buscar informação para a execução de tarefas específicas.

A importância de identificar o comportamento informacional dos estudantes pesquisados está no sentido de se desenvolver estudos mais aprofundados sobre o assunto, dentro do campo da Ciência da Informação, em instituições escolares, e com foco nos usuários da informação. O que se pretende é obter conceituações a respeito deste grupo específico da sociedade, oferecendo contribuições para que novos estudos sejam desenvolvidos na área de comportamento informacional, visto que esta ainda é pouco pesquisada no Brasil.

O estudo do comportamento informacional dos participantes é uma pesquisa que se sustenta com auxílio de trabalhos e pesquisas anteriores, como os de

Kuhlthau (1999) e Campello e Abreu (2005). Pretende-se então verificar um novo grupo de usuários da informação durante o processo de pesquisa, a sua relação com o ambiente informacional, enfatizando a biblioteca escolar.

Buscando ampliar o estudo com base no comportamento informacional, verificou-se a participação da biblioteca e do bibliotecário no processo de busca da informação realizado pelos estudantes, visto que no que tange a pesquisa escolar, o Manifesto UNESCO/IFLA (1999) menciona nos objetivos da biblioteca escolar:

“[...] tornar oportunas as vivências para a produção e uso da informação/conhecimento, para compreensão, imaginação e entretenimento; cooperar com as ações da escola a todos os estudantes nos momentos de aprendizagem e de habilitação para avaliar e usar a informação, a despeito das variadas formas, suportes e meios de comunicação, incluindo a sensibilidade para bem utilizar formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos [...]”.

Com base em estudo do comportamento dos estudantes no modo de busca das informações para pesquisas, obtêm-se um perfil de suas necessidades e assim se adquire subsídios para uma prática mais efetiva. Para o exercício de suas atividades intelectuais, ao aluno devem ser fornecidas orientações para que o mesmo possa encontrar as informações que necessita, entendendo-se que durante o processo de pesquisa o estudante deva fazer uso de um dos recursos mais ricos existentes dentro da instituição escolar, que é a biblioteca (BUENO, 2006).

Diante do contexto apresentado, pergunta-se: Como se dá o comportamento informacional dos estudantes do Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco de Goiânia? De forma geral, a pesquisa pretende analisar o comportamento informacional dos estudantes participantes, com foco na forma como buscam e usam a informação para executar tarefas específicas, tendo por base o Modelo *ISP* descrito por Kuhlthau (1999).

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar o comportamento informacional dos estudantes da 2ª fase do ensino Fundamental do Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco de Goiânia.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) Caracterizar os estudantes do colégio pesquisado e os trabalhos de pesquisa citados.

b) Identificar o comportamento informacional dos estudantes pesquisados a partir das seguintes etapas: iniciação, seleção, exploração, formulação, coleta, apresentação, e avaliação (etapas descritas no Processo de Busca da Informação de Carol Kuhlthau).

c) Verificar a relevância da biblioteca e do bibliotecário no processo de busca de informação dos estudantes pesquisados.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Os estudos de usuário têm sido objeto de constante investigação no que diz respeito à identificação das necessidades de informação e o comportamento do ser humano diante de tal fato. Nesse sentido, em todas as áreas do saber tem-se investido na compreensão dos seus usuários com o uso de métodos e técnicas para criar e avaliar produtos e serviços e entender o fluxo da informação. Com a biblioteconomia não é diferente, por isso a presente revisão se faz necessária.

3.1 COMPORTAMENTO INFORMACIONAL

Objeto de estudo multidisciplinar, o comportamento informacional vem sendo focado pela psicologia, administração, ciência da saúde, comunicação, ciência da informação, e outras áreas do saber. Na ciência da informação, Wilson (1999, p. 49) o define como “as atividades de busca, uso e transferência de informação, nas quais uma pessoa engaja quando identifica as próprias necessidades de informação”. Amplia esse conceito posteriormente como:

Wilson (2000, p. 49) apresenta alguns conceitos relacionados à definição de comportamento informacional, como *Information Seeking Behavior*, *Information Searching Behavior* e *Information Use Behavior* que poderiam ser adaptados para a língua portuguesa como comportamentos de busca, transferência e uso de informação. Porém, o conceito mais amplo seria o termo *Information Behavior*, definido por Wilson como

“[...] a totalidade do comportamento humano em relação às fontes e canais de informação incluindo tanto a busca ativa como a busca passiva, bem como a utilização da informação. Compreende também a comunicação entre pessoas e ainda a informação recebida passivamente, como por exemplo, assistir propagandas na televisão sem qualquer intenção de agir sobre as informações prestadas” (WILSON, 2000, p. 49).

O termo “comportamento informacional” é frequentemente usado na literatura internacional. No Brasil, é geralmente abordado sob o rótulo de “Estudos de

Usuário”. No entanto ambas as abordagens incluem os estudos de necessidades e usos da informação, com a preocupação de identificar e discutir padrões de comportamento informacional nos diferentes campos do saber (COSTA, 2000). Wilson (2000) entende o comportamento informacional como um campo emergente oriundo das limitações dos estudos de usuários e, portanto, constituindo uma evolução desses estudos.

Para Gasque e Costa (2003, p. 55) os estudos de usuários e de comportamento informacional envolvem os seguintes conceitos:

- a) necessidades de informação - um déficit de informação a ser preenchido e que pode estar relacionado com motivos psicológicos, afetivos e cognitivos;
- b) busca da informação - ativa e/ou passiva - o modo como as pessoas buscam informações;
- c) uso da informação - a maneira como as pessoas utilizam a informação;
- d) fatores que influenciam o comportamento informacional;
- e) transferência da informação - o fluxo de informações entre as pessoas;
- f) estudos dos métodos - identificação dos métodos mais adequados a serem aplicados nas pesquisas.

Guinchat e Menou (*apud* Bartalo, 2009) colocam que o comportamento informacional na área da Ciência da Informação, pode ser entendida como a reação apresentada pelo indivíduo em determinada situação ou contexto, motivada por suas necessidades, relacionadas ao universo informacional, entendendo-se que as relações entre usuários e unidades de informação dependem das necessidades e dos comportamentos dos usuários, da adequação das unidades e da definição de políticas apropriadas.

Segundo Bartalo (2009) o usuário geralmente busca informação quando identifica necessidades de informação, sejam elas de natureza profissional, pessoal, social, de lazer ou quando tem um problema a resolver e, para tanto faz uma interação com um sistema de informação. O processo de busca e uso da informação é então desencadeado pelas necessidades de informação que, de acordo com a competência informacional, ou seja, as habilidades de informação do indivíduo, pode ser facilitado ou dificultado. O indivíduo deve ser autônomo para identificar o que sabe, as lacunas de conhecimento que existem e o que falta e ainda onde e como encontrar a informação para complementar a produção de conhecimento (BARTALO, 2009).

Observa-se na literatura específica da área, uma estrutura conceitual básica sobre os estudos de comportamento informacional humano, no entanto, pode haver variações em relação aos conceitos e proposições, dependendo da abordagem empregada, seja comportamentalista, cognitivista, social ou multifacetada. Dessa forma, para se analisar as principais questões desses estudos e o desenvolvimento na área, é necessário fazer uma abordagem desde os estudos de usuários aos estudos de comportamento informacional, sabendo-se que ambos os conceitos fazem parte de um mesmo processo.

3.1.1 Estudos de Usuário

Os estudos de usuários relacionam-se a pesquisas realizadas para identificar e diferenciar as características, os interesses, as necessidades e os hábitos de informação dos usuários reais e potenciais de uma unidade de informação. Segundo Figueiredo (1994, p. 7), os Estudos de Usuário podem ser caracterizados como:

[...] investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou então, para saber se as necessidades de informação por parte dos usuários de uma biblioteca ou de um centro de informação estão sendo satisfeitas de maneira adequada.

Os estudos de usuários buscam também encontrar o equilíbrio entre o sistema e o usuário, uma vez que, conhecendo as necessidades dos usuários, os sistemas podem identificar as suas falhas e tomar as decisões necessárias de forma a alcançar seus objetivos, e de forma precisa, contribuir para a satisfação dos usuários em suas necessidades de informação (CARDOSO; RAMALHO, 2006).

Sanz Casado (*apud* ROZADOS; PIFFER, 2009, p. 176) entende que as aplicações dos Estudos de Usuário servem para:

- a) conhecer os hábitos e as necessidades de informação dos usuários;
- b) avaliar os recursos das unidades de informação;
- c) medir a eficácia das unidades de informação;
- d) adequar o espaço;
- e) conhecer as necessidades da comunidade científica próxima;

f) segmentar o mercado.

Neste contexto, os Estudos de Usuário são considerados instrumentos de gestão, pois auxiliam os bibliotecários a identificar o perfil, as necessidades e demandas de seus usuários, com o objetivo de planejar serviços e produtos a serem desenvolvidos pela biblioteca (CARVALHO, 2008).

Com base na literatura pode-se afirmar que a área de pesquisa denominada estudos de usuários surgiu em dois momentos. O primeiro deles relaciona-se com a fundação da *Graduate Library School da University of Chicago* na década de 1930 e com a importância dada por essa instituição, pelo como e o que se liam e também pelo uso da biblioteca em geral.

Esse interesse não surgiu por um acaso, pelo contrario, com a explosão demográfica surgiu a necessidade de estimulação de processos de socialização e imprimir padrões americanos aos imigrantes vindos principalmente da Europa, de forma a tornar mais harmônico o convívio social. Assim, as instituições, dentre elas a biblioteca deveriam atrair esses imigrantes, fornecendo-lhes determinadas fontes de informação que lhes permitissem se inteirar sobre a cultura e o modo de vida da “sociedade americana”, ajudando a garantir um processo mais “suave”, para eles, de “entrada na sociedade” e, para a sociedade, de “assimilação dos imigrantes” (FIGUEIREDO, 1994, p. 66).

Esse era o desafio para a Biblioteconomia e particularmente para o campo de estudos de usuários de biblioteca, que era chamado então como “estudos de comunidade” e seu caráter era puramente funcional (FIGUEIREDO, 1994, p. 67).

O estudo da comunidade é básico para a administração da biblioteca, pois como qualquer organização, a biblioteca existe para realizar funções específicas, as quais foram suficientemente valiosas, na época do seu início de funcionamento, para justificar a sua criação, e que, supostamente, continuam a motivar a sobrevivência e o crescimento da biblioteca (FIGUEIREDO, 1994, p. 65).

Os primeiros estudos de usuários da informação buscavam, então, estabelecer uma série de indicadores demográficos, sociais e humanos das populações atendidas pelas bibliotecas, mas com um foco muito particular: o levantamento de dados, como uma espécie de diagnóstico, para o aperfeiçoamento ou a adequação dos produtos e serviços bibliotecários. Dessa forma, embora os primeiros estudos

estivessem centrados nas necessidades dos usuários, com forte caráter de pesquisa empírica, e não nos documentos em particular (FIGUEIREDO, 1994, p. 67). Daí a crítica que se faz desse estudo, e muitos não concordam com esse marco.

O segundo marco normalmente apontado como originário do campo de estudos de usuários é a Conferência sobre Informação Científica da *Royal Society* de Londres em 1948, quando foram apresentados dois trabalhos: um relacionado com o comportamento na busca da informação de duzentos cientistas britânicos, e outro sobre o uso da biblioteca do Museu de Ciência de Londres. (CHOO, 2006, p. 67). Até então, como foi visto, os estudos de usuários eram essencialmente centrados nos sistemas de informação, a partir desse evento surge uma nova tendência com o usuário sendo o centro das atenções. Portanto, os usuários deveriam ser vistos agora, como indivíduos com necessidades informacionais únicas e com características educacionais, psicológicas e sociais também únicas.

Desde então, os mais diversos estudos tem sido produzidos a partir desse enfoque, no entanto, muitos deles ainda estão relacionados à forma como as pessoas usam os sistemas e serviços específicos e não aos aspectos de seu comportamento de busca de informação, como se pode ver nas fases desse processo descritas abaixo:

DÉCADA	FASES DE EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS DE USUÁRIOS
Final da Década de 1940	Os Estudos de Usuários tinham como finalidade agilizar e aperfeiçoar serviços e produtos prestados pelas bibliotecas . Tais estudos eram restritos à área de Ciências Exatas.
1950	Intensificam-se os estudos acerca do uso da informação entre grupos específicos de usuários , agora abrangendo as Ciências Aplicadas.
1960	Os Estudos de Usuários enfatizam agora o comportamento dos usuários ; surgem estudos de fluxo da informação, canais formais e informais. Os tecnólogos e educadores começam a ser pesquisados.
1970	Os Estudos de Usuários passam a preocupar-se com mais propriedade com o usuário e a satisfação de suas necessidades de informação , atendendo outras áreas do conhecimento como: humanidades, ciências sociais e administrativas.
1980	Os estudos estão voltados à avaliação de satisfação e desempenho .
1990	Os estudos estão voltados ao comportamento informacional , que define como as pessoas necessitam /buscam/fornecem/usam a informação em diferentes contextos, incluindo espaço de trabalho e vida diária.
1ª Década do Século XXI	Os estudos estão voltados tanto para o comportamento informacional , quanto para a avaliação de satisfação e desempenho , enfatizando a relação entre usuários e sistemas de informação interativos, no contexto social das TIC's.

Tabela 1: Fases de evolução dos estudos de usuários
Fonte: adaptado de FERREIRA (1997).

Observa-se que até a década de 1980, os estudos ainda estavam centrados nos sistemas de informação e em sua eficiência. A preocupação era o perfeito funcionamento dos sistemas informacionais e de seus mecanismos de recuperação da informação, após esse período é que realmente há um direcionamento enfatizando o usuário em si e seu comportamento.

Surgem então trabalhos de vários autores, discordantes desses estudos tidos como “tradicionais”, com uma proposta “alternativa”, que viriam a melhorar de modo significativo o entendimento do comportamento humano diante a busca e uso da informação, com destaques para os trabalhos de Brenda Dervin, Nicolas Belkin, Carol Kuhlthau, Tom Wilson, e David Ellis e que serão detalhados mais adiante.

No entanto, nessa última década, outro paradigma vem-se firmando, relacionado a uma perspectiva mais socializante. Foi notado que tanto os sistemas quanto os usuários estão inseridos em contextos históricos e sociais que influem de modo decisivo na definição de suas características. Observa-se que existe uma relação de interatividade entre eles e que no contexto desempenham papel tão importante quanto às estruturas cognitivas individuais ou as características mecânicas e operacionais dos sistemas de informação.

A massificação dos meios de automação se torna uma realidade, com uso da Internet e outros tipos de interação com sistemas amigáveis, e novos estudos se fizeram necessários para avaliar a interação usuário e sistema de informação, surge então, a usabilidade.

Para Dias (2005), tendo em vista os critérios da usabilidade, um sistema deve:

“[...] ser de fácil uso; o acesso às informações deve ser eficiente e deve requerer um mínimo de tempo e esforço dos usuários finais. O sistema de informações deve ser projetado de tal forma que os erros sejam minimizados e próximos de zero. O uso do sistema deve requerer pouco ou nenhum treinamento oferecendo interface intuitiva, permitindo a autoaprendizagem. O aspecto subjetivo da interface é igualmente importante determinando a usabilidade do sistema. A interface deve ser satisfatória para o usuário e o seu uso deve ser prazeroso, isto deve resultar em uma percepção favorável do sistema, pelo seu usuário” (DIAS, 2005, p. 4).

Assim, ferramentas cada vez mais poderosas e tecnologicamente mais sofisticadas e usuários dos sistemas de informação têm um papel central nas preocupações da ciência da informação nos dias de hoje. A presente revisão de literatura pretende refletir sobre os seguintes temas relativos ao campo de pesquisa denominado

de comportamento informacional: as necessidades, a busca, o uso, assim como o comportamento dos usuários envolvidos nesse processo.

3.1.2 Abordagens para Estudos de Necessidades

Os estudos de comportamento de busca e uso podem ser vistos sob dois prismas distintos como já foi dito, e que agora se vê com mais detalhes:

a) **Orientados para o sistema ou abordagem tradicional** – compreende os estudos sobre como as bibliotecas e os centros de informação são utilizados. Concebe o usuário apenas como informante não como objeto de estudo. Não verifica a interação do usuário com os sistemas de informação, “limita-se à tarefas de localizar fontes de informação, não levando em consideração as tarefas de interpretação, formulação e aprendizagem, envolvidas no processo de informação” (FERREIRA, 1997, p. 4).

b) **Orientados para o usuário ou abordagem alternativa** - que se concentram nos atores individuais dos processos de busca e uso da informação dentro de contextos sociais, práticos e culturais. Nesses contextos, examinam as necessidades e preferências psicológicas e cognitivas internas do indivíduo e como elas afetam os padrões de procura e comunicação da informação.

PESQUISA TRADICIONAL	PESQUISA ALTERNATIVA
INFORMAÇÃO: propriedade da matéria, mensagem, documento ou recurso informacional, qualquer material simbólico publicamente disponível.	INFORMAÇÃO: o que é capaz de transformar estruturas de imagem, estímulo que altera a estrutura cognitiva do receptor.
NECESSIDADE DE INFORMAÇÃO: estado de necessidade de algo que o pesquisador chama de informação, focado no que o usuário precisa.	NECESSIDADE DE INFORMAÇÃO: quando a pessoa reconhece que existe algo errado em seu estado de conhecimento e deseja resolver essa anomalia, estado de conhecimento abaixo do necessário, estado de conhecimento insuficiente para lidar com a incerteza, conflito e lacunas em uma área de estudo ou trabalho.

Tabela 2: Pesquisa tradicional e pesquisa alternativa.
Fonte: Dervin e Nilan (1986, p. 17) in MIRANDA (2006)

3.1.2.1 Estudos orientados para os sistemas ou abordagem tradicional.

A abordagem tradicional é dirigida ao sistema informacional, com seu “conteúdo” ou a sua “tecnologia”. A atenção nesta abordagem é voltada às estatísticas sobre empréstimos realizados, cópias fornecidas, questões respondidas, livros solicitados e outras atividades que revelavam as tendências de comportamento do usuário no uso do serviço, mas não as suas necessidades específicas (CRUZ, 2008).

Nessa abordagem, a informação é considerada, como algo objetivo, existente fora das pessoas e passível de ser transferida de uma para outra. Segundo DERVIN e NILAN (1986) várias tem sido suas definições: é uma propriedade da matéria; ou qualquer mensagem, documento ou fonte; qualquer material simbólico disponível para o público; qualquer dado. Portanto, parece ser possível que a eficiência e o sucesso das operações de um sistema possam ser medidos em função do número de fontes de informações recuperadas pelo sistema versus, o que realmente foi de interesse do usuário. Isso coloca o usuário como um processador imperfeito da informação, pois é já sabido que nem todas as pessoas se interessam pelas mesmas fontes indicadas (FERREIRA, 1997, p. 4).

Ferreira (1997) citando Rhode, nos afirma que em nenhum momento se leva em conta que o ser humano cria sua própria realidade, e seu conhecimento particular, que são usados para compreender as informações externas e as diferentes situações que os indivíduos se encontram em determinado momento.

Pelo contrário, a preocupação é explicar as diferenças entre os usuários como simples decorrência de influências sociológicas e demográficas, estilo de vida e especificidade do trabalho (DERVIN; NILAN, 1986). No entanto, comportamento informacional é também modelado pelo estilo cognitivo do indivíduo (FERREIRA, 1997, p. 4).

A abordagem tradicional não vem se mostrando eficiente e nem eficaz para atender os de problemas dos usuários atualmente, por isso, a maioria das pesquisas atuais vem buscando auxílio e respaldo metodológico junto às abordagens alternativas.

3.1.2.2 Estudos orientados para os usuários ou abordagem alternativa.

Ao longo dos anos, as pesquisas sobre usuários foram migrando da

perspectiva dos sistemas de informação para a dos usuários desses sistemas, com forte influência da Psicologia Cognitiva. Nesse caso, os usuários passaram a serem vistos como indivíduos, possuidores de características específicas, com necessidades próprias e formas diferenciadas de uso da informação.

“A abordagem alternativa ao posicionar informação como algo construído pelo ser humano, está visualizando o indivíduo em constante processo de construção, livre para criar o que quiser junto aos sistemas ou às situações. Essa abordagem se preocupa em entender como pessoas chegam à compreensão das coisas, pesquisando por dimensões passíveis de generalizações dessa tomada de consciência (ou de compreensão), e ainda em identificar o processo de uso da informação em situações particulares” (Ferreira 1997, p. 6).

A abordagem alternativa, conhecida também como é vista por Dervin e Nilan (1986) como bem coloca Ferreira (1997, p. 5), como novos estudos de comportamento de usuários caracterizados por:

- a) observar o ser humano como sendo construtivo e ativo;
- b) considerar o indivíduo como sendo orientado situacionalmente;
- c) focalizar os aspectos cognitivos envolvidos;
- d) analisar sistematicamente a individualidade das pessoas;
- e) empregar maior orientação qualitativa.

Por isso, nesse processo, se entende que o contato direto como usuário é de fundamental importância. Figueiredo (1979, p. 81) considera que “os estudos orientados aos usuários, propriamente ditos, não são limitados a uma instituição, mas investigam o comportamento de uma comunidade inteira na obtenção da informação”. Diante dessa consideração, as bases da abordagem alternativa, de acordo Ferreira (1997, p. 5) se pautariam em:

a) o processo de se buscar compreensão do que seja “necessidade de informação” deve ser analisado tendo como foco a individualidade do sujeito a ser pesquisado;

b) a informação necessária e o quanto de esforço foi usado no seu acesso, devem ser contextualizados na situação real onde ela surgiu; o uso da informação deve ser oferecido e determinado pelo próprio indivíduo.

Desta maneira, sustenta-se a idéia de se focalizar, nos estudos alternativos, primeiramente, o problema individual dos usuários. Algumas questões dependerão, exclusivamente, deles mesmos, de seu propósito na busca da informação e do uso da

mesma. No caso, é importante questões como: que informação um indivíduo quer encontrar no sistema de informação? Que uso ele fará dela? Como o sistema pode melhor ser projetado para atender as necessidades de informação?

Ferreira (1997, p. 12) afirma que a abordagem alternativa tem sido trabalhada em quatro diferentes direções na área da Ciência da Informação:

- a) Abordagem de Valor Agregado, de Robert Taylor;
- b) Abordagem do Estado Anômalo, de Belkin e Oddy;
- c) Abordagem do Processo Construtivista, de Carol Kuhlthau, e
- d) Abordagem *Sense-Making*, de Brenda Dervin.

Segundo Ferreira, as três primeiras abordagens trazem contribuições conceituais e teóricas para um paradigma alternativo em estudos de usuários. Já a abordagem *Sense-Making* vai além ao apresentar um método para mapear as necessidades de informação sob o ponto de vista do usuário (FERREIRA, 1997).

Costa, Silva e Ramalho (1989), acrescentam mais duas abordagens: o Modelo de Comportamento de Busca de Informação elaborado por David Ellis (com contribuição posterior de Cox e Hal) e o Modelo de Busca e Uso da Informação de Chun Wei Choo.

Figueiredo (1999), ainda aponta duas direções, uma cognitiva e outra holística. A vertente cognitiva utiliza pressupostos teóricos-metodológicos da ciência cognitiva, enfatizando os processos de aprendizagem, memória, entendimento, solução de problemas e tomada de decisão. Por outro lado a vertente holística além considerar os aspectos cognitivos, leva em consideração os aspectos afetivos e psicomotores. (FIGUEIREDO, 1999, p. 15).

Para Baptista e Cunha (2007, p 173), esses estudos ilustram a fase qualitativa dos estudos de usuários, utilizando não só as teorias dos autores citados, mas acrescentam também a usabilidade.

ABORDAGEM	AUTORES QUE UTILIZARAM	CARACTERÍSTICAS DA ABORDAGEM
Valor Agregado	Taylor, MacMullin, Hall, Ford, Garvey, Mohr,	Foco na percepção da utilidade e valor que o usuário traz para o sistema. Pretende fazer do problema do usuário o foco central, identificando diferentes classes de problemas e

	Paisley, Farradante.	ligando-os aos diferentes traços que os usuários estão dispostos a valorizar quando enfrentam problemas. É um trabalho de orientação cognitiva em processamento da informação. (problema →valores cognitivos →soluções)
Construção de Sentido	Dervin, Fraser, Edelstein, Gruning, Stamm, Atwood, Palmor, Carter, Dewdney, Werner, Chen, Burger, Hernon.	Conjunto de premissas conceituais e teóricas para analisar como pessoas constroem sentido nos seus mundos e como elas usam a informação e outros recursos nesse processo. Procura lacunas cognitivas e de sentido expressas em forma de questões que podem ser codificadas e generalizadas a partir de dados diretamente úteis para a prática da comunicação e informação. (situação →lacuna cognitiva e de sentido →uso)
Anomalia Cognitiva	Belkin, Oddy, Ofori-Dwumfuo.	Foco nas pessoas em situações problemáticas, em visões da situação como incompletas ou limitadas de alguma forma. Usuários são vistos como tendo um estado de conhecimento anômalo, no qual é difícil falar ou mesmo reconhecer o que está errado, e enfrentam lacunas, faltas, incertezas, e incoerências, sendo incapazes de especificar o que é necessário para resolver a anomalia. (situação anômala → lacunas cognitiva →estratégias de busca)

Tabela 3: Abordagens qualitativas

Fonte: Dervin e Nilan (1986, p. 19-24) in MIRANDA (2006)

Gasque (2008, p. 51) nos diz que Dervin e Nilan (1986) fizeram uma revisão sobre a busca e uso da informação a partir de 1978 e constatou que muitos estudos ainda estavam centrados nos sistemas e poucos, porém significativos centravam na abordagem alternativa. E apresentou diferenças significativas entre as duas abordagens como forma a emergenciar o novo paradigma com base na abordagem do valor atribuído pelo usuário, abordagem do *Sense-Making* e da abordagem do estado anômalo de conhecimento, que são apresentados a seguir:

a) **Abordagem objetiva versus subjetiva:** os teóricos dos estudos tradicionais compreendem a informação como algo com significado constante, correspondendo, de forma absoluta, à realidade. Ao contrário, atualmente, reconhece-se a subjetividade humana resultante de uma realidade que não transmite significado constante. Logo, a abordagem objetiva parece ser inadequada aos estudos dos seres humanos.

b) **Abordagem mecanicista e usuários passivos versus abordagem construtivista e usuários ativos:** a primeira abordagem sustenta-se na ideia de que os usuários são receptáculos passivos de informação objetiva, com a tarefa de receber em mãos pacotes de informações. O foco estava na utilidade do sistema de informação, e não no comportamento dos usuários que, conseqüentemente, não eram vistos como indivíduos com objetivos, autocontrole e capacidade para tomar decisões. No construtivismo, o conhecimento não é dado como acabado, constituindo-se pelas interações do indivíduo com o meio, mediante o uso da linguagem.

c) **Transsitucionalidade versus situacionalidade:** os paradigmas tradicionais tentavam prever o comportamento dos usuários por meio de estatísticas e modelos de espaço-temporal, que poderiam ser aplicados em várias situações. Ao contrário, o comportamento informacional varia de acordo com a especificidade da situação.

d) **Visão atomística da experiência versus visão holística:** os estudos tradicionais centravam-se na interação entre os usuários e os sistemas de informação. De forma oposta, vários pesquisadores sugerem que os usuários devem ser compreendidos em um contexto social mais amplo, em que os sistemas são vistos como um dos elementos a que os usuários podem recorrer quando necessitam de informação.

e) **Abordagem behaviorista versus cognitivista:** tradicionalmente, pela influência das ciências físicas, as pesquisas focalizavam mais o comportamento externo, como contatos com fontes e usos de sistemas, em detrimento da cognição interna que não podia ser cientificamente observada. Em contrapartida, no final da década de 1970, alguns pesquisadores avaliaram que as abordagens fundamentadas no comportamento e no desenvolvimento cognitivo poderiam contribuir substancialmente com a ciência da informação.

f) **Abordagem caótica versus individualidade sistemática:** a preocupação fundamental no paradigma tradicional é que as pesquisas produzam observações sistemáticas e padrões de comportamento para os sistemas de informação. Nessa perspectiva, a individualidade significa o caos. Todavia, a emergência da inclusão dos valores individuais e a visão da individualidade dos usuários nas pesquisas de ciência da informação, parecem ser condizentes com a condição humana. (Gasque 2008, p. 51-52).

3.1.3 Necessidades de Informação

O comportamento informacional está relacionado ao processo de busca e uso da informação a partir da identificação de uma necessidade de informação. Assim como tantos outros conceitos dentro da área de biblioteconomia, “necessidade de informação” tem complexidade em ser definida, pois se trata de um conceito polissêmico.

O conceito de necessidades de informação é difícil de definir, isolar ou medir. Reconsiderações têm sido encontradas, usos de diferentes palavras para descreverem o mesmo conceito, assim como o uso de termos idênticos para significarem coisas diferentes. Os termos têm sido usados de várias maneiras por pesquisadores em revisões bibliográficas. Necessidades, demandas e desejos são usados de modo semelhante: todavia, estes termos não são idênticos. O conceito de necessidades de informação está encaixado nos estudos de usuários e de uso de fontes de informação que formam a mais extensa área de pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação, desde há quatro décadas passadas (BETTIOL, 1990 p. 61).

Figueiredo (1983) revisou os conceitos de necessidade, demanda e uso da informação, concluindo que eram dependentes de valores da sociedade, expectativa de satisfação, disponibilidade e acessibilidade, oferecendo três novos conceitos: *necessidade* é o que o indivíduo deve ter para o seu trabalho, pesquisa, edificação, recreação etc., sendo uma demanda em potencial; *desejo* refere-se ao que o indivíduo gostaria de ter, entendendo-se que o indivíduo pode necessitar o que não deseja; *demanda* é o que o indivíduo pede o item de informação requisitado, sendo um uso em potencial; o *uso* é aquilo que o indivíduo realmente utiliza, podendo ser indicadores parciais de uma demanda e representarem uma necessidade.

Outros autores defendem que não dá para diferenciar necessidade e desejo, visto que o problema está no julgamento entre necessidade e desejo, e que variam de indivíduo para indivíduo.

As definições são apresentadas de forma diferente porque estão sempre relacionadas a uma ou mais dimensões, como: fatores cognitivos que fazem a necessidade de informação surgirem, os tipos e formas como a necessidade provoca a busca de informações, a natureza da informação que é requerida, e assim por diante. Assim, as necessidades de informação, dentro da visão alternativa, podem ser vistas como geradas a partir de fatores externos e internos ao indivíduo.

Alguns pesquisadores como Wilson em 1981 descreve necessidade informacional como uma experiência subjetiva que ocorre apenas na mente de cada indivíduo, não sendo, portanto, diretamente acessível ao observador. A necessidade só pode ser descoberta por dedução, através do comportamento, ou por um ato de enunciação da pessoa que a detém, visto ser um fator que é bastante subjetivo (MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007).

Barros; Saorim; Ramalho (2008, p. 174) apontam que a necessidade de informação consiste na percepção de um vazio cognitivo, em que perpassa incertezas, dúvidas, angustias, todo tipo de manifestação que poderá ou não, canalizar forças no indivíduo para transpor tal situação. Para os autores

“[...] o indivíduo materializa a sua necessidade em uma unidade de informação, gerando demanda, ou seja, engaja-se, conscientemente, no processo de busca de informação para mudança do seu estado de conhecimento. Essa etapa, por sua vez, poderá transcorrer de forma satisfatória ou não”.

Cooper (*apud* MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 119) coloca que as necessidades informacionais estão ligadas a fatores psicológicos:

“[...] uma necessidade informacional é algo não observável diretamente. Não podemos, por exemplo, ver suas ‘estruturas’, no entanto a necessidade informacional existe, pelo menos, na mente do usuário”.

O indivíduo necessita de informação a todo o momento para expandir seus conhecimentos sobre determinado assunto. Isto é um fato que está internalizado em sua mente, e que pode sofrer influência através do ambiente externo que está entrelaçado de acordo com questões sociais, econômicas, políticas.

Dervin e Nilan (1986) conceituaram necessidade informacional como uma anomalia no estado de conhecimento e o conseqüente desejo de resolvê-la. Portanto o estado de conhecimento estaria abaixo do necessário, num nível insuficiente para lidar com incerteza, conflito e lacunas (*gaps* cognitivos) em uma área de estudo ou trabalho.

Contrariando este caráter subjetivo da necessidade informacional, Derr (1983) analisou o conceito de forma diferente. Para este autor a necessidade informacional não é um estado psicológico e sim uma condição objetiva. Para ele a necessidade informacional residiria na condição observável de que determinada informação contribuiu para atender ao propósito ou o motivo que a gerou.

Derr examinou o conceito em diversas etapas, começando por afirmar que a falta de informação não significa, forçosamente, uma necessidade de informação. O desejo de ter uma informação também não é razão suficiente para dizer que há necessidade de informação, assim como o fato de possuir a informação não elimina a necessidade da mesma. As duas condições que devem estar presentes para que se possa dizer que há necessidade de informação são a presença de um propósito para a informação e que a informação em questão contribua para alcançar este propósito (DERR, *apud* MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007).

Wilson (*apud* MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 119 e 120) rebate a argumentação de Derr quando diz que “se a necessidade informacional só é percebida quando expressa pelo usuário, então qual o objetivo de estudá-la como experiência subjetiva? Bastaria examinar os desejos dos usuários nas perguntas”. Nesse sentido, o usuário ao buscar uma determinada informação, formula perguntas visando facilitar o processo de busca, e diante disso, o profissional monta uma estratégia de recuperação de documentos que sejam pertinentes à resposta dessas perguntas. Neste caso, o processo de busca e transferência da informação não estaria baseada na necessidade e nem no desejo da informação, mas sim na pergunta do usuário.

Miranda (2006) coloca que as necessidades informacionais traduzem um estado de conhecimento no qual alguém se encontra quando se confronta com a exigência de uma informação que lhe falta e lhe é necessária para prosseguir um trabalho. Ela nasce de um impulso de ordem cognitiva, conduzido pela existência de um dado contexto (um problema a resolver, um objetivo a atingir) e pela constatação de um estado de conhecimento insuficiente ou inadequado.

Percebemos que a necessidade de informação em função do conhecimento surge da dúvida e do esforço de dominá-la, já a necessidade de informação em função da ação desencadeia uma ação com objetivo, visando eficácia dessa ação. Dentre essas necessidades, a informação é útil para estimular o pensamento e a ação, através das ideias de outras pessoas, conhecimentos, experiência e realizações; enfim, para atender as necessidades requeridas. A informação é, essencialmente, vista como um utensílio valioso e útil para o indivíduo em sua tentativa de prosseguir com sucesso sua vida (COSTA, 2000).

Percebe-se que pelas definições a informação só se realiza se gerar conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo ou do coletivo. É importante contextualizar esse fato em um mundo globalizado e com enormes desigualdades socioeconômicas, partindo disso, a democratização social da informação deve auxiliar o indivíduo a ter condições de elaborar insumos recebidos, transformando-o em conhecimento que lhe traga benefícios.

A. Maslow (*apud* BARRETO, 2002, p. 5), ilustrou as necessidades humanas e os comportamentos em um gráfico de duas pirâmides invertidas para estabelecer a relação entre a demanda e a oferta de informação. Tal relação se dá de forma inversamente proporcional entre as necessidades informacionais e os estoques de informações.

De acordo com o gráfico, o indivíduo se move da base para o topo, passando de nível para outro apenas quando satisfizer suas necessidades. Na base estão os indivíduos que procuram por necessidades básicas como: alimentação, habitação, vestuário, saúde, educação e segurança. No nível acima procura por informação atuante com objetivo de permanecer no grupo em que atua como: no trabalho e na comunidade. Os indivíduos, no topo, depois de resolvidos as necessidades anteriores, procura por informações que o conduza a reflexão, criatividade e sucesso profissional e pessoal (COSTA; SILVA; RAMALHO, 2009, p. 3).

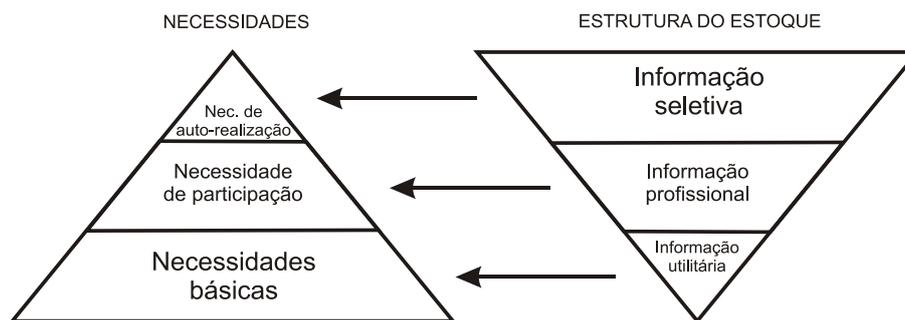


Figura 1: As necessidades e os estoques de informação.
Fonte: Barreto (2002, p. 6)

O objetivo final de um produto de informação, de um sistema de informação, deve ser analisado em termos dos usos da informação e dos efeitos resultantes desses usos nas ações dos usuários. Portanto, o papel mais importante do sistema consiste na forma como a informação transforma a realização dessas ações (LE COADIC, 1996, p. 39).

Para Le Coadic (1996, p. 39), “necessidades e usos são interdependentes, se influenciam reciprocamente de uma maneira complexa que determinará o comportamento do usuário e suas práticas”. Tal pensamento está representado na figura que segue:

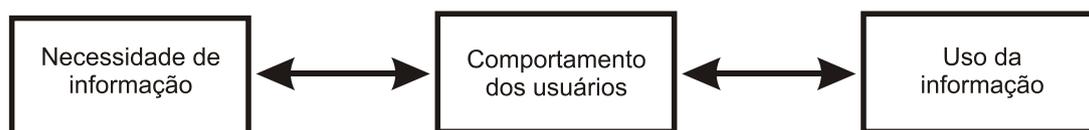


Figura 2: Usos e necessidades de informação.
Fonte: Le Coadic (1996, p. 39).

Percebe-se que a necessidade de informação em função do conhecimento surge da dúvida e do esforço de dominá-la, já a necessidade de informação em função da ação desencadeia uma ação com objetivo, visando eficácia dessa ação. Dentre essas necessidades, a informação é útil para estimular o pensamento e a ação, através das ideias de outras pessoas, conhecimentos, experiência e realizações. A informação é, essencialmente, vista como uma ferramenta valiosa e útil para o indivíduo prosseguir sua vida com sucesso. (COSTA; SILVA; RAMALHO, 2009, p. 5).

3.1.4 Busca da Informação

A busca da informação ocorre após o indivíduo compreender claramente sua necessidade de informação e a expressa em perguntas. Portanto, busca informacional consiste na tentativa intencional de encontrar informação que atendam suas necessidades. Envolve a busca ativa e passiva da informação, planejamento, estratégias e motivação para atingir determinado objetivo, monitoração de estratégias, conhecimentos e definições de canais ou fonte de informações potenciais, competência para usar tecnologias da informação e avaliação desse processo. (GASQUE, 2008, p. 154).

A autora ainda apresenta outra definição para busca informacional, como sendo o

“[...] conjunto das atividades relacionadas com a definição da necessidade e natureza da informação, determinação dos tipos e formatos de fontes de informação, estratégias para utilização das tecnologias da informação e comunicação entre outras, para subsidiar a produção de conhecimento. (GASQUE, 2006, p. 6)

Complementando este conceito, Wilson (*apud* Brum, 2008, p. 45) entende a busca informacional como

[...] o micro-nível do comportamento empregado pelo pesquisador em interação com todos os tipos de sistemas de informação. Consiste de todas as interações com o sistema, se ao nível da interação homem-computador (por exemplo, uso do mouse e cliques nos links) ou ao nível intelectual (por exemplo, ao adotar a estratégia booleana de busca ou ao determinar o critério de escolha de quais dos dois livros selecionados de lugares adjacentes na prateleira numa biblioteca é mais útil), que também envolverá atividades mentais como julgar a relevância de dados ou informações recuperadas.

Para Wilson (*apud* MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 121), a busca informacional decorre do momento em que o indivíduo reconhece uma necessidade de informação e passa a procurar informações em fontes, sejam elas formais ou informais, para sanar essa necessidade. Essa busca pode acontecer em sistemas de informação, registros bibliográficos, ou até mesmo pelo contato direto com outras pessoas que tenham domínio do assunto.

A busca por determinada informação é dependente também da qualidade da fonte de informação que irá determinar o padrão de busca e a facilidade de acessá-la. Wilson (2000) apresenta o conceito de comportamento de busca como sendo aquele com conseqüências para satisfazer a uma necessidade ou atingir um objetivo previamente planejado.

Em seus estudos, Wilson (*apud* MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 121) ainda aponta oito variáveis que interferem no processo de busca de informação, e que influenciam diretamente nas buscas daqueles que procuram sanar uma necessidade de informação. O autor coloca as seguintes variáveis:

- a) pessoais;
- b) emocionais;
- c) educacionais;
- d) demográficas;
- e) sociais;
- f) de meio ambiente;
- g) econômicas;
- h) relativas às fontes (acesso, credibilidade, canais de comunicação).

Leckie; Pettigrew; e Sylvain (*apud* MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007 p. 120), colocam que as variáveis que podem afetar o processo de busca da informação estão diretamente relacionadas à:

- a) fatores demográficos - idade, profissão, especialização, estagio na carreira, localização geográfica;
- b) as relacionadas ao contexto - situação da necessidade específica;
- c) relacionadas à freqüência - necessidade recorrente ou uma nova necessidade;
- d) necessidade em decorrência da capacidade de prevê-la- necessidade inesperada;
- e) necessidades de acordo com a sua importância - ou seja, de acordo com sua urgência;
- f) necessidades complexas - de fácil o difícil solução.

Pettigrew e Sylvain (*apud* MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 120), colocam dois fatores como sendo aqueles que influenciam de maneira decisiva na busca informacional dos usuários de uma unidade de informação. São eles:

- a) fontes de informação – local onde são procuradas as informações;
- b) conhecimento da informação – o conhecimento direto ou indireto das fontes, o processo de busca e das informações recuperadas que podem auxiliar o usuário na busca de informação.

Nesta perspectiva, o usuário só irá satisfazer sua necessidade de informação caso faça o uso de fontes de informação que lhe sejam relevantes. Também se faz necessário que tenha um suporte de como lidar com essas fontes, que podem variar de formato, e contar com o auxílio de um bibliotecário, que os instrumentalize quanto a sua usabilidade, facilitando o processo de busca.

A busca de informação é influenciada por fatores cognitivos, emocionais e situacionais, e é externada pelos comportamentos dos indivíduos nessa ação. Esse comportamento é demonstrado por Ellis em seu modelo: iniciar, encadear, vasculhar, diferenciar, monitorar, extrair, checar e terminar (CHOO, 2006, p. 113). No esquema abaixo se pode verificar como os fatores influenciam a busca da informação, conforme Choo (2006):

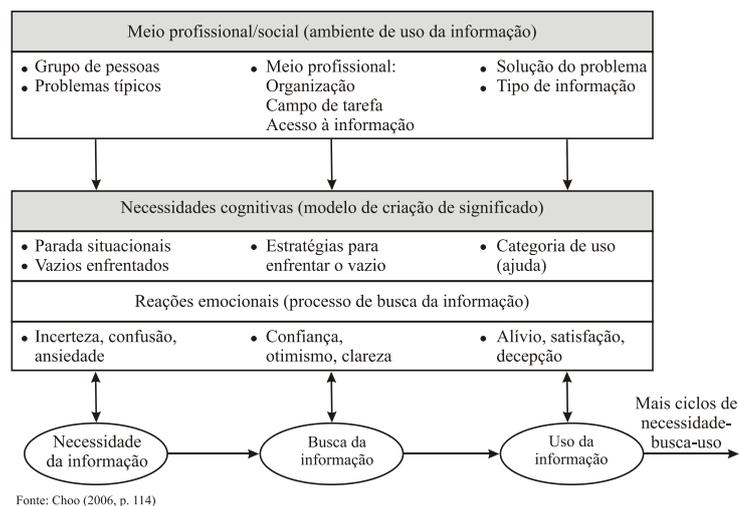


Figura 3: Influência de fatores na busca de informação
Fonte: Choo (2006, p. 114).

Observa-se também que o ambiente, social ou profissional, pode induzir ou restringir o comportamento de busca da informação. Em uma organização, as atitudes em relação à informação, os requisitos da tarefa, o acesso às fontes de informações, os instrumentos e os serviços são todos fatores que influenciam o processo de busca da informação.

Cognitivamente, Dervin (*apud* CHOO, 2006, p. 115) vê “a busca de informação como uma tentativa de preencher os vazios de conhecimento”. Quanto às reações emocionais Kuhlthau descreve como a incerteza surge e diminui no curso da busca da informação, e a confiança vai crescendo no mesmo processo (CHOO, 2006, p. 115). O estado de espírito e o volume de informação podem influenciar também o

processo de busca pela informação, no que se refere à profundidade e a extensão da busca.

Assim, se a informação encontrada e satisfizer sua necessidade, indivíduo terá nova direção e se sentira mais seguro e confiante para seguir adiante.

3.1.5 O uso da Informação

O uso da informação se dá quando o indivíduo usa a informação selecionada para solucionar um problema, tomar decisão, etc., sendo o resultado disso uma mudança no nível de conhecimento e na ação do indivíduo. Após encontrar a informação, o indivíduo avalia sua relevância, tanto no aspecto cognitivo e emocional, quanto na sua objetividade, a fim de determinar a pertinência da informação para uma situação problemática. Os padrões de uso da informação são influenciados pelas diferentes idéias dos diferentes grupos de pessoas do que é solução de um problema. O uso da informação é categorizado em:

- a) Esclarecimento: a informação é utilizada para criar um contexto ou dar significado a uma situação.
- b) Compreensão do problema: a informação é usada de uma maneira mais específica, para permitir melhor compreensão de um determinado problema.
- c) Instrumental: a informação é usada para que o indivíduo saiba o que e como fazer.
- d) Factual: a informação é usada para determinar os fatos de um fenômeno ou acontecimento, para descrever a realidade.
- e) Confirmativa: a informação é usada para verificar outra informação.
- f) Projetiva: a informação é usada para prever o que provavelmente vai acontecer no futuro.
- g) Motivacional: a informação é usada para iniciar ou manter o envolvimento do indivíduo, para que ele prossiga num determinado curso de ação.
- h) Pessoal ou política: a informação é usada para criar relacionamentos ou promover uma melhoria de status, de reputação ou de satisfação pessoal. (TAYLOR, 1991 *apud* CHOO, 2006, p. 117).

O uso da informação corresponde à maneira como as pessoas utilizam as respostas encontradas e está relacionado com o tipo de ajuda que a informação pode dar: “[...] criar idéias, encontrar direções ou caminhos, adquirir capacidades, obter apoio ou confirmação, motivar-se, conectar-se aos outros, acalmar-se ou relaxar, sentir prazer ou felicidade e atingir objetivos” (DERVIN, 1992 *apud* CHOO, 2006, p. 117). As reações

emocionais nesse estágio são: satisfação e orgulho, se a busca é bem-sucedida; desapontamento, frustração e falta de confiança se a busca não é bem-sucedida. O indivíduo pode não agir sobre a resposta encontrada ou expandir ou repetir sua busca.

O modelo esboçado por Choo (2006) é orientado ao usuário, por considerar a influência da subjetividade do indivíduo nesse processo e por abranger as diferentes partes do processo desde a identificação da necessidade de informação até o uso da informação. O modelo é complexo pela quantidade de variáveis e pressupostos teóricos envolvidos em cada uma das etapas do processo, exigindo atenção por parte dos pesquisadores.

3.1.6 Modelos de Comportamento Informacional

Modelos são esquemas que possibilitam representar fenômenos ou conjunto de fenômenos e, eventualmente, a previsão de novos fenômenos ou propriedades, tomando como base certo número de leis, em geral obtidas ou testadas experimentalmente (HOUAISS, 2006).

Para Wilson (1999), modelo é uma estrutura para se pensar sobre um problema, em que se pode identificar as relações entre proposições teóricas. O autor afirma que muitos modelos no campo do comportamento informacional são declarações, frequentemente em forma de diagramas, que tentam descrever as atividades de busca de informação, as causas e conseqüências destas atividades ou as relações entre os estágios do comportamento na busca da informação. Segundo Gasque (2008, p. 59) são vários os modelos que demonstram o percurso do indivíduo no processo de busca e de uso da informação foram desenvolvidos.

Existem diferentes classificações para os modelos conceituais, uns são ligados à descrição dos níveis de processamento envolvidos, outros ao grau de completude comportamental desejado. Por exemplo, Allen (*apud* CRUZ, 2008) faz uma análise do conteúdo desses modelos e classifica-os como de natureza cognitiva, social, organizacional e sociocognitiva. Aqui será dada ênfase em duas, a cognitiva e a sociocognitiva.

Na perspectiva cognitiva pode ser citado o modelo do *Sense-Making* de Dervin (1983), que é reconhecido pelos pesquisadores como um divisor de águas na pesquisa de usuários da informação porque volta a atenção para a causa primária de todas as atividades dos usuários, isto é, o desconforto cognitivo.

Na perspectiva social, os modelos representam os usuários da informação primeiro como membros de uma comunidade específica e reconhecem o local social ou o papel profissional como os fatores determinantes para os comportamentos informacionais desses usuários.

Na perspectiva organizacional, os determinantes mais importantes de comportamento informacional são conectados com o tipo de organização ou sistema no quais os usuários trabalham, e os fluxos formais e informais no microambiente da organização. Esses modelos de comunicação na organização mostram que o lugar que um usuário ocupa na estrutura da organização é crucial para saber quão bem informado esse usuário está.

Na perspectiva sócio-cognitiva há a suposição de que o ambiente social exerce influência no conhecimento de uma pessoa. Pesquisadores que assumem essa perspectiva acreditam que o comportamento informacional depende fortemente dos processos de aprendizagem social, que é um conceito introduzido por Wilson (1981).

Quanto ao grau de completude os modelos podem se referir a estágios particulares de aquisição da informação. Alguns modelos se concentram na fase do surgimento da necessidade informacional como os modelos de Dervin (1983) e Wilson (2000).

Nota-se que as classificações são diversas e podem se sobrepor, além de serem complementares entre si e colocarem em evidência vários estágios do processo. Como não é possível apresentar toda a gama de modelos conceituais para necessidades de informação existentes, no contexto desta pesquisa foram escolhidos para discussão mais detalhada apenas os modelos que apresentam uma sequência mais completa do comportamento informacional. Tais modelos se aproximam da abordagem desejada para a identificação das necessidades de informação pretendida e consideram, além do seu uso efetivo, também os fatores que influenciam aspectos cognitivo, ambiental e social.

Os modelos escolhidos são: O modelo de Brenda Dervin por seguir uma abordagem mais completa com relação à forma de mapear necessidade de informação. Segue o modelo de David Ellis, por abordar de forma diferente, centralizado na

característica de comportamento de busca. O de Tom Wilson por dar enfoque especial à questão do comportamento informacional, como resultado de necessidades de informação e apresentam definições importantes para a área. Em seguida o modelo de Carol Kuhlthau, porque aborda o princípio da incerteza do usuário diante a grande quantidade de fontes de informação em sua busca.

3.1.6.1 Modelo *Sense-Making Approach* de Brenda Dervin

Brenda Dervin, em 1983, apresentou ao público a sua abordagem cognitiva de criação de significado, conhecida como *Sense-Making Approach*. Colocada em letras maiúsculas na primeira letra para distinguir de “sense making” ou simplesmente “fazer sentido”, literalmente. Também chamada de Metáfora de Construção de Sentido, ela trabalha diversas disciplinas como Filosofia, Sociologia, Psicologia, Educação, Estudos Culturais, entre outras (RABELO, 2008, p. 74).

As premissas teóricas básicas se assentam em idéias a respeito da natureza da realidade; da relação humana com essa realidade; a natureza da informação e da comunicação; a busca e o uso e os caminhos percorridos nessa busca. As proposições básicas dessa abordagem estabelecem que a realidade é descontínua e permeada de vazios, pois cada momento é novo, uma vez que acontece em outro momento no tempo e no espaço, e que a informação é construída na mente da pessoa, sendo portanto subjetiva.

Diante disso, para criar significado a pessoa move-se no tempo e no espaço (FERREIRA, 1997).

Um novo passo é dado a cada novo momento. Mesmo que o passo seja a repetição de uma ação passada, um novo passo, porque ocorre num novo momento no espaço e no tempo. O movimento é acompanhado pela pessoa, que continuamente cria significado para suas ações e para o ambiente. Enquanto a pessoa for capaz de construir significados, o movimento para frente é possível. Entretanto, de quando em quando, o movimento é bloqueado por uma descontinuidade. A pessoa pára numa situação em que o movimento para frente é impedido pela percepção de um vazio cognitivo. A pessoa perde o sentido interno e a necessidade de criar novos significados. Ela define a natureza do vazio e, baseada nessa interpretação, escolhe táticas para transpô-lo. A busca e o uso da informação são analisados em termos do triângulo situação-vazio-uso [...] (CHOO, 2006, p. 86).

A busca e a utilização da informação são analisadas em termos do triângulo situação ↔ vazio ↔ resultado. O modelo de busca de informação de Dervin, segundo Martínez-Silveira e Oddone (2007, p. 123) foi desenvolvido baseado na teoria da comunicação com o uso da metodologia do *Sense-Making*, que esta relacionada ao estudo do usuário através de elementos como: a) a *situação* que desencadeia de acordo com tempo e o espaço, ou seja, seria o contexto em que o problema informacional surge; b) a *lacuna* que é exatamente a distância entre a situação contextual e a situação que se deseja; c) o *resultado* que representa a consequência do processo do *Sense-Making*.

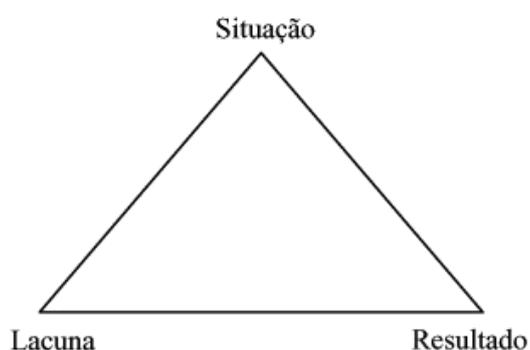


Figura 4: Estrutura do modelo *Sense-Making* de Dervin
Fonte: Silveira e Oddone (2007, p. 123).

Entende-se que a medida central é a dimensão “situação”, que sempre interfere de alguma maneira quando o usuário vê seu movimento bloqueado. O *Sense-Making* considera ser esse bloqueio a origem da busca de informação (RABELO, 2008, p. 81).

A dimensão “lacuna” pode ser definida como um estado anômalo de conhecimento, um estado de incerteza, uma situação na qual um indivíduo está tentando chegar à compreensão de alguma coisa. O usuário identifica uma necessidade de informação quando sente uma lacuna entre seu estado atual e o estado desejado. Significando que ele procurará suprir essa necessidade, buscando informações a partir de, basicamente, quatro fontes: pessoais, comerciais, públicas ou experimentais (LIRA, 2007, p. 68).

A dimensão “resultado” se observa a partir da expectativa do usuário em relação à utilidade da informação.

Segundo Martínez-Silveira e Oddone, (2007, p. 123), para estudar as necessidades informacionais, Dervin empregou a metáfora do modelo do *Sense-Making*: situação-lacuna-resultado e exemplificou a ponte, como sendo o meio de preencher a lacuna entre a situação e o resultado. Toda necessidade informacional surgiria então da descontinuidade no conhecimento provocada por uma lacuna, que em sua rotina cotidiana, os indivíduos procurariam preencher de várias formas, seja estudando, pesquisando ou conversando com outras pessoas.

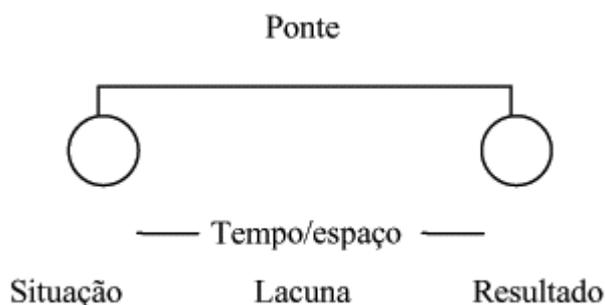


Figura 5: Metáfora do modelo *Sense-Making* de Dervin
Fonte: Silveira; Oddone (2007, p. 123).

Nessa perspectiva, ainda segundo Martínez-Silveira e Oddone, (2007, p. 123)

A satisfação das necessidades informacionais funciona como um acréscimo de degraus na experiência adquirida do indivíduo. Cada momento em determinado tempo e espaço é um novo degrau. Os degraus relacionados à definição e ao fechamento da lacuna configuram estratégias cognitivas necessárias à obtenção de respostas, algo bastante difícil de fazer e que depende do indivíduo e da situação

O emprego da metodologia do *Sense-Making* pressupõe, segundo Ferreira, a aceitação dos seguintes atributos:

- Individualidade:** usuários devem ser tratados como indivíduos e não como conjunto de atributos demográficos;
- Situacionalidade:** cada usuário se movimenta através de uma única realidade de tempo e espaço;
- Utilidade de informação:** diferentes pessoas utilizam informações de maneiras próprias;
- Padrões:** analisando as características de cada usuário, intenta-se chegar aos processos cognitivos comuns à maioria (FERREIRA 1997, p.19).

Segundo Dervin e Nilan (1986 *apud* BRUM, 2008, p. 33), o modelo Situação-Lacuna-Uso (*Situation-Gap-Use*), dentro da abordagem de Dervin, é utilizado

para auxiliar os respondentes a descreverem situações problemáticas por eles vivenciadas. Ou seja, os seus momentos de indecisão, as perguntas que eles formulam para si mesmos, quais as suas lacunas cognitivas, as estratégias adotadas para responder a estas perguntas, bem como as pontes (ligações) encontradas para superar essas lacunas.

O *Sense-Making*, segundo a autora, é estudado para compreender melhor como os indivíduos, por seu contexto cultural, estruturas de poder e o próprio conhecimento, dentro de determinadas situações no tempo-espço, conseguem preencher suas lacunas cognitivas, fazendo a ponte com idéias, atitudes, intuições, etc. para atingir seus objetivos (BRUM, 2008).

O *Sense-Making* possibilita ainda compreender holisticamente o usuário recolocando-o, em seu contexto, com suas lacunas e interpretações singulares da realidade. Sendo assim, a informação é produto da observação humana, inexistindo independentemente do homem, que observa, seleciona, interpreta e utiliza.

A importância do modelo de Dervin está, em parte, em suas consequências metodológicas, pois é capaz de orientar a forma de questionamento que pode revelar a natureza de uma situação problemática, a extensão da informação necessária para preencher a lacuna da incerteza ou a natureza dos resultados do uso da informação. Aplicados consistentemente no micro momento, durante a entrevista, tais questionamentos orientam para genuínos *insights* que podem influenciar os serviços de informação (WILSON, 1999).

3.1.6.2 Modelo de David Ellis

O modelo de Ellis foi baseado no estudo do comportamento de diferentes grupos de cientistas sociais da Universidade de Sheffield. Em seus estudos utilizou entrevistas semi-estruturadas para coleta de dados e a teoria com base nos trabalhos de Barney Glaser e Anselm Straus (CRESPO; CAREGNATO, 2003).

O modelo de comportamento de busca de informação parte do pressuposto de que o processo de busca se dá por meio de aspecto cognitivo, constituído por etapas que não acontecem de forma sequencial, características gerais que não são vistas como

etapas de um processo. Esse estudo foi desenvolvido para apresentar recomendações para o modelo de recuperação da informação, definindo seis características. Posteriormente foi revisto com auxílio de Cox e Hall (1993) que acrescentaram mais duas características, “verificar e finalizar”. O modelo foi estruturado em seis categorias de atividade de busca de informação, definidas como:

a) iniciação - atividades de início da busca onde o indivíduo identifica as fontes de interesse, mediante conversas com colegas, consultas na literatura da área, busca de índice e resumos. Essas informações serão a base para um aprofundamento posterior;

b) encadeamento - prosseguir a busca por meios de ligações entre citações que o levam a outras literaturas, para que possam encontrar novos materiais que lhes sejam relevantes;

c) navegação - busca semi-dirigida por informações em locais potenciais de busca;

d) diferenciação - filtrar e selecionar o material usado por meio de comparações. Ellis identifica seis critérios: facilidade de uso, redução do ruído, qualidade, adaptabilidade, economia de tempo e custo;

e) monitoramento - continuar revendo as fontes identificadas como essenciais;

f) extração - trabalhar sistematicamente com as fontes de interesse; (GASQUE, 2008).

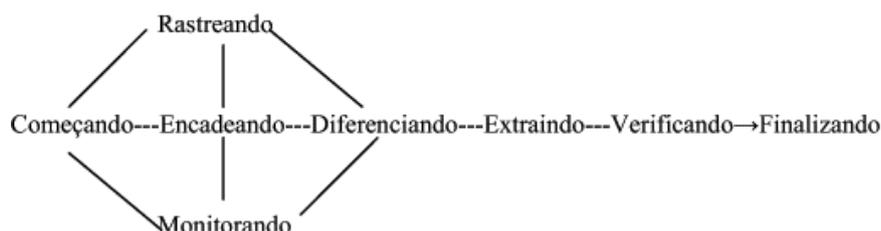


Figura 6: Fases do comportamento de busca informacional de Ellis

Fonte: Silveira e Odone (2007, p. 124).

A importância do modelo de Ellis reside no fato de resultar de pesquisa empírica e de ter sido testado em diversos estudos (WILSON, 1999). “As inter-relações ou interações entre essas categorias em qualquer padrão individual de busca informacional dependerão das circunstâncias específicas da busca em questão naquele

momento particular”.

Ellis (*apud* MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE 2007, p. 124) coloca que as inter-relações ou interações entre as diversas categorias, em qualquer padrão individual de busca informacional, dependem das circunstâncias específicas de busca de cada indivíduo, assim como o momento particular que cada um está vivendo.

O modelo de Ellis ainda hoje serve de apoio a programas de navegadores de Internet e hipertextos. Exemplificando: um indivíduo começar a busca em algumas páginas (começar); segue alguns links para recursos relacionados (encadear); percorrer as páginas e fontes (navegar); selecionar como favoritos algumas fontes para futuras visitas (diferenciar); assinar serviços de alerta por correio eletrônico para receber informações (monitorar); pesquisar uma fonte específica sobre todas as informações necessitadas ou sobre um tópico em particular (extrair) (CHOO, 2006).

3.1.6.3 Modelo de Tom Wilson

Wilson (1981 e 2000) em seus dois modelos não aborda diretamente o problema da necessidade de informação como uma ausência de informação, mas são direcionados para a modelagem dos comportamentos informacionais humanos que são intimamente ligados às necessidades de informação dos usuários. Para Wilson (1981), o comportamento informacional refere-se às atividades de busca, uso e transferência de informação, nas quais uma pessoa se engaja quando identifica as próprias necessidades de informação. O primeiro modelo, criado em 1981, enfatiza a busca ativa da informação a partir da percepção da necessidade de informação, baseada em duas proposições:

a) A informação é uma necessidade secundária que surge dos tipos mais básicos de necessidades, ditas primárias, como a necessidade de procriação, de alimentação e outros;

b) ao buscarem informações, as pessoas, normalmente, deparam-se com barreiras que podem impedi-las de encontrar a informação desejada (GASQUE, 2003, p. 57).

Em seu modelo Wilson (1981) descreve que as necessidades de informação podem ser definidas como psicológicas, afetivas ou cognitivas e se relacionam com três questões básicas. A primeira diz respeito à personalidade do indivíduo. A segunda, está relacionada com os papéis que ele desempenha na sociedade, e a terceira, com os vários contextos ambientais que influenciam os diferentes papéis sociais que ele exerce. Diante a necessidade de informação, indivíduo, provavelmente, envolve-se em atividades de busca de informação, nas quais poderão surgir barreiras relacionadas com as questões descritas. Nesse contexto, os mesmos elementos que estimulam a busca de informação podem dificultar o processo e a maneira como o indivíduo age durante a busca da informação. Portanto, essas barreiras definem o comportamento informacional dos indivíduos (GASQUE, 2003, p. 57).

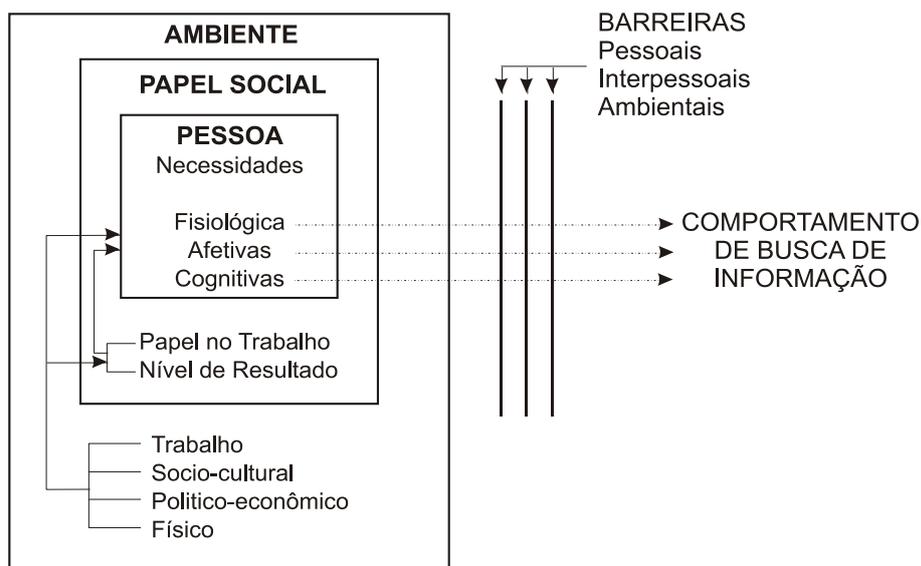


Figura 7: Modelo do comportamento informacional de Wilson
 Fonte: Wilson, T.D. (1983, p.3)

Em 2000, Wilson aperfeiçoou seu modelo de necessidades de informação, sugerindo novos conceitos como: os mecanismos de ativação da necessidade e da busca, o caráter cíclico da busca, a importância do contexto e a categorização de variáveis intervenientes envolvidas com os aspectos individual, social e ambiental do indivíduo. Essas características estão descritas no diagrama a seguir:

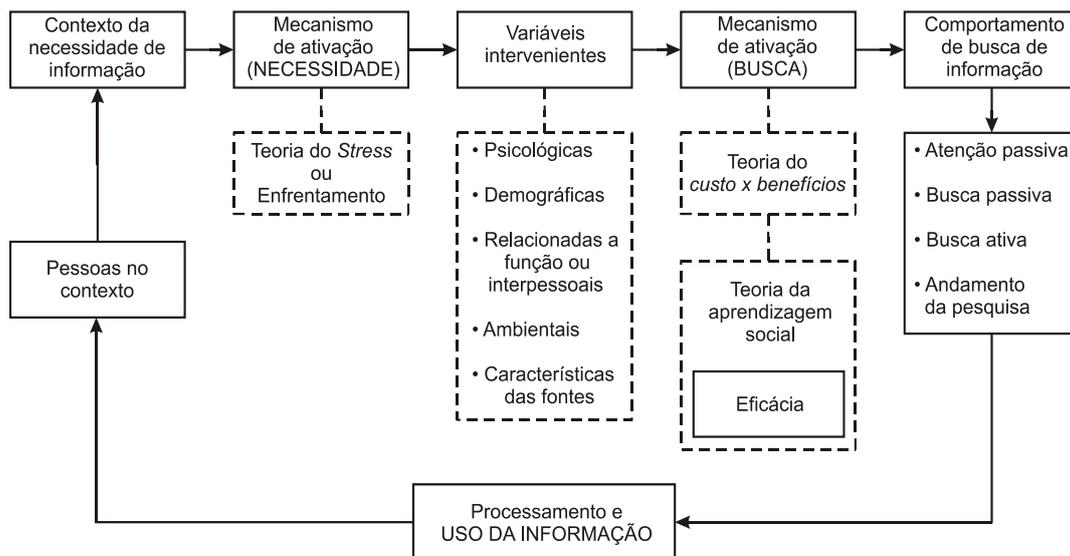


Figura 8: Modelo revisado de comportamento informacional de Wilson
 Fonte: Wilson, T.D. (2007, p.4)

Neste modelo, Wilson argumenta que as características pessoais do indivíduo e as características das fontes de informação influenciam na ocorrência e no tipo de necessidade, podendo alterar a percepção das barreiras para se obter a informação e as maneiras pelas quais as necessidades podem ser atendidas. Assim, nem toda necessidade se transforma em atividade de busca porque ocorrem os mecanismos de ativação que direcionam a pessoa para buscar informação, de acordo com a sua crença. Se existir a crença de já se possuir informações suficientes para decidir, não serão buscadas mais informações (teoria do *stress*) (CRUZ, 2008, p. 105).

A teoria do custo/benefício descrita refere-se à forma de se lidar com uma situação ou resolver um problema: o custo ou o benefício que se nota no processo de busca levará o indivíduo a decidir-se por se envolver ou não na busca pela informação. Além disso, este modelo contempla uma teoria de aprendizagem que, em princípio, melhora a eficácia de busca do indivíduo, e ressalta que o comportamento de busca pode tomar formas variadas (atenção passiva, busca passiva, busca ativa e busca em andamento) (CRUZ, 2008, p. 106).

3.1.6.4 Modelo de Carol Kuhlthau

Carol Kuhlthau é uma das autoras mais citadas no campo do comportamento informacional, pois além das atitudes do indivíduo, avança na compreensão das dimensões cognitiva e afetivas nos processos de busca e uso da informação. Para ela as atividades de pesquisas é muito mais que atividade intelectual, é produto de ações, sentimentos e pensamentos que se passa em cada uma das fases da pesquisa. Com uma visão construtivista da aprendizagem, sua teoria foi denominada Processo de Busca da Informação (*ISP - Information Search Process*) (FIALHO; ANDRADE, 2007, p. 26).

O modelo desenvolvido por Kuhlthau, foi obtido através da análise do processo de busca de informação de estudantes de graduação que estavam desenvolvendo suas monografias. Através deste estudo, Kuhlthau (1991) analisou como este processo se caracteriza, concluindo que o mesmo ocorre através de ações, de pensamentos e sentimentos que acontecem durante os estágios do *ISP*.

O modelo de Kuhlthau detalha os sentimentos que acompanham os indivíduos durante todas as etapas, sendo que estes sentimentos são analisados como inerentes a um processo de busca de informação. A incerteza, a apreensão e, conseqüentemente, a ansiedade, são características importantes da fase inicial, na qual o usuário, na maioria das vezes, ainda não sabe exatamente o que precisa e os seus pensamentos são vagos e muito amplos. Na medida em que usuário vai identificando o que deseja, prevalece um sentimento de otimismo. Este sentimento é permeado por sensações de confusão, questionamento e também de frustração até o momento em que o indivíduo tenha condições de delimitar o foco principal de suas pesquisas.

Para Kuhlthau (1991) o processo de busca de informação é centrado no indivíduo, formando-se através da construção pessoal, na qual o usuário parte da informação para criar novos conhecimentos.

O *ISP* é formado por um conjunto de seis etapas, com um estágio inicial, etapas meio e fim e que representam partes de um processo. A denominação que é dada a cada parte está diretamente ligada a principal atividade realizada na mesma.

Os estágios do modelo *ISP* de Kuhlthau (1999, p. 11) são os seguintes: iniciação, seleção, exploração, formulação, coleta e apresentação, com um estágio

adicional de avaliação. Estes estágios são denominados de acordo com a tarefa primária a ser realizada em cada ponto no processo.

Kuhlthau (1999, p. 11-12) explica sobre os estágios e o comportamento/sentimento dos estudantes no quadro que pode ser visto a seguir:

<i>INFORMATION SEARCH PROCESS - (ISP) - PROCESSO DE BUSCA DE INFORMAÇÃO</i>	
ESTÁGIO	COMPORTAMENTO/SENTIMENTO DO ESTUDANTE
Iniciação: marca o início do processo, quando um projeto ou problema é introduzido pela primeira vez.	O estudante fica frequentemente confuso e inseguro em relação a como proceder. Inicialmente seu pensamento centra-se no que o professor deseja e em exigências mais mecânicas da tarefa. Ao contrário, seu pensamento necessita voltar-se para o que ele já sabe, para novos questionamentos que aparecem e direcionar-se para as oportunidades de aprendizagem que o projeto oferece.
Seleção: É o momento para o estudante identificar um tópico geral de pesquisa.	Após selecioná-lo, ele tem uma pequena sensação de otimismo, por ser capaz de realizar a tarefa. Entretanto, alguns estudantes levam mais tempo do que outros nesta tarefa. Aquele que não seleciona logo o seu tema de pesquisa torna-se geralmente ansioso por estar atrasado em relação ao grupo. O ritmo do processo de pesquisa pode variar enormemente de acordo com a pessoa e o problema.
Exploração: É o mais difícil de todo o processo. [...] O aluno precisa mais ser guiado na tarefa de explorar informação para definir um foco para sua pesquisa, do que apenas coletar fontes irrefletidamente.	Após a escolha de um tema geral, o estudante espera ser capaz de ir diretamente para a fase de coleta da informação e finalizar a tarefa. [...] É comum durante este estágio que a confiança do estudante diminua drasticamente, à medida que ele encontra informação inconsistente e incompatível, [...] o estudante pode começar a duvidar da conveniência do tema, da adequação das fontes de informação, e de sua própria habilidade para realizar a tarefa. [...] Quando o estudante confunde o estágio de exploração com o de coleta, acaba aplicando estratégias de coleta na tarefa de exploração [...] Quando os dois estágios se confundem, o estudante tem dificuldade ao final do projeto, quando está preparando a apresentação. Frequentemente copia partes inteiras de um texto porque ainda não formou sua perspectiva pessoal sobre o que escrever, o que ocorre porque não entendeu o que leu.
Formulação: É conceitualmente o mais importante. [...] formar uma perspectiva focalizada, a partir da informação que leu e sobre a qual refletiu [...] O foco fornece uma ideia guia, um tema ou uma linha na qual basear a coleta de informação; fornece a estrutura para construção de conhecimento e aprendizagem novos.	Quando o estudante se torna consciente da necessidade de estabelecer um foco para seu trabalho, adquire uma estratégia para selecionar informação e para compreender a forma de usá-la, muito mais do que simplesmente localizá-la. O estudante precisa de orientação no uso da informação que o leve a pensar, refletir e interpretar a informação que está reunindo. O projeto começa então a tomar forma.
Coleta: A tarefa do estudante é reunir informação que defina e apoie o foco estabelecido no estágio anterior; o foco é, posteriormente, delineado e aclarado.	O estudante faz conexões e extrapolações a partir da informação reunida. Muitas das estratégias usadas na pesquisa tradicional em biblioteca são úteis neste ponto, como por exemplo, a pesquisa exaustiva por assunto e a anotação detalhada.

Apresentação: A tarefa do estudante é completar o projeto, descrevendo a perspectiva focalizada e preparando-se para apresentar para os colegas o conhecimento obtido.	Este pode ser um estágio difícil caso a fase de formulação tenha sido mal trabalhada, principalmente para o estudante que simplesmente copiou trechos de algumas fontes e que realmente não refletiu muito sobre o significado da informação coletada.
Avaliação: O estudante revê todo o processo, examinando o progresso obtido, bem como o que aprendeu.	Isto o ajuda a relembrar as fases do processo de pesquisa o que pode ser útil na elaboração de novos projetos, e a pensar nelas como seu próprio processo de aprendizagem.

Tabela 4: *Information Search Process (ISP)* - Processo de Busca de Informação

Fonte: Kuhlthau (1999, p. 11-12) in SEMINÁRIO

O Quadro abaixo mostra um panorama do *ISP*, apresentando os estágios que o compõem e os elementos que são ligados a estes, que são: os sentimentos, os pensamentos, as ações e por fim, a tarefa identificada por Kuhlthau como adequada a cada etapa.

Estágios	Início	Seleção	Exploração	Formulação	Coleta	Apresentação
Sentimentos (afetivos)	Incerteza	Otimismo	Confusão Frustração Dúvida	Clareza	Senso de direção/ confiança	Satisfação ou desapontamento
Pensamento (cognitivo)	Vago → Focado					Crescimento constante →
Ações (físico)	Buscando informação relevante → Buscando informação pertinente					

Tabela 5: Panorama do *ISP (Information Search Process)*

Fonte: Kuhlthau (2004, p. 82) in Fialho e Andrade (2007, p.26)

A autora desenvolveu dentro processo de busca da informação o princípio da incerteza, conforme descrito por Choo (2006):

“A incerteza diante de uma falta de compreensão, de um vazio de significado, de uma construção limitada, inicia o processo de busca da informação. A incerteza é um estado cognitivo que costuma provocar sintomas emocionais de ansiedade e insegurança. A incerteza e a insegurança são comuns nos primeiros estágios do processo de busca da informação. Os sintomas emocionais de incerteza, confusão e frustração estão associados a pensamentos vagos, confusos, sobre um determinado tópico ou questão. Quando o estado de conhecimento muda e surgem pensamentos com um foco claro, uma mudança correspondente é percebida no crescimento da confiança” (CHOO, 2006, p. 91).

O princípio da incerteza é esclarecido por meio de seis argumentos (CHOO 2006, p. 92):

- a) A busca da informação é um processo de construção de conhecimento e de significado (construtivista).
- b) A formulação de um foco ou ponto de vista é o ponto de mutação do processo de busca.
- c) A informação encontrada pode ser redundante ou original.
- d) O número de possibilidades da pesquisa é influenciado pelo estado emocional do usuário e sua atitude em relação à tarefa de busca.
- e) O processo de busca implica uma série de escolhas pessoais, baseado na expectativa sobre as fontes, informações e estratégias.
- f) O interesse e a motivação crescem a medida que a busca prossegue.

Kuhlthau (1991, *apud* FIALHO; ANDRADE, 2007, p. 27) também discute o comportamento informacional sob a perspectiva dos usuários, em situações de busca de informação, tendo como base a teoria cognitiva. Os aspectos cognitivos e afetivos sugerem que há uma lacuna entre o processo natural de uso da informação dos usuários e os modelos tradicionais dos sistemas e serviços de informação. Declarando que a ansiedade é um sentimento comum nos estágios iniciais de busca de informação, mas que essa incerteza pode ser antecipada pelos sistemas e intermediários da informação, melhorando a provisão de informação em cada um dos estágios.

O modelo *ISP*, incorporado aos programas de educação de usuários, pode tornar as pessoas mais conscientes a respeito do processo de pesquisa, e possibilitar que elas compreendam mais efetivamente os sentimentos que afetam o uso da informação. Ele ainda oferece uma articulação das experiências comuns dos usuários, e quando é compartilhado pelos mesmos, pelo intermediário da informação e pelo sistema, pode subsidiar a interação desses elementos (FIALHO; ANDRADE, 2007, p. 27).

4 BIBLIOTECA ESCOLAR

A escola, como disseminadora do conhecimento, é considerada parte fundamental no processo de formação do indivíduo. Segundo Corrêa *et al.* (2002, p. 107) “através do ensino escolar, são transmitidas noções gerais de história e cultura que

servirão de base para toda a transformação que o indivíduo poderá sofrer e/ou exercer sobre a sociedade”. É na escola onde ocorrem os primeiros ensinamentos em termos de leitura e escrita. É através dela também que o indivíduo inicia sua formação para a vida e para o mundo, dando o primeiro passo rumo à composição de seu intelecto e de sua personalidade, que o acompanharão durante toda a vida.

Atualmente, pode-se dizer que a educação vem sendo moldada segundo perspectivas construtivistas para a realização das práticas pedagógicas escolares. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN),

A perspectiva construtivista na educação é configurada por uma série de princípios explicativos do desenvolvimento e da aprendizagem humana que se complementam, integrando um conjunto orientado a analisar, compreender e explicar os processos escolares de ensino e aprendizagem (BRASIL, 1997, p.36).

Os mesmos parâmetros dizem ser necessária a mudança nos métodos educacionais para que os sistemas de ensino-aprendizagem das instituições de ensino públicas e particulares possam ser transformados, deixando assim de lado algumas imagens construídas pela pedagogia tradicional (BRASIL, 1997).

Por muito tempo a pedagogia focou o processo de ensino no professor, supondo que, como decorrência, estaria valorizando o conhecimento. O ensino, então, ganhou autonomia em relação à aprendizagem, criou seus próprios métodos e o processo de aprendizagem ficou relegado a segundo plano. Hoje sabe-se que é necessário ressignificar a unidade entre aprendizagem e ensino, uma vez que, em última instância, sem aprendizagem o ensino não se realiza (BRASIL, 1997, p. 36).

O aluno, seguindo os moldes educacionais construtivistas, hoje é visto como sujeito ativo no processo de construção de seu conhecimento. A efetivação desse processo de aprendizagem se dá através do estabelecimento das ligações entre os conteúdos escolares do educando, e o que ele já possui de conhecimento prévio. (BRASIL, 1997).

Através dos PCN pretende-se então que o educando participe de forma ativa do processo que envolve sua educação. E para isso é necessária que a mesma utilize recursos que facilitem a integração e dinamização do processo ensino-aprendizagem dos estudantes. Entre os variados instrumentos existentes, destaca-se a biblioteca escolar, recurso indispensável ao apoio educacional, didático-pedagógico e cultural do estudante (FACHIN; HILLESHEIM, 2003).

Segundo Sales (2004, p. 55-56),

[...] entende-se que a formação integral dos sujeitos, de sua autonomia crítica, de sua capacidade de discernimento, de entendimento da realidade, que sua capacidade de dialogar sobre questões sociais e políticas, enfim que a formação de seu senso crítico se dá a partir de acesso à informações que lhe permita abstração. Entende-se também que a biblioteca é um centro gerador e disseminador dessas informações, e que a biblioteca escolar, por estar atrelada à instituição formal de educação deve contemplar estas características para poder formar cidadãos.

Oferecer capacitação aos estudantes para que eles possam desenvolver aptidões e condições em benefício de seu desenvolvimento pessoal, social e profissional são obrigatoriamente garantias que a escola deve oferecer. Este alcance pode ser conquistado no ambiente da biblioteca escolar, por meio de recursos facilitadores do ensino-aprendizagem do aluno. (FACHIN; HILLESHEIM, 2003, p. 36).

Para Campello (2005, p. 7), numa sociedade letrada, caracterizada por abundância de informações, faz-se necessário preparar as crianças e jovens para serem usuários competentes da escrita e para que possam selecionar e interpretar criticamente as informações. A autora considera que a biblioteca escolar

[...] mais do que um estoque de conhecimentos, pode constituir-se em um espaço adequado para desenvolver nos alunos o melhor entendimento do complexo ambiente informacional da sociedade contemporânea (Campello, 2005, p. 7).

Segundo Moriconi (1987, p. 52), a biblioteca escolar

[...] funciona como elemento de apoio, enriquecimento e instrumental do currículo, no esforço de atender às necessidades e interesses dos alunos, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento máximo de suas necessidades, no campo social e intelectual. Como tal, vincula-se diretamente à escola, seguindo a mesma política educacional de caráter público ou particular, de 1º e/ou 2º grau.

Para Silva (1995, p. 76) “a biblioteca escolar é um espaço democrático, conquistado e construído através do fazer coletivo (alunos, professores e demais grupos sociais”.

Por muito tempo persistiu-se o conceito tradicional de que a biblioteca escolar seria o depósito de livros que completava as instalações escolares, um local resguardado, protegido, silencioso, e sem nenhum atrativo (MORICONI, 1987, p. 51). Apesar de esta ainda ser a realidade de muitas bibliotecas escolares brasileiras, o que a literatura atual da área aponta é que a visão da biblioteca escolar se renovou e desenvolveu um novo caráter, enfatizando seu papel ativo dentro das instituições de

ensino, ampliando suas atribuições básicas e a sua participação no processo de educação e difusão da informação técnico-científica e cultural (SANTOS, 2008).

Mas para que a biblioteca se torne um lugar ativo é preciso que a biblioteca crie condições envolvendo produtos e serviços de informação que sejam coerentes com as necessidades dos seus usuários, tanto as que eles próprios conhecem e conseguem identificar, como as que eles não conhecem. Simão (*apud* SANTOS, 2008, p. 19) comenta que “ativar a biblioteca é torná-la um lugar ativo, dinâmico, e ao mesmo tempo acolhedor a todas as propostas que visem o entrosamento usuário-biblioteca [...]”

De acordo com Fragoso (2002, p. 124),

[...] a biblioteca escolar é um centro ativo de aprendizagem. Nunca deve ser vista como mero apêndice das unidades escolares, mas como núcleo ligado ao pedagógico. O Bibliotecário trabalha com os educadores e não apenas para eles ou deles isolados. Integrada à comunidade escolar, a biblioteca proporcionará a seu público leitor uma convivência harmoniosa com o mundo das ideias e da informação.

Silva (*apud* SANTOS, 2008, p. 19) definiu a biblioteca escolar da seguinte maneira: “A biblioteca escolar é um espaço democrático, conquistado e construído através do 'fazer' coletivo (alunos, professores e demais grupos sociais) [...]”. Entende-se que o fazer coletivo é um conjunto de ações desempenhadas para suprir e atender as demandas da comunidade escolar, e por isso é importante atentar-se para as funções que ela deve desempenhar, funções estas que irão diferenciá-la dos demais tipos de bibliotecas.

O Manifesto da UNESCO (1999, p. 1) aponta que a missão da biblioteca escolar é

“[...] promover serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios”. Essa missão pressupõe que a biblioteca escolar ofereça assistência ao aluno em relação à sua aprendizagem, disponibilizando materiais em diversos suportes para que os alunos conheçam as diversas fontes de informação e à partir disso adquiram habilidades para localizar, avaliar e utilizar a informação de modo que consigam satisfazer suas necessidades de informação.

Fragoso (2002) define duas funções para a biblioteca, a educativa e a cultural. A função educativa representa o esforço à ação do aluno e do professor ao atuar como instrumento de auto-educação, motivar a busca do conhecimento, incrementar a leitura e auxiliar na formação de hábitos e atitudes de manuseio, consulta e utilização do livro, da biblioteca e da informação. Para o educador, a biblioteca tem

como objetivo complementar as informações básicas e oferecer seus recursos e serviços à comunidade escolar. Quanto a função cultural, a biblioteca oferece várias possibilidades de leituras de mundo e contato com diversas manifestações culturais, o que favorece a ampliação dos conhecimentos.

Fragoso (2002, p. 27-28) afirma que nas funções educativa e cultural estariam subentendidos os objetivos da Biblioteca Escolar, como estão relacionados a seguir:

- a) cooperar com o currículo da escola no atendimento às necessidades dos alunos, dos professores e dos demais elementos da comunidade escolar;
- b) estimular e orientar a comunidade escolar em suas consultas e leituras, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de selecionar e avaliar;
- c) incentivar os educandos a pensar de forma crítica, reflexiva, analítica e criadora, orientados por equipes inter-relacionadas (educadores + bibliotecários);
- d) proporcionar aos leitores materiais diversos e serviços bibliotecários adequados ao seu aperfeiçoamento e desenvolvimento individual e coletivo;
- e) promover a interação educador -bibliotecário- aluno, facilitando o processo ensino-aprendizagem;
- f) oferecer um mecanismo para a democratização da educação, permitindo o acesso de um maior número de crianças e jovens a materiais educativos e, através disso, dar oportunidade ao desenvolvimento de cada aluno a partir de suas atitudes individuais;
- g) contribuir para que o educador amplie sua percepção dos problemas educacionais, oferecendo-lhe informações que o ajudem a tomar decisões no sentido de solucioná-los, tendo como ponto de partida valores éticos e cidadãos.

Para que a comunidade escolar sinta vontade de freqüentar o ambiente da biblioteca escolar ela deve ser inserida em local iluminado, arejado, compatível com o número de alunos da escola, composta de produtos e serviços para que tenha um mínimo de adequação ao ambiente em que se encontra e também para proporcionar conforto e estabilidade, visando atrair os seus usuários. “[...] os componentes essenciais para uma biblioteca são: acervo, equipamento, pessoal capacitado e especializado e, por último, entrosamento direção - professores - bibliotecário” (SANTOS, 1989, p. 101). Faz-se necessário então refletir sobre alguns destes pontos.

A respeito do espaço físico da biblioteca, a escola que a mantém deve se atentar para o espaço que ela irá compor. Para Cavalcante, (2005, p. 6) a biblioteca “necessita estar situada em local estratégico e de grande circulação de professores e alunos para que possam sentir-se convidados a frequentá-la [...]”.

De acordo com Caldeira (2008, p. 47)

Esse espaço reflete de maneira muito clara o papel que é destinado à biblioteca pela instituição que a mantém. Se desempenhar uma função educativa preponderante na escola, por exemplo, visando a proporcionar aos alunos oportunidades de leitura intensa e autônoma, além de incentivar a busca de informações para responder a questionamentos e solucionar problemas, então a biblioteca será um espaço amplo, com instalações confortáveis [...] O planejamento do espaço da biblioteca deve ser feito em função do acervo e do uso que se pretende dela fazer. Além de salas para abrigar o acervo geral, a coleção de referência e a de periódicos, devem ser previstas salas para estudo individual e de grupos, locais específicos para uso de equipamentos (computadores, gravadores, videocassetes), lugar separado para a coleção infantil para atividades com crianças menores além de sala de projeções.

O espaço físico de uma biblioteca escolar, de maneira geral, deve ser um local em harmonia com o gosto do público, prazeroso de estar, em que todas as crianças e jovens se sintam bem, conseguindo realizar leituras, pesquisas e demais tarefas escolares com qualidade.

A esse respeito Furtado (2004, p. 9) acrescenta que

O clima austero, pesado e convencional das bibliotecas está sendo substituído por um ambiente de descontração, colorido e acolhedor. A justificativa para esse fato são as mudanças no mobiliário, decoração e na distribuição do espaço interno. O planejamento deve ter como princípio deixar o estudante em harmonia com o espaço, fazer com que ele se sinta à vontade para ler, estudar, pesquisar etc.

O estigma de espaço para castigo de alunos ou de depósitos de materiais está então sendo deixado de lado. Ao contrário a biblioteca passa ser vista como um local alegre, onde se compartilham conhecimentos, exercitam a cidadania, e praticam o zelo do patrimônio comum.

O acervo também é um dos aspectos mais relevantes de uma biblioteca, seja ela de que natureza for. Ele pode ser definido como “o conjunto de coleções que, separadamente, são constituídas por tipo de publicação/documento” (MACEDO, 2005, p. 318).

No caso da biblioteca escolar, é desejável que os materiais sejam bastante variados e estejam organizados de modo diferenciado do que nas bibliotecas para os adultos. Isto se justifica pelo fato do público deste tipo de biblioteca ser bastante heterogêneo, abrangendo desde as crianças ainda não alfabetizadas, até aqueles que devem estar aptos a desenvolverem pesquisas escolares e a utilizar a biblioteca e outros recursos informacionais com autonomia. (MATA; SILVA, 2008, p. 1)

Além das fontes de informação bibliográficas, como os livros,

enciclopédias, revistas e jornais, os materiais audiovisuais também assumem importância fundamental na composição do acervo, na medida que possibilitam a observação de imagens com maior concretude. Assim, “os recursos audiovisuais, tais como slides, programas de TV, filmes, vídeos, desenhos e fotografias, constituem meios que a biblioteca precisa agregar a seu acervo” (CAMPELLO *et al.*, 2001, p. 78).

É preciso que a biblioteca da escola possua um acervo que possa atender às necessidades de toda a comunidade escolar, devendo esse acervo ser diversificado, atualizado, organizado e estar em plenas condições de uso, e em quantidade suficiente para que possa atender a todos que dele precise.

No entanto, para que a biblioteca seja funcional e de relevância, nem todos os materiais recebidos pela biblioteca escolar devem compor o seu patrimônio. Sobre este aspecto, segundo Abreu (2008, p. 30)

[...] a coleção da biblioteca não é um conjunto de materiais reunidos aleatoriamente e sem nenhum propósito. Para constituir um recurso didático eficiente o acervo da biblioteca tem que ser formado e desenvolvido com critério, levando em conta o projeto pedagógico da escola e o contexto em que ela se insere.

Oliveira (1987, p. 82) acredita que

O nível da importância conferido às bibliotecas não mais se mede pelo número de obras ou seu poder, mas pela qualidade e forma de divulgação de seu acervo, pela participação do leitor, pela variedade de serviços prestados, por tudo que ela representa junto à comunidade como espaço cultural.

Cavalcante (2005, p. 6) diz que a definição dos critérios para compor o acervo da biblioteca escolar deve ser feita em conjunto pela comissão constituída por representantes docentes, discentes, funcionários, pais e bibliotecários, que possam selecionar obras de qualidade e que estejam de acordo com as necessidades da comunidade escolar. Desta forma, a biblioteca poderá formar um acervo que corresponda às necessidades de sala de aula, cunho didático e pedagógico e ensino-aprendizagem.

Segundo as diretrizes da IFLA/UNESCO (2005), devem-se incluir os seguintes elementos na formulação da política de aquisição de acervo para biblioteca escolar:

- a) missão da biblioteca e escolar, conforme o Manifesto da IFLA/UNESCO.
- b) declarações de liberdade intelectual.
- c) liberdade de informação.
- d) finalidade da política de desenvolvimento da coleção e sua relação com a escola e com os programas de ensino.

e) objetivos a curto e longo prazos (UNESCO, 2005, p. 10).

As Diretrizes da IFLA/UNESCO (2005) para biblioteca escolar também atentam para a importância quanto a interação dos próprios estudantes para a formação do acervo que irá compor o ambiente da biblioteca.

[...] romances populares, música, videogames, videocassetes, DVDs, revistas e cartazes. Esses materiais podem ser selecionados em cooperação com os estudantes para assegurar que reflitam seus interesses e cultura, sem ultrapassar os limites razoáveis de padrões éticos (UNESCO, 2005, p. 11).

As mesmas diretrizes, também propõem que a biblioteca deva possuir uma média de 10 livros por estudante. “Uma escola de menor porte deve ter pelo menos 2.500 itens relevantes e atualizados, para proporcionar um acervo amplo e equilibrado a usuários de todas as idades, habilidades e bases de conhecimento.” Acrescenta que, pelo menos 60% desta coleção devem estar relacionados aos programas escolares (UNESCO, 2005, p. 11).

Porém, as propostas até então citadas que compõem o que seria um modelo ideal de biblioteca escolar ainda são utópicas no contexto brasileiro. Sabe-se que as bibliotecas das escolas do nosso país são extremamente deficitárias, tendo em vista que nossos bibliotecários não são valorizados ou não dão valor ao seu trabalho. Como consequência deste fato, a própria instituição não crê que a biblioteca seja um setor importante e que deve receber valor igual a qualquer outro.

Conforme descrito por Silva (1995, p. 11) em sua obra “*A miséria da Biblioteca Escolar*”, no Brasil, observa-se uma indiferença relativa à biblioteca escolar, principalmente na escola pública do ensino fundamental. Segundo o autor pouco se sabe de iniciativas do governo que tenham por objetivo o melhoramento das condições de funcionamento das bibliotecas nas escolas brasileiras, e que talvez não seja apropriado mencionar que se procure um melhoramento das mesmas “para não dar a falsa impressão de que até existem certas condições de funcionamento, que apenas precisam ser aprimoradas”, pois, às vezes, não se pode afirmar que as bibliotecas das escolas públicas constituem-se de fato como bibliotecas (1995, p. 12-13).

Silva também aponta que existe uma apatia por parte dos bibliotecários, que segundo o autor estão mais preocupados com a comunicação científica e sistemas de informação automatizados do que com temas como a biblioteca escolar no Brasil (SILVA, 1995, p. 20). O autor ainda discorre sobre a indiferença demonstrada por

professores, afirmando que estes se recusam a utilizá-la, e renegam seu papel no processo de ensino-aprendizagem. Esta indiferença, para o autor, se explicaria pela sua formação, que em seus cursos e livros didáticos poucos mencionam sobre a importância da unidade de informação escolar como instrumento complementar ao processo de aprendizagem (SILVA, 1995).

As bibliotecas brasileiras, sempre foram raras enquanto espaço de interação social e ação cultural, onde contribuíssem para o desenvolvimento cognitivo do seu público.

“De fato, quando existem nas escolas espaços denominados bibliotecas, estes passam, na maioria dos casos, de verdadeiros depósitos de livros ou, o que é pior, de objetos e natureza variada, que não estão sendo empregados no momento, seja por estarem danificados, seja por terem perdido sua utilidade. Às vezes a “biblioteca” é um armário trancado situado numa sala de aula, ao qual o professor se dispõe a abri-lo... quando a chave é localizada [...]. E, na melhor das hipóteses, ou nas menos pior, a biblioteca é o espaço onde os alunos vão copiar verbetes, trechos ou parágrafos dos mesmos livros e enciclopédias “receitados” pelos professores [...]” (SILVA, 1995. p. 13).

Silva (1995), no entanto, destaca uma visão mais otimista acerca deste assunto quando menciona que a biblioteca escolar poderia alcançar melhorias, através do trabalho conjunto entre a biblioteca escolar e a comunidade (escolar e como um todo), buscando alternativas de tornar a biblioteca um espaço pedagógico, educativo, comprometido com a função social da escola de maneira a contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus fazeres e deveres.

4.1 O BIBLIOTECÁRIO E O USO EFETIVO DA BIBLIOTECA

Não é somente a estrutura física e material que compõem o ambiente da biblioteca escolar. A eficácia de uma biblioteca escolar depende também do quadro de pessoal que nela atua, e em destaque, do desempenho do bibliotecário escolar. É graças ao seu eficiente trabalho que a biblioteca pode existir, pois de sua ação e conhecimento depende a biblioteca para ser capaz de atender às necessidades informacionais dos alunos e dos demais leitores que dela precisarem (OLIVEIRA, 1987, p. 83).

Sales (2004, p. 40) define bibliotecário como:

“[...] um profissional da informação que produz e dissemina informações sobre documentos e seus conteúdos, atuando também como mediador dessas informações, ou seja, o bibliotecário é o profissional capacitado a atender as necessidades informacionais de todos os usuários, sejam de bibliotecas, ou de qualquer centro de documentação”.

Segundo o Manifesto da UNESCO (1999, p. 3) “[...] o bibliotecário escolar é o membro profissionalmente qualificado, responsável pelo planejamento e gestão da biblioteca escolar”. O bibliotecário possui conhecimento para manter a estrutura organizacional da biblioteca segundo as técnicas biblioteconômicas que lhes foram ensinadas, e pode ainda criar projetos e/ou atividades para atrair os usuários à biblioteca, devendo estar integrado ao projeto pedagógico da escola, fazendo parte das discussões e da elaboração deste (MATA, 2006).

A função de mediador, administrador, gestor, disseminador da informação é a do profissional bibliotecário. Ele pode atuar em diversas áreas, sem necessariamente ter especialidade em só uma delas.

Cabe ao bibliotecário difundir as fontes de informação, impressas ou eletrônicas, obras de referência e afins, para que seus usuários sejam efetivos no manuseio de todos os suportes e meios de comunicação. A biblioteca, sendo considerada como uma extensão da sala de aula, deve considerar seus recursos como um complemento dos materiais de metodologias e escolares.

Os bibliotecários têm buscado humanizar seu trabalho, mais reconhecido por seu caráter tecnicista, não só garantindo aos seus usuários o direito à informação, mas, também, agregando a sua identidade profissional essas mudanças. A esse respeito Sales (2004, p. 41) coloca que “[...] uma profissão meramente tecnicista está fadada à extinção, por isso sua evolução pode fazer com que a história continue a ser escrita com outro enredo.”

Grande parte dos cursos de formação para bibliotecários possuem caráter tecnicista em seus currículos, através da aprendizagem de normas, regras e códigos. Porém, tratar a informação não significa somente catalogar e classificar, mas sim pensar como o conteúdo disponibilizado irá, de alguma forma, aprimorar o conhecimento de alguém e atender suas necessidades de informação.

No Brasil, da mesma forma que a biblioteca escolar raramente é vista como um espaço pedagógico, o bibliotecário, quando existente na escola, principalmente nas escolas de ensino público, raramente é considerado como um educador. Seu

reconhecimento técnico ainda está acima do papel de agente pedagógico que o mesmo deveria ter.

A esse respeito, Sales (2004, p. 54) salienta que:

O que costumeiramente acontece é que por exigência do estabelecimento de ensino, ou por falta de consciência do próprio bibliotecário, relacionada a seu papel pedagógico, a demanda de serviço como (simples) organização de estantes e empréstimo de livros, acaba por ocupar quase todo o tempo, restando apenas alguns poucos momentos para uma atividade de interação direta com o estudante e demais membros da comunidade escolar que envolva o emprego de técnicas pedagógicas.

O bibliotecário, atuando como agente pedagógico pode e deve desempenhar um papel de agente transformador na escola, deixando para trás o isolamento e a passividade que lhe são tão atribuídas. Fragoso (2005, p. 170) relaciona o usuário e o bibliotecário no seguinte contexto: “[...] um balcão de achados e perdidos, ou seja, leitores perdidos sem encontrar respostas para seus questionamentos diante de profissionais alheios, que não satisfazem os anseios dos que transitam pelo ambiente”. Esta pode ser considerada uma reflexão triste, porém, realista para o contexto do Brasil.

Cativar os alunos a freqüentar o ambiente da biblioteca é papel indispensável ao bibliotecário. Para Caldin (2005) as crianças e adolescentes, quando percebem atitudes inovadoras, criativas, bem humoradas, simpáticas, sentem-se naturalmente atraídas a estarem ali. Isto contribui para que o bibliotecário adquira confiança e garanta a presença dos usuários no ambiente da biblioteca.

Segundo o Manifesto da UNESCO (1999), cabe ao bibliotecário escolar preocupar-se em desenvolver habilidades e competências para lidar com a informação em seus mais variados suportes e instruir seus usuários capacitando-os a fazerem uso das novas ferramentas informacionais.

Modesto (*apud* MACEDO, 2005, p. 351) afirma que o bibliotecário escolar tem papel fundamental de educador, pois "embora não atue na sala de aula tradicional, ainda assim é um professor no desempenho de suas funções informativas, não funções tecnicistas." O autor completa citando algumas funções do bibliotecário educador, como sendo o profissional que

“Planeja situações de aprendizagem na biblioteca escolar, fornece assistência aos estudantes em sua aprendizagem, seleciona e disponibiliza recursos de informações relacionados à temática das aulas aprendidas e demonstra aos professores e estudantes como utilizar esses recursos para a aprendizagem” (MODESTO *apud* MACEDO, 2005, p. 352).

Martucci (*apud* MACEDO, 2005) concorda que o bibliotecário escolar também desenvolve papel de educador. Para a autora ele é um

“[...] bibliotecário-professor, aquele que vai ensinar orientar e facilitar o acesso e o uso da informação e das tecnologias de informação e comunicação, desde o nível da alfabetização informacional e digital, além de desenvolver atividades de promoção da leitura e atividades de animação e ação cultural”.

O bibliotecário escolar, tendo contato direto com os professores e conhecendo o plano de ensino das disciplinas, contribui, à medida que fornece e complementa com recursos da própria biblioteca, para as atividades de ensino-aprendizagem em sala de aula. Desta maneira o bibliotecário conquista o professor e este acaba por fazer da biblioteca o seu aporte pedagógico. (MODESTO *apud* MACEDO, 2005, p. 352).

Atualmente, não cabe mais ao bibliotecário apenas entregar livros, e nem preocupar-se exclusivamente em manter a ordem e organização do ambiente da biblioteca. Um ambiente todo arrumado é um sinal de que ele não está sendo utilizado. Se existe movimentação na biblioteca e bibliotecário para atendê-los e ajudá-los em pesquisas, na busca de livros, e outras atividades, torna-se difícil mantê-la em ordem. O bibliotecário é o agente mediador da relação aluno/biblioteca, e por isso deve apoiar, instruir e motivar o usuário na busca de informações e instigar a utilização deste ambiente.

Outra questão colocada por Macedo (2005) é que nem toda informação disponibilizada é adequada para suprir as necessidades dos usuários. Cabe assim ao bibliotecário facilitar o acesso à informação e que essa informação proporcione entendimento de quem a busca. Porém, não é só a informação que o bibliotecário necessita conhecer, mas também a quem ela será disponibilizada. O apoio às atividades dos docentes de uma instituição não se reduz ao repasse de materiais, mas sim oferecer recursos informacionais a partir do conhecimento de seus usuários, das necessidades de informação, interação com o corpo docente e com os alunos e a possibilidade de essa informação dada poder construir algum conhecimento para este usuário (MACEDO, 2005).

Dentro do contexto atual, do aumento do uso das tecnologias de informação e comunicação, também faz-se necessária a orientação do mesmo referente ao uso das

ferramentas de informação, principalmente na internet, a verificação da veracidade das informações coletadas e a qualidade da informação são questões que o bibliotecário deve intermediar na aproximação do usuário com as tecnologias de informação.

São os bibliotecários os responsáveis por educar seus usuários através da prestação eficaz de seus produtos, serviços, e atividades. E dentre as várias atividades realizadas pela biblioteca, destacam-se a orientação a pesquisa escolar e a disponibilização de fontes de informação para a realização da mesma.

No entanto, para que o aluno ao pensar em pesquisa estabeleça uma ligação desta com a biblioteca da escola, Sales (2004, p. 64), descreve algumas atitudes que o bibliotecário escolar no desenvolvimento de suas funções deve se atentar, como:

- a) conhecer seu usuário;
- b) conhecer a necessidade de informação de seu usuário;
- c) organizar o acervo que tem disponível de modo que consiga recuperar a informação desejada em tempo hábil;
- d) dominar técnicas e tecnologias de acesso à informação;
- e) interagir com o corpo docente;
- f) interagir com os alunos;
- g) vislumbrar a possibilidade que dá ao aluno de construir conhecimento a partir do contato com tal informação.

Também, segundo o Manifesto da UNESCO (1999), compete ao bibliotecário escolar algumas atribuições. Este documento diz que

“O bibliotecário escolar [...] deve ser apoiado tanto quanto possível por equipe adequada, trabalha em conjunto com todos os membros da comunidade escolar e deve estar em sintonia com bibliotecas públicas e outros”.

O bibliotecário escolar tem que saber trabalhar em equipe, conversar com professores a fim de estar ciente dos trabalhos e pesquisas que serão solicitados, para que assim possa ter tempo para fazer um levantamento prévio do material existente na biblioteca. Tendo as informações sido antecipadas pelos professores, o bibliotecário tem melhores condições de ajudar os alunos nas pesquisas. E mesmo que o bibliotecário não encontre na biblioteca da escola as fontes de informação para o aluno, é sua obrigação motivá-lo a persistir com entusiasmo na realização da pesquisa.

O bibliotecário pode ajudar o usuário a desenvolver sua capacidade de pesquisa oferecendo o acesso à informações que irão apoiá-lo na construção de seu conhecimento. No entanto, para o aluno ser esse sujeito pesquisador, ele precisa além de encontrar na biblioteca os materiais necessários para satisfazer suas necessidades de

informação, também contar com o auxílio de profissionais que possam conduzi-lo a aprender e construir novos saberes.

Inicialmente, cabe ao professor ensinar o estudante a realizar pesquisas. Não basta simplesmente indicar o assunto, pois é dever do professor expor e contextualizar o tema da pesquisa. Já ao bibliotecário cabe reforçar a ênfase na pesquisa escolar, oferecendo os recursos e os caminhos para o aluno obter êxito, o que exige do profissional também uma capacidade didática.

O bibliotecário tem papel fundamental na orientação dos alunos quanto à busca de fontes de informação para a realização das pesquisas solicitadas pelos professores em sala de aula. O bibliotecário é que irá orientar o aluno a elaborar o seu trabalho escolar, auxiliando-o a pesquisar nas fontes de informação mais adequadas, e orientando-os a formular proposições e apresentar as idéias dos autores e não apenas a copiar, sem nenhum senso crítico e de valor (KUHLTHAU, 2010).

Hillesheim e Fachin (2003, p. 39) colocam que

“[...] cabe ao bibliotecário escolar a busca pela interação e sua inserção na estrutura funcional da biblioteca, passando a participar de todo o processo organizacional fazendo-se presente no planejamento educacional, inserindo-se no cronograma das atividades das várias disciplinas. Enfim, ser participante ativo na escola como um todo”.

A parceria entre professor e bibliotecário, poderá ser muito útil na idealização e realização de projetos em prol da leitura e da pesquisa escolar. Esses profissionais precisam trabalhar juntos e mostrar aos alunos que a biblioteca é uma extensão da sala de aula.

5 METODOLOGIA

Neste item será apresentada a metodologia utilizada para este estudo, demonstrando a delimitação do campo de pesquisa, a classificação da pesquisa e as etapas e técnicas de pesquisa utilizadas.

Segundo Lakatos e Marconi (2001, p. 83), método “é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite

alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros - traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

Para Fachim (1993, p.36) método é

“[...] um instrumento do conhecimento que proporciona aos pesquisadores orientação geral para planejar uma pesquisa, formular hipóteses, coordenar investigações, realizar experiências e interpretar os resultados. De maneira geral, no campo acadêmico, o método pode ser entendido como a escolha de procedimentos sistemáticos para descrição e explicação do estudo”.

Severino (2002, p. 162) diferencia método e técnica da seguinte maneira:

Entende-se por métodos os procedimentos mais amplos de raciocínio, enquanto técnicas são procedimentos mais restritos que operacionalizam os métodos, mediante o emprego de instrumentos adequados.

Tanto o método, como a técnica se inserem no que se denomina metodologia. Lakatos e Marconi (2001, p. 66) definem metodologia como uma “ferramenta de busca para identificação dos problemas e destruição de erros, mostrando-nos como podemos detectar e eliminar o erro, criticando as teorias e as opiniões alheias e, ao mesmo tempo, as nossas próprias”.

Carvalho (2008, p. 70) entende que a pesquisa

“[...] é um processo de construção do conhecimento que tem como metas principais gerar novos conhecimentos, corroborar e ou refutar algum conhecimento pré-existente. Um processo de aprendizagem tanto do indivíduo que realiza quanto da sociedade na qual se desenvolve”.

No trabalho em pauta, será utilizada a pesquisa de campo, definida por Lakatos e Marconi (2001, p. 186) como aquela “utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”. Gil (2002, p. 53) aponta que a vantagem desse tipo de pesquisa é que por ela ser desenvolvida no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos.

5.1 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Segundo Minayo (1994, p. 53), o campo de pesquisa pode ser definido como o “recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objetivo da investigação”.

Esta pesquisa foi realizada em uma Instituição Escolar, o Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco da cidade de Goiânia, tendo a mesma tido como foco estudar o comportamento informacional dos estudantes que cursam entre o 6º e 9º ano do Ensino Fundamental.

5.1.1 Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco de Goiânia - Caracterização

O Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco¹ faz parte da história dos Salesianos no Brasil que começou no ano de 1883, com a chegada de um grupo de religiosos vindo da Itália, encaminhados por Dom Bosco, para colocar em prática seu carisma e pedagogia, baseados na “razão, na religião e no carinho” para atender as necessidades da população jovem e carente.

A primeira obra Salesianos no Brasil foi à cidade de Niterói, Rio de Janeiro. E hoje atuam em todo o território nacional através de seis Inspetorias Salesianas com sede em Belo Horizonte – MG, Recife – PE, Porto Alegre – RS, São Paulo – SP, Manaus – AM e Campo Grande – MS.

As obras Salesianas se dividem em casas de formação religiosa, paróquias, retiros, missões entre os indígenas, oratórios festivos e diários, obras sociais, escolas do nível infantil ao universitário, rádios, comunitárias, editora, centros audiovisuais, de vídeo-comunicação e pesquisa e se constituem na missão proposta por Dom Bosco.

A rede Salesiana, hoje conta com 10 instituições universitárias, 118 escolas de ensino fundamental e médio, 90 mil alunos, 4 mil educadores, 188 obras sociais e 250 mil crianças e jovens atendidos.

¹ Informações obtidas através do site do Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco de Goiânia. Disponível em: <http://www.ateneusalesiano.com.br/home/index.asp?id_unidade=1>. Acesso em: 29 set. 2010.

O Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco foi fundado em janeiro de 1941, quando chegou a Goiânia o padre Pian, de Silvânia, com os salesianos. A escola começou a funcionar oficialmente em 1942.

O Ateneu Dom Bosco praticamente nasceu com Goiânia e com ela cresceu. Sua história esta entrelaçada com a história de Goiânia, pois em junho de 1941, por meio do interventor de Goiás Dr. Pedro Ludovico Teixeira, foi feita a doação dos lotes para o Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco através de um decreto, e em 29 de dezembro do mesmo ano foi lavrada a primeira Ata estabelecendo o início da matrícula para o curso de administração de férias e os educadores responsáveis pelas disciplinas.

Em junho de 1942 ocorre a inauguração do Colégio tendo a presença de 60 alunos, com os curso de 1º Ginásial, 1º Científico e 1º Técnico em Contabilidade, além do curso de admissão.

Em 1944 inaugurou-se o internato masculino com 44 alunos. Modalidade esta que perdurou até o ano de 1972. A partir de 1973 com a gestão do Pe. Otto da Fonseca, o Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco passou a matricular meninos e meninas.

Após consecutivos anos de construção, investimentos e ampliações, hoje o Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco funciona em dois turnos matutino – maternal ao 9º ano do ensino fundamental II, e vespertino – maternal ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Hoje o Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco tem uma área de 27.000m² disponíveis para os educandos e familiares. Neste espaço encontram dois prédios com amplas e arejadas salas de aula, um ginásio com 3.200m² de área coberta, com 5 quadras poliesportivas, moderna biblioteca com 330m² de área, auditório com capacidade para 456 pessoas, mini-auditório com capacidade para 170 pessoas, excelente laboratório de informática educacional, laboratório de ciências físicas, químicas e biológicas, sala de dança, a Paróquia São João Bosco e o prédio do CESAM (Centro Salesiano do Adolescente Trabalhador).

O Projeto Salesiano de Educação tem como missão “dar aos alunos condições necessárias à formação de cidadãos conscientes e participantes; futuros profissionais de sucesso comprometidos com a construção de uma sociedade melhor e mais justa”. A ação Educativa se afirma e se expande em três eixos: Docência, Assistência-Presença e Práticas e Vivências.

5.1.2 Descrição da População

Segundo Silva e Menezes (2001, p. 32) a “população (ou universo da pesquisa) é a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo”. No caso desta pesquisa, a população estudada foi constituída pelos estudantes da 2ª fase do Ensino Fundamental do Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco de Goiânia, do turno da manhã. Esta escolha se deu por entender que este grupo preenche os quesitos básicos para responder o questionário proposto, por terem faixa de idade que permitiu um acúmulo suficiente de conhecimento através das pesquisas realizadas nos anos de estudos precedentes.

5.1.3 Tipo de Amostragem

Segundo Lakatos e Marconi (2001, p. 163), a amostra consiste em escolher uma parte da população estudada, de tal maneira que ela seja a mais representativa possível do todo, e a partir dos resultados obtidos relativos a essa parte, pode-se inferir, o mais genuinamente possível, os resultados da população total.

Gil (1999, p. 100) define amostra como o “subconjunto do universo ou da população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo ou população”.

A amostra desta pesquisa foi constituída por 61% (sessenta e um por cento) da população estimada dos alunos da 2ª fase do ensino fundamental do Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco de Goiânia, que é de 119 alunos, constituindo-se assim por 73 alunos que responderam aos questionários.

O processo de amostragem deu-se de forma probabilística, especificamente aleatória simples, que segundo Gil (2002, p. 121) “consiste basicamente em atribuir a cada elemento da do universo um número único para, depois, selecionar alguns destes elementos de forma casual”.

5.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Como base teórica no desenvolvimento da metodologia do trabalho foi utilizada o conceito de pesquisa proposto por Lakatos e Marconi (2001, p. 155), que definem pesquisa como sendo “um procedimento formal com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Existem vários tipos de pesquisa, e suas denominações são utilizadas para ordenamento, de acordo com as características e particularidades de cada uma.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, a pesquisa comporta avaliações qualitativas e quantitativas. Segundo Silva e Menezes (2001, p. 20), a pesquisa quantitativa “considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas [...]”. Já a pesquisa qualitativa, é definida por Silva e Menezes (2001, p. 20) como aquela que “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Esta última representa a tentativa de compreensão e análise dos sentimentos envolvidos no processo de busca.

Do ponto de vista de seus objetivos, a pesquisa é considerada como sendo exploratória e descritiva. Andrade (2001, p. 124) diz que a pesquisa exploratória

“[...] é o primeiro passo de todo trabalho científico. São finalidades de uma pesquisa exploratória (...) proporcionar maiores informações sobre determinado assunto; facilitar a delimitação de um tema do trabalho; definir os objetivos ou formular as hipóteses de uma pesquisa ou descobrir novo tipo de enfoque para o trabalho que se tem em mente”.

Gil (1991, *apud* SILVA; MENEZES, 2001, p. 21) apontam a pesquisa descritiva como aquela que “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática”.

No item a seguir serão apresentadas as etapas e técnicas da pesquisa, bem como o instrumento utilizado para coleta dos dados, e os itens que justificam sua escolha.

5.3 ETAPAS E TÉCNICAS DE PESQUISA

5.3.1 Instrumento e coleta de dados

A teoria demonstrada nesta pesquisa apontou para a necessidade de se fazer a coleta de dados utilizando-se de métodos que conseguissem captar os sentimentos dos estudantes envolvidos no processo de busca da informação, e que ao mesmo tempo também atingissem um número maior de usuários devido à amplitude da amostra.

O instrumento selecionado para a coleta de dados foi o questionário, que segundo Silva e Menezes (2001, p. 33):

“[...] é uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, devendo ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções. Estas instruções devem ser capazes de esclarecer o propósito de sua aplicação, ressaltar a importância da colaboração do informante e também facilitar o preenchimento”.

A aplicação de questionário nesse tipo de pesquisa apresenta vantagens, como a economia de tempo para o pesquisador; o alcance a um número maior de pessoas para serem pesquisadas simultaneamente; a obtenção de respostas rápidas e precisas; além da liberdade nas respostas em função do anonimato.

De acordo com Lakatos e Marconi (2001, p. 202), suas principais desvantagens estariam relacionadas a porcentagem pequena de devolução de questionários; perguntas que muitas vezes não são respondidas; impossibilidade de ajuda nas questões mal-compreendidas e a impossibilidade, muitas vezes, de não escolher quem responderá os questionários.

O questionário foi elaborado com questões abertas e semi-abertas, possibilitando ao informante responder livremente e emitir opiniões; e questões fechadas, que permitem respostas mais objetivas, pois são aquelas questões em que o informante escolhe entre opções a resposta (LAKATOS; MARCONI, 2001). Sua aplicação se deu de modo assistido, tendo o pesquisador estado sempre por perto do entrevistado para eventuais esclarecimentos que se fizeram necessário.

Dessa forma, foi necessário elaborar um questionário coerente, para que todos esses fatores não viessem a dificultar o trabalho do entrevistador, mas que esse só obtivesse vantagens em sua aplicação.

O levantamento de dados para o desenvolvimento desta pesquisa foi obtido a partir de revisão literária e também da aplicação de um questionário aos estudantes do Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco de Goiânia, relacionados ao comportamento informacional durante o processo de busca e uso da informação. Os resultados obtidos foram analisados sob a ótica do modelo proposto por Kuhlthau.

O instrumento utilizado para a coleta de dados desta pesquisa baseou-se no questionário aplicado junto aos estudantes do curso de Biblioteconomia da UFMG no ano de 2003 por Campello e Abreu (2005). Foram feitas algumas adaptações em relação ao questionário original visando facilitar o entendimento do mesmo e adaptá-lo ao contexto escolar. Algumas questões referentes a competência informacional dos estudantes não se fizeram pertinentes pelo fato do comportamento informacional ser o foco da pesquisa. No entanto, outras questões foram adicionadas ao questionário. Para verificar o comportamento do estudante referente à etapa de formulação do tema, acrescentou-se uma questão sobre a escolha de um foco para a realização do trabalho. Outra alteração ocorreu com uma questão referente a parte da coleta de informações, onde foi inserido o item “pedir ajuda ao pais” durante a pesquisa do trabalho, tendo o autor percebido que este fora um dos itens mais assinalados pelos estudantes. Duas perguntas também fizeram-se necessárias para responder ao último objetivo específico da pesquisa, de entender a importância que a biblioteca e o bibliotecário tiveram durante o processo de pesquisa do estudante.

Os questionários foram aplicados no segundo semestre de 2010, do dia 28 à 30 de setembro, no ambiente da escola, durante o período da manhã. Optou-se por aplicá-los durante o horário do intervalo, para que não houvesse interferência nas atividades escolares dos alunos. No questionário foi solicitado ao aluno que recordasse algum trabalho realizado para fins escolares, em qualquer período ou ano, desde que se lembrasse do tema e da forma como se deu seu desenvolvimento

Vale salientar novamente que o universo de pesquisa foram os estudantes da 2ª fase do ensino fundamental do Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco de Goiânia. A amostragem foi constituída por 73 estudantes, o que representa aproximadamente 61% do universo total de pesquisados, que corresponde a 119 estudantes. Não foi possível

chegar a uma porcentagem maior do universo devido ao tempo escasso. No entanto, por se tratar de um universo relativamente pequeno, acredita-se que com o percentual de amostra obtida, correspondente a mais de 50% do total, foi possível obter resultados satisfatórios.

O instrumento aqui utilizado encontra-se no Apêndice.

5.3.2 Organização e análise dos dados

A organização e análise dos dados foram realizadas após o processo de coleta. A análise do instrumento de coleta de dados foi realizada mediante leitura, identificação e organização dos dados.

Os dados quantitativos foram tabulados e apresentados estatisticamente com os respectivos percentuais das respostas obtidas, e em seguida analisadas de forma descritiva.

Para melhor compreensão, os dados qualitativos foram organizados por meio de categorias temáticas. Para Minayo (1994, p. 70), “[...] as categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Neste sentido trabalhar com eles significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso”.

6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste tópico, será abordada a apresentação dos dados de pesquisa, bem como a análise dos dados. O objetivo de união dos tópicos foi devido à crença de que o texto fica mais organizado, além de facilitar a análise do leitor.

6.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PESQUISADOS

Através do levantamento de dados feito pelo questionário aplicado, buscou-se inicialmente caracterizar os estudantes pesquisados. Primeiramente os estudantes foram solicitados a responder o ano que estavam cursando. A amostra pesquisada, conforme dito anteriormente é composta por estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Os resultados mostram que os estudantes do sétimo e nono ano correspondem à maior faixa de entrevistados, contabilizando 63% do total de respondentes. Os resultados serão apresentados em gráfico para melhor compreensão:

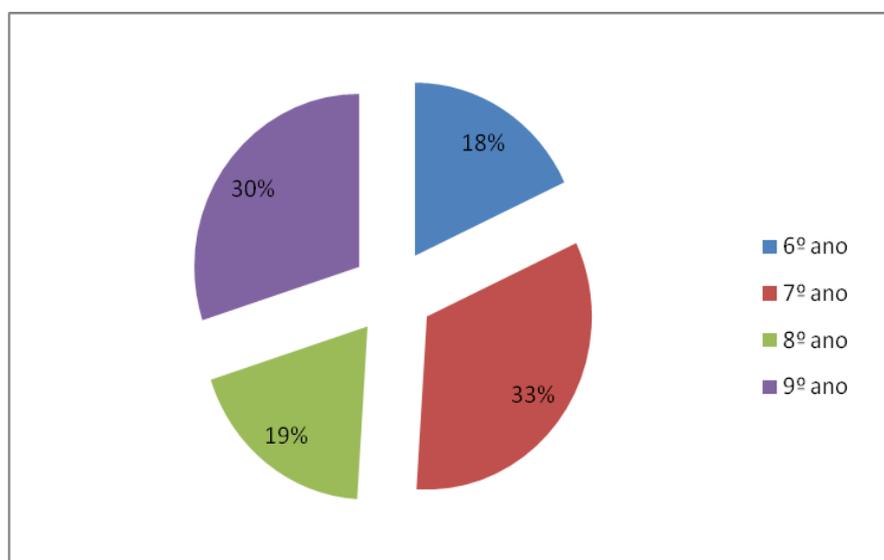


Gráfico 1: Dados de caracterização dos entrevistados - Ano cursado

Fonte: Dados coletados, 2010.

Ainda em relação a caracterização dos pesquisados, verificou-se que do total de estudantes que participaram da pesquisa, 100% estavam matriculados no turno matutino, visto que o Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco de Goiânia oferece aulas para a 2ª fase do ensino fundamental somente no turno da manhã.

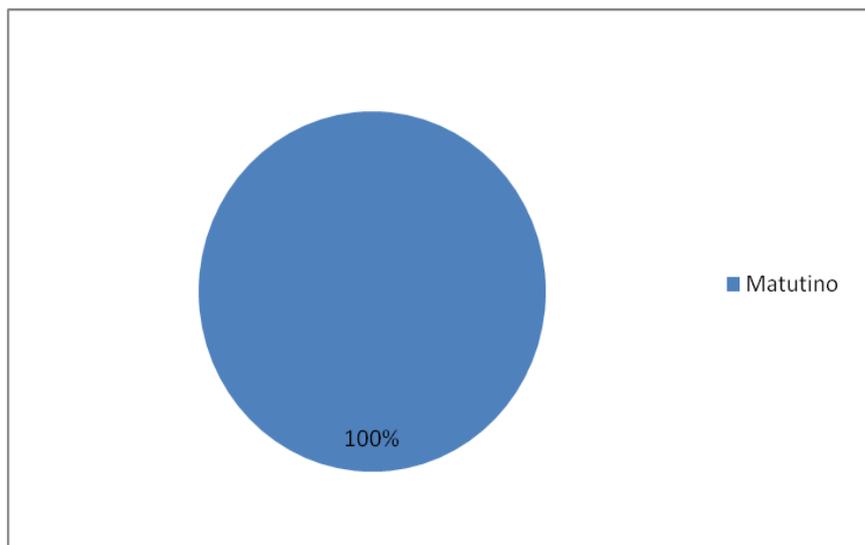


Gráfico 2: Dados de caracterização dos entrevistados - Turno
Fonte: Dados coletados, 2010.

6.2 CARACTERIZAÇÃO DOS TRABALHOS CITADOS

Após caracterizar os estudantes pesquisados, buscou-se então identificar dados sobre os trabalhos de pesquisa citados pelos mesmos. A coleta sobre os dados do trabalho teve início com uma questão referente ao período do ano em que o trabalho foi feito. Tal questão gerou dúvidas nos entrevistados, tendo o pesquisador observado o erro de elaboração apenas na tabulação dos dados, o que resultou em muitas respostas inadequadas. Pelo fato do questionário já ter sido pré-testado por outros pesquisadores, o autor desta pesquisa pensou não ser necessário realizar nenhuma alteração nesta questão.

Grande parte dos estudantes acabaram por confundir o período do ano, que corresponderia ao semestre que o trabalho foi feito, com a série em que o realizaram, ou o ano de sua execução, tendo surgido respostas como “6º ano” ou “2010”. Tais dados foram considerados como inadequados, contabilizando 73% das respostas obtidas, tendo sido considerados apenas 19 % dos entrevistados que corretamente citaram o 1º semestre, e 8% o segundo semestre.

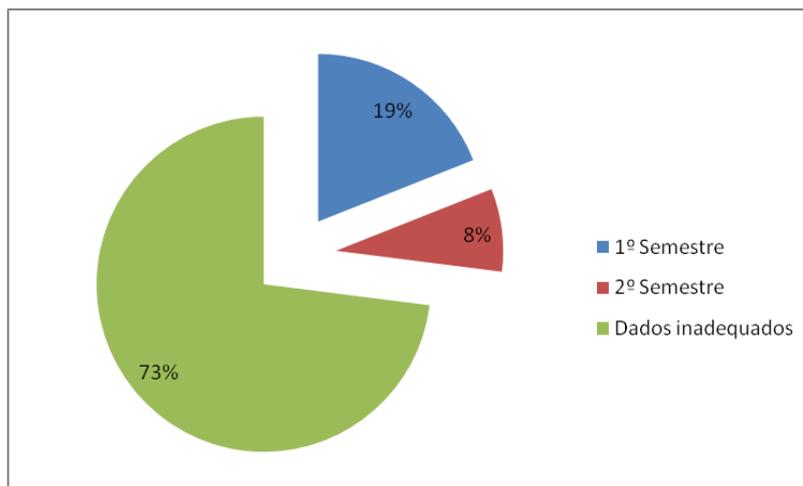


Gráfico 3: Dados do trabalho - Período de elaboração
Fonte: Dados coletados, 2010.

A questão seguinte referiu-se a indicação de bibliografia feita pelo professor para auxiliar na realização do trabalho. Os resultados mostram que apenas 38% dos estudantes receberam esse tipo de orientação, enquanto a grande maioria, 62% dos estudantes, não recebeu. Os mesmos resultados também foram obtidos na pesquisa de Amaral (2009, p. 28), verificando-se em ambos os casos uma falha por parte do professor por não direcionar boa parte dos estudantes ao uso de fontes que poderiam lhe proporcionar maior entendimento para desenvolver o trabalho.

Os resultados estão demonstrados no gráfico abaixo:

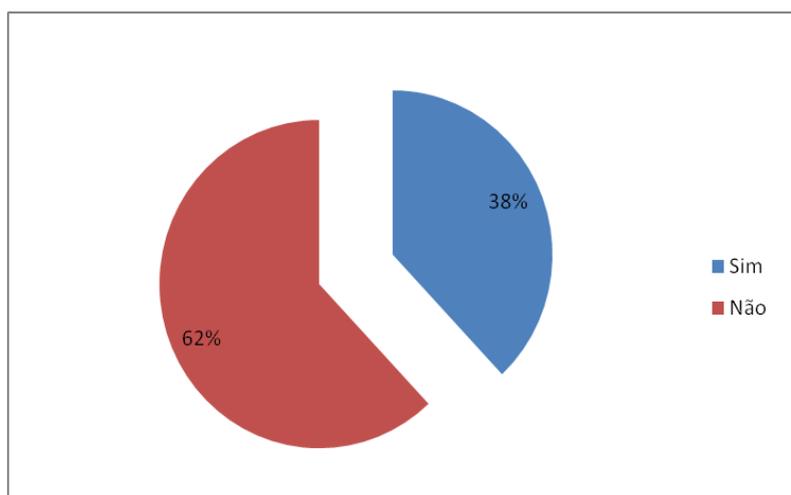


Gráfico 4: Dados do trabalho - Indicação de bibliografia
Fonte: Dados coletados, 2010.

Quando perguntados se o trabalho havia sido realizado em grupo, 73% dos entrevistados responderam que sim, e 27% responderam que não. Os trabalhos feitos em

grupo são importantes para estimular o hábito de trabalhar em equipe e proporcionar aos estudantes oportunidades de crescer e amadurecer através da socialização, no entanto, conforme colocado por Kuhlthau (2010, p. 15) é importante que o estudante passe, pelo menos uma vez, pela experiência de se envolver totalmente com o processo de pesquisa e aprenda a se responsabilizar por sua aprendizagem. É necessário que o estudante desenvolva desde a fase escolar independência para trabalhar individualmente, visto que isso lhe será cobrado na faculdade e durante outras etapas de sua vida.

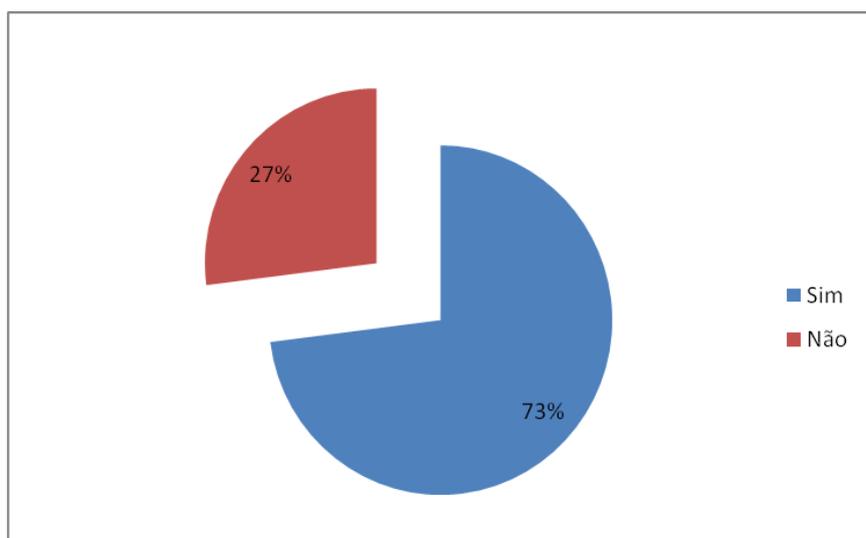


Gráfico 5: Dados do trabalho - Em grupo / individual

Fonte: Dados coletados, 2010.

A questão seguinte fez referência a nota que o estudante conseguiu obter no referido trabalho. Os dados mostram que 78% dos estudantes obtiveram nota máxima, 19% nota média, e apenas 2% nota mínima. 1% dos entrevistados não declararam nenhuma resposta. O que se pode perceber com estes dados é que grande parte dos estudantes obtiveram um bom êxito em relação ao cumprimento do trabalho, visto que é necessário acreditar que o professor avaliou a qualidade do trabalho que foi feito segundo critérios pertinentes. No entanto, mais do que a qualidade do trabalho faz-se necessário avaliar o aprendizado do estudante, e isso nem sempre está refletido nas notas dos mesmos. Ao final desta pesquisa, poderemos avaliar com mais clareza se estas boas notas são reflexos do aprendizado adquirido durante o trabalho.

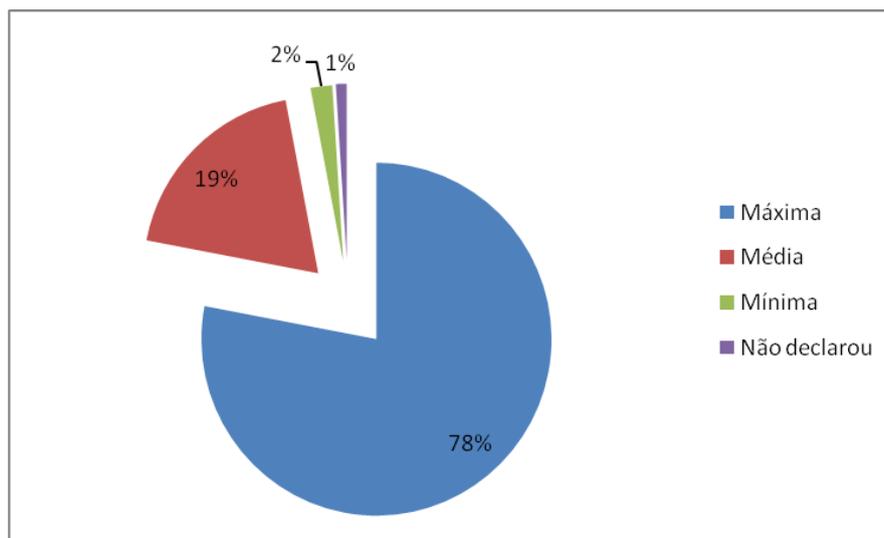


Gráfico 6: Dados do trabalho - Nota obtida
Fonte: Dados coletados, 2010.

6.3 COMPORTAMENTO DE USOS E PESQUISA DA INFORMAÇÃO

Conforme a metodologia proposta por Kuhlthau (1999), o comportamento informacional, ou de usos e pesquisa da informação, pode ser compreendido a partir dos seguintes estágios: Iniciação, Seleção, Exploração, Formulação, Coleta, e Apresentação e Avaliação, sendo as últimas duas sintetizadas por Campello (2005) como encerramento da tarefa. Para identificar o comportamento informacional dos estudantes pesquisados, fez-se necessário avaliar seu comportamento em cada uma destas etapas, conforme demonstrado nos gráficos a seguir.

6.3.1 Iniciação

A iniciação é o primeiro estágio do modelo de processo de busca de informação descrito por Kuhlthau (1999). Dentro do contexto escolar, ele corresponde ao momento em que o professor propõe a realização de alguma tarefa e o aluno se depara com uma necessidade de informação.

Segundo Kuhlthau (2010, p. 28), no primeiro estágio do processo de pesquisa, a tarefa dos estudantes é se prepararem para selecionar o assunto. Primeiramente, precisam compreender o que é esperado deles e quais são as exigências do trabalho. Para isso os estudantes devem estar atentos, e assumirem postura receptiva.

A respeito desse estágio, inicialmente foi perguntado aos estudantes se o objetivo do trabalho havia ficado claro desde o início, ou seja, desde o momento em que o professor solicitou a realização do trabalho. Os dados mostram que 92% dos estudantes compreenderam o objetivo do trabalho, e 8% não conseguiram tal entendimento. O fato da maior parte dos alunos terem tido esse entendimento no início do processo é um fator positivo, pois pressupõe-se que o professor então conseguiu fazer com que os estudantes de fato conseguissem entender qual a finalidade do trabalho e o que se pretendia alcançar com a tarefa proposta.

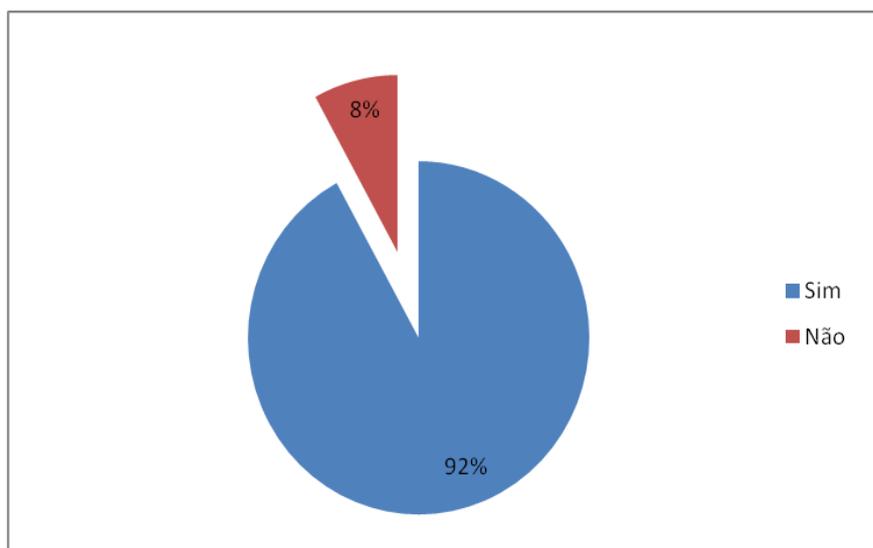


Gráfico 7: Iniciação - Clareza do objetivo

Fonte: Dados coletados, 2010.

A questão seguinte diz respeito aos sentimentos dos estudantes no momento da proposição do trabalho. De acordo com a pesquisa feita, foi permitido assinalar mais de uma resposta para esta questão no questionário, o que impossibilita o cálculo percentual, tratando-se, portanto, de dados brutos.

Os dados mostram que os participantes demonstraram predominantemente sentimentos positivos em relação ao processo, especialmente de confiança, segurança, satisfação e otimismo. Conforme a coleta, 47 estudantes sentiram-se confiantes, 32 seguros, 31 satisfeitos, e 30 otimistas. Poucos alunos demonstraram sentimentos

negativos nessa etapa inicial, tendo sido contabilizados 11 estudantes que sentiram que estavam com dúvidas, 7 confusos, 5 inseguros, 3 com medo, e 3 frustrados.



Gráfico 8: Iniciação - Sentimento inicial
Fonte: Dados coletados, 2010.

6.3.2 Seleção

Segundo Kuhlthau (2010, p. 60), no segundo estágio do processo de pesquisa, a principal tarefa dos estudantes é escolher o assunto para pesquisar. Eles precisam refletir sobre possíveis assuntos, examinar cada um deles cuidadosamente e selecionar aquele que lhe pareça melhor. Neste estágio, deve ser tomada a decisão definitiva, já que o aluno não pode avançar no processo sem a escolha de um assunto. A autora também afirma que a tarefa de selecionar um assunto deve ser considerada como fase integrante do processo de pesquisa, requerendo tempo e reflexão cuidadosa por parte dos estudantes, visto que este não é um procedimento simples que pode ser realizado rápida e facilmente por todos. (KUHLLTHAU, 2010, p. 60).

Kuhlthau (2010, p. 71) coloca que na seleção do tema da pesquisa, a biblioteca e o bibliotecário podem ser de grande ajuda para os estudantes, mas infelizmente eles são considerados como fontes de consulta somente depois que o estudante já decidiu sobre o tema. Entretanto, a biblioteca e o bibliotecário precisam estar envolvidos desde o estágio de seleção do assunto.

A primeira questão desta etapa buscou agrupar em categorias temáticas, no caso em algumas das áreas do conhecimento, as respostas obtidas com relação a qual foi o tema do trabalho, agrupando os resultados para uma melhor visualização e distribuição da informação em gráfico. Foram citados trabalhos de diversas áreas do conhecimento ficando assim divididos: 55% citaram que fizeram trabalho cujo tema era relativo à área de Ciências, 10% de Gramática e Literatura, 8% de História, 8% de Línguas, 1% de Geografia, e 18% dos estudantes não especificaram a qual área do conhecimento correspondia o seu tema, e por isso, foram enquadrados na categoria “Outros”. Nesta última categoria foram colocados assuntos como “futuro do planeta”, “planejamento de cidade”, e “presente e futuro”.

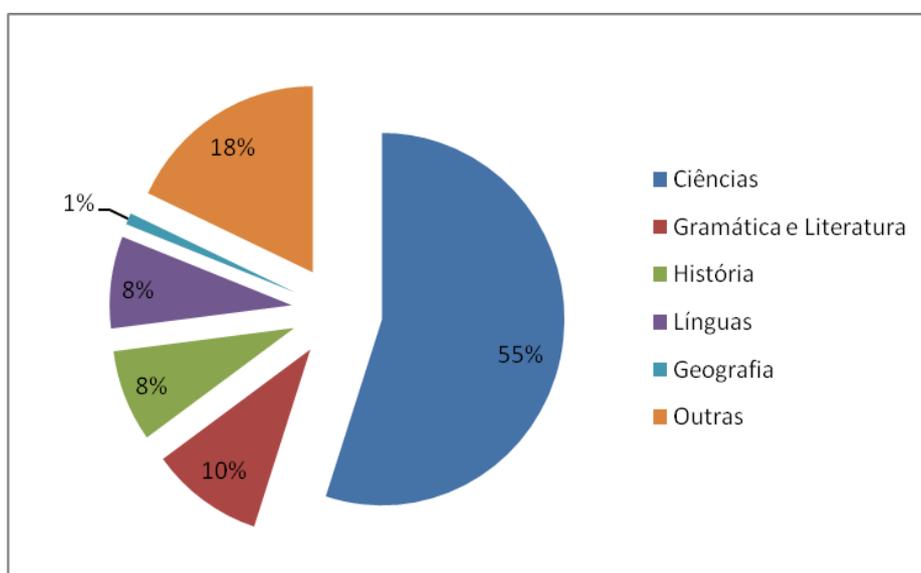


Gráfico 9: Seleção - Área do conhecimento
Fonte: Dados coletados, 2010.

Ainda em relação ao segundo estágio do modelo de busca de informação descrito por Kuhlthau, foi perguntado aos entrevistados se o tema do trabalho havia sido definido pelo professor. 97% dos entrevistados responderam que sim, e 3% que não.

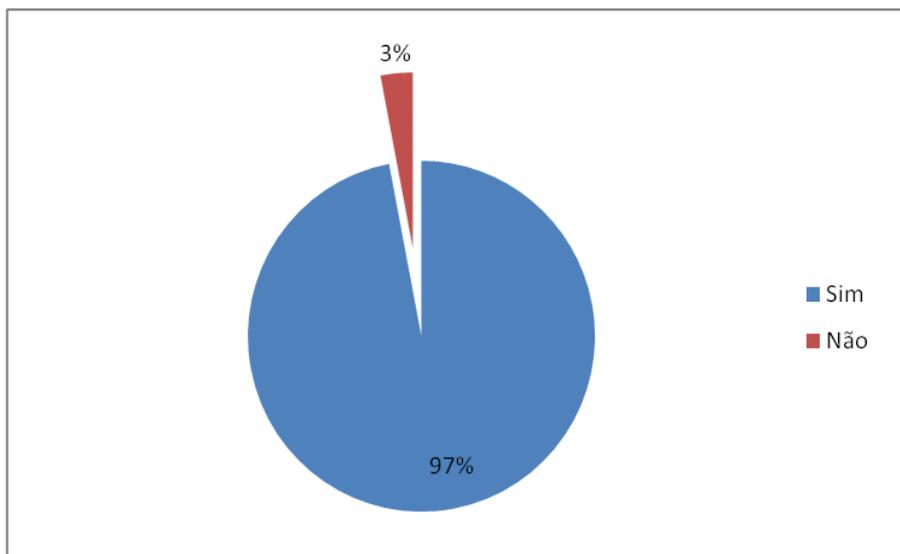


Gráfico 10: Seleção - Definição pelo professor
Fonte: Dados coletados, 2010.

6.3.3 Exploração

Nesta etapa o estudante busca informações gerais sobre o tema anteriormente definido para estabelecer um foco ou um ponto de vista pessoal à respeito do assunto. A procura por essas informações se dá tanto através do contato pessoal feito com outras pessoas quanto através de algumas ações de cunho prático realizadas pelos estudantes. Segundo Kuhlthau (2010, p. 92) o foco proporciona um núcleo significativo a pesquisa, e ele emerge a medida que os estudantes exploram informações, e se desenvolve enquanto eles lêem e aprendem sobre o assunto que escolheram. Os estudantes devem então ser direcionados a buscar o foco depois de terem selecionado o assunto, e para isso, eles precisam de orientação para aprender a usar os recursos informacionais (KUHLTHAU, 2010, p. 93).

A primeira questão desta etapa teve o objetivo de identificar a primeira ação dos estudantes quando o trabalho foi proposto. As respostas foram divididas em categorias temáticas para reunir as respostas que continham mesmo sentido e para facilitar o entendimento e a organização dos dados.

Segundo os dados coletados: 35% dos participantes responderam que sua primeira ação foi pesquisar sobre o assunto; 24% logo já começaram a executar o trabalho, e isso se justifica na maioria das respostas pelo fato de se tratar de um trabalho

prático feito em sala de aula; 10% planejaram como iriam fazê-lo; 8% dos dados foram considerados inadequados pelo fato de que alguns estudantes não compreenderam a questão e disseram sobre os sentimentos experimentados nesta etapa como “eu me senti confortável” e “foi tenso”; 7% anotaram dados; 6% discutiram sobre o tema com o grupo; 4% dividiram tarefas entre o grupo; 3% formaram o grupo; apenas 1% refletiram sobre o tema, que é um fator muito importante para o bom andamento do trabalho; 1% pediram ajuda para fazer o trabalho; e 1% apresentaram a recusa como primeira ação. Todos estes dados estão contempladas no gráfico abaixo:

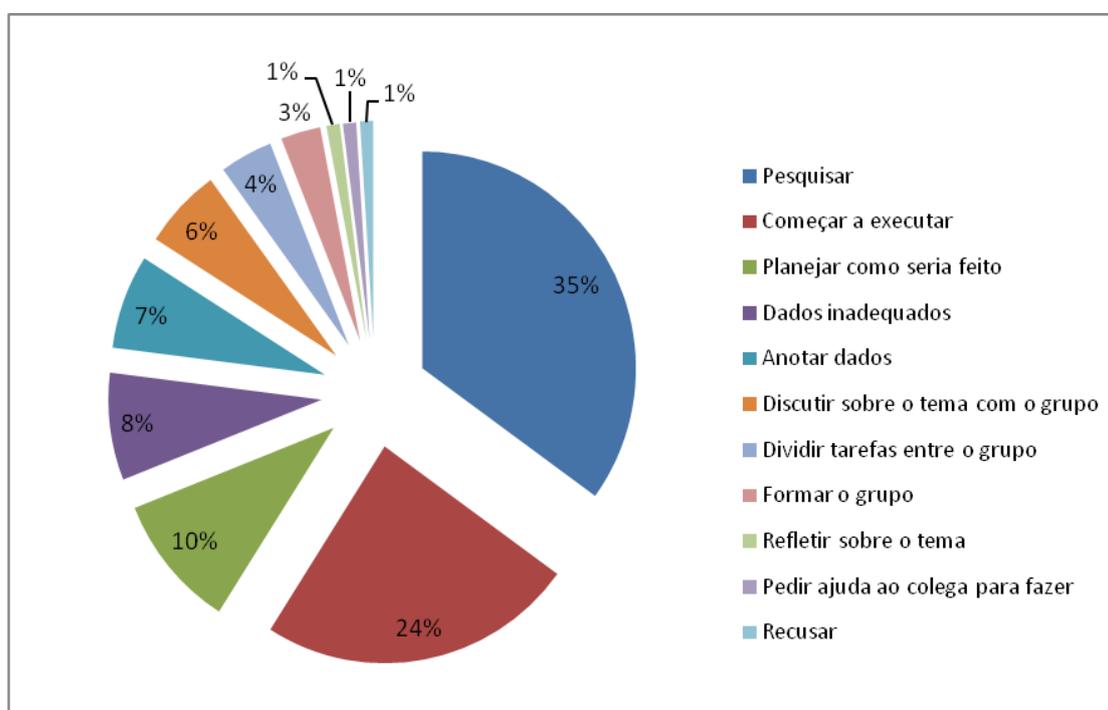


Gráfico 11: Exploração - Primeira ação no início do trabalho
Fonte: Dados coletados, 2010.

Outra questão levantada foi se na fase inicial do trabalho o estudante havia conversado com alguém sobre o assunto. Assim como apresentado no gráfico 8, os dados não foram representados em percentual pela impossibilidade do cálculo. Observa-se pelos resultados, representados por dados brutos, que a maioria dos respondentes, 57 deles, responderam que conversaram com os próprios colegas de classe sobre o assunto do trabalho. O professor foi o segundo mais apontado, contabilizando 48 estudantes. Já o bibliotecário foi procurado por apenas 1 estudante nesta etapa. Os dados encontrados encontram-se dispostos no gráfico 11.

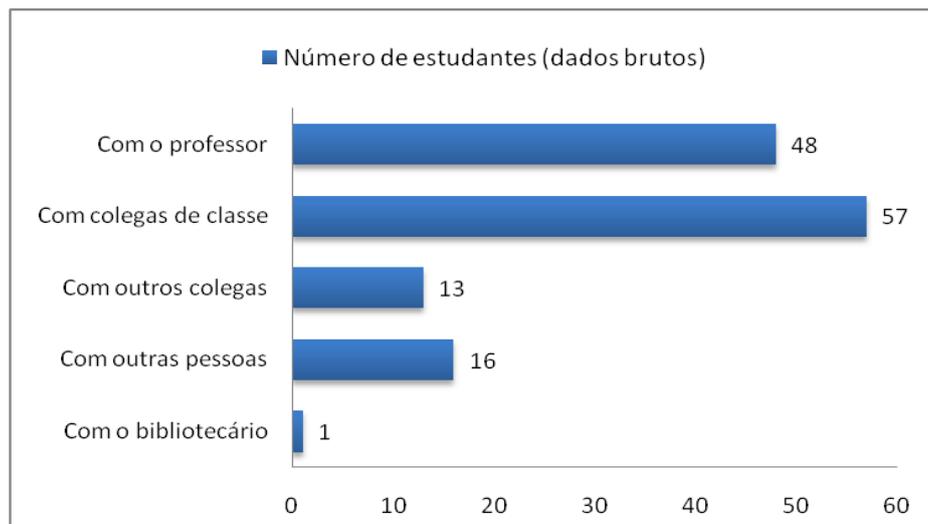


Gráfico 12: Exploração - Estratégias
Fonte: Dados coletados, 2010.

6.3.4 Formulação

Segundo Kuhlthau (2010, p. 126), a etapa de formulação é a mais importante, pois ela consiste em formar uma perspectiva focalizada a partir da informação que o estudante até então leu e refletiu. Nesta etapa define-se a escolha de uma abordagem específica que pareça ser a mais promissora para desenvolver o trabalho, e que servirá de base para a coleta de informações, que é o estágio seguinte descrito no processo de busca da informação (*ISP, Information Search Process*).

Kuhlthau (2010, p. 126) coloca que os critérios para definir o foco são os mesmos utilizados para a seleção do tema: interesse pessoal, requisitos do trabalho, tempo estabelecido e informações disponíveis.

Com relação a esta etapa, foi indagado aos estudantes se eles chegaram a escolher um foco para desenvolver seu trabalho. Mais da metade dos entrevistados, 60%, responderam que sim, e 40% que não.

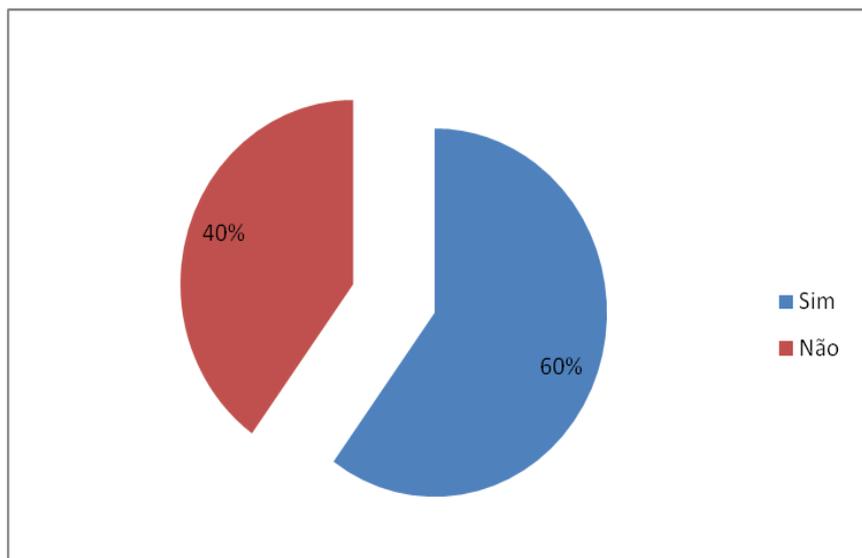


Gráfico 13: Formulação - Estratégias
Fonte: Dados coletados, 2010.

6.3.5 Coleta

Kuhlthau (2010, p. 154) diz que nesta etapa a tarefa do estudante é reunir informações que definam e apoiem o foco que deveria ter sido estabelecido no estágio anterior, de formulação. Ele deverá usar fontes de informação com mais intensidade, objetivando encontrar informações que apoiem suas idéias e que estejam relacionadas ao seu foco. Para isso a tarefa de coletar informações deverá ser realizada de forma metódica, e os estudantes nesta etapa poderão aprender estratégias de usar fontes de informação variadas para reunir material sobre o foco. Segundo Kuhlthau (2010, p. 126) os estudantes precisam entender de que maneira cada tipo de material pode fornecer informações sobre o foco e ser capazes de identificar, ler e tomar notas sobre informações específicas que desejem usar para apresentar o foco no trabalho.

A fase de coleta de informações para o desenvolvimento do trabalho começa com ações tomadas pelos estudantes. A primeira pergunta feita sobre esta etapa buscou identificar algumas dessas ações. Como nos gráficos 12 e 8, foi necessário representar os resultados em dados brutos. Os participantes responderam da seguinte forma: 59 estudantes apontaram como ação a pesquisa na internet; 58 discutiram sobre o assunto do trabalho; 37 tiraram dúvidas com pessoas que conheciam o tópico; 16 consultaram obras de referência como enciclopédias e dicionários; 14 pediram ajuda para os seus

pais; 9 pediram ajuda ao bibliotecário da escola; 5 foram direto às estantes da biblioteca; e 5 consultaram o catálogo da biblioteca. Pelo mesmo motivo explicitado anteriormente, no gráfico 7, não foi possível o cálculo percentual, assim, o gráfico 14 mostra os resultados obtidos:

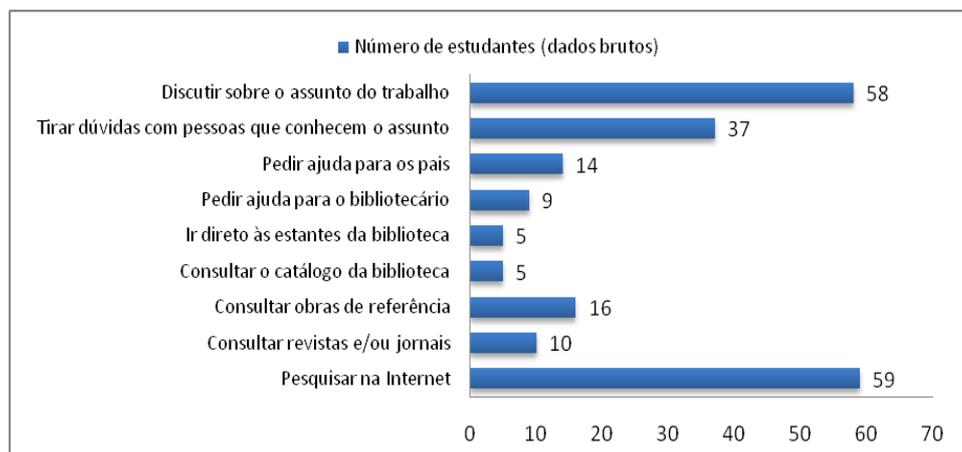


Gráfico 14: Coleta - Desenvolvimento do trabalho.

Fonte: Dados coletados, 2010.

Outra questão referente à etapa de coleta de dados, é se os estudantes, tendo consultado alguma(s) fonte(s) de informação, utilizaram mais de um autor para realizar seu trabalho. Os resultados mostram que a maioria, 42%, fez uso de mais de um autor, em oposição a 32% que não fizeram o mesmo uso. Alguns dados considerados inadequados foram, em sua maioria, devido à confusão por parte dos participantes sobre o que é o autor de um texto. Grande parte deles, por exemplo, considerou como autor os próprios integrantes do grupo. Os dados encontram-se dispostos no gráfico 15 abaixo:

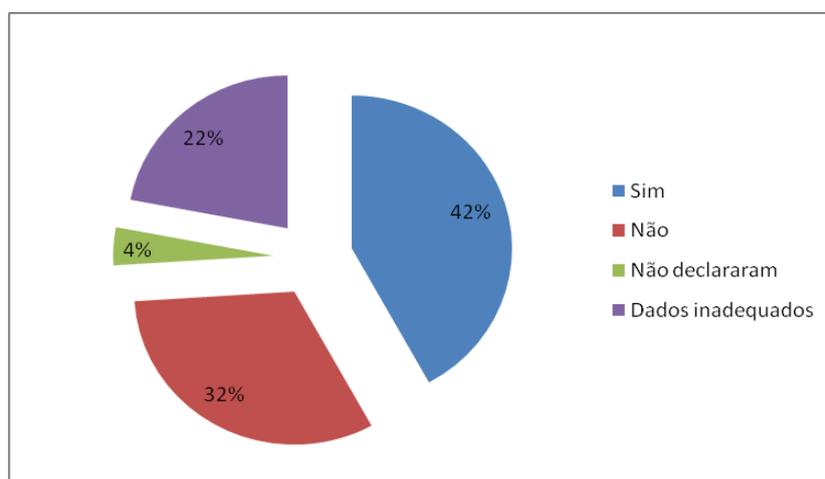


Gráfico 15: Coleta - Uso de mais de um autor

Fonte: Dados coletados, 2010

Quando questionados sobre o possível aproveitamento de conhecimentos/experiências anteriores para desenvolver o trabalho, verificou-se que: mais da metade dos estudantes, 60%, responderam que sim, 33% que não, 6% responderam de forma inadequada, e 1% não declarou. Dentre as colocações consideradas inadequadas, estão algumas como “sim, conheci mais em espanhol” e “sim, aprendi sobre a contaminação acústica”, o que leva a crer que alguns entenderam que se tratavam de conhecimentos adquiridos pós-trabalho.

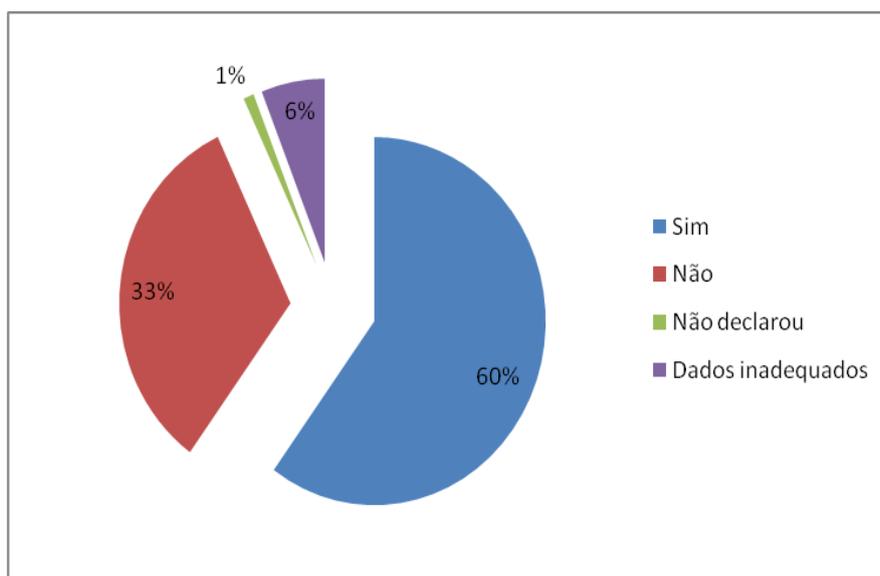


Gráfico 16: Coleta - Aproveitamento de conhecimentos/experiências anteriores.
Fonte: Dados coletados, 2010.

6.3.6 Encerramento da tarefa

Esta etapa é descrita por Kuhlthau (1999) como o estágio onde o estudante revê todo o processo de pesquisa do trabalho, examinando o progresso obtido, bem como o que aprendeu. Eles então revêm o seu desempenho durante o processo de pesquisa para identificar dificuldades e determinar o que poderiam fazer de forma diferente para melhorar. O objetivo desta auto-avaliação seria refletir sobre a aprendizagem e identificar em que etapas do processo serão necessárias, futuramente, mais orientação e prática (KUHLTHAU, 2010, p. 226).

A primeira questão desta etapa levou o estudante a fazer uma reflexão sobre o que ele havia achado mais difícil durante a realização do trabalho. Por se tratar de uma

questão aberta, ela foi dividida em categorias temáticas para facilitar a compreensão. As respostas obtidas mostram que: 38% dos participantes apontaram que o mais difícil foi o desenvolvimento do trabalho, 32% apontaram não ter sentido nenhuma dificuldade, 8% citaram a organização das informações, 7% o relacionamento inter-grupo, 7% responderam de forma inadequada, 1% entender o conteúdo, e 1% não respondeu a questão. Os dados estão representados no gráfico abaixo:

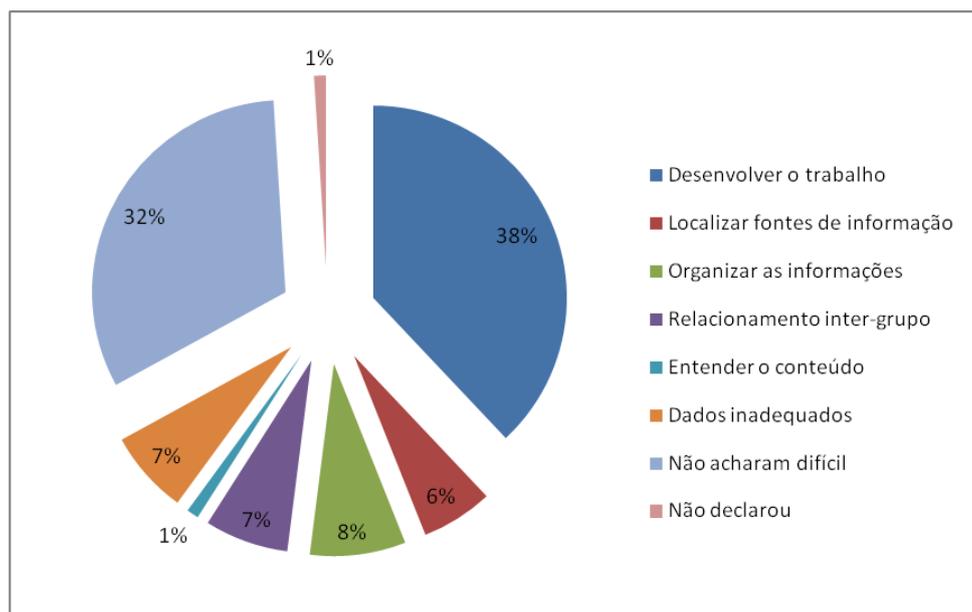


Gráfico 17: Encerramento da tarefa - Dificuldades.
Fonte: Dados coletados, 2010.

Em relação a ter formado uma opinião própria a respeito do assunto estudado no momento de finalização do trabalho, foi constatado que 86% dos entrevistados responderam afirmativamente à questão, 11% não chegaram a formar opinião própria, e 3% se abstiveram em responder.

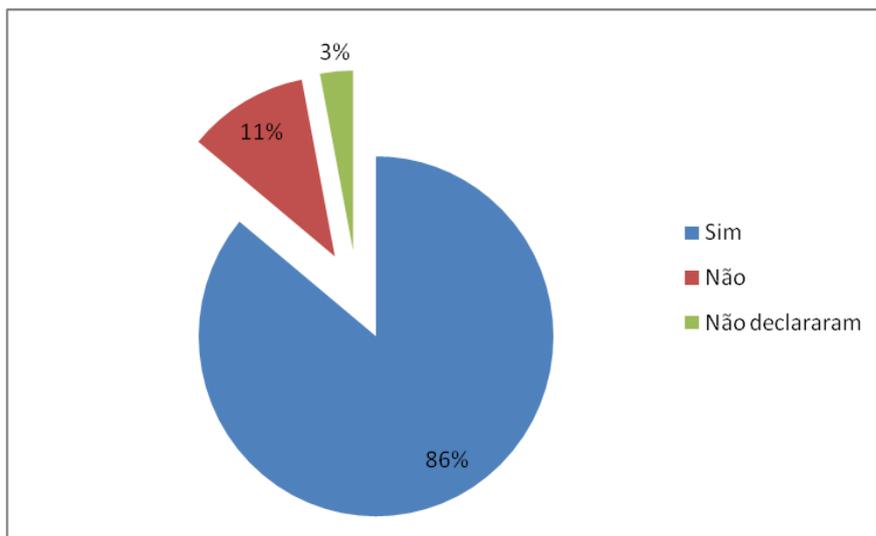


Gráfico 18: Encerramento da tarefa - Opinião própria
Fonte: Dados coletados, 2010

Com relação à avaliação da própria aprendizagem ao concluir o trabalho, a grande maioria dos entrevistados, precisamente 96%, acreditam ter aprendido com o mesmo, e apenas 4% não consideram ter tido o mesmo aproveitamento.

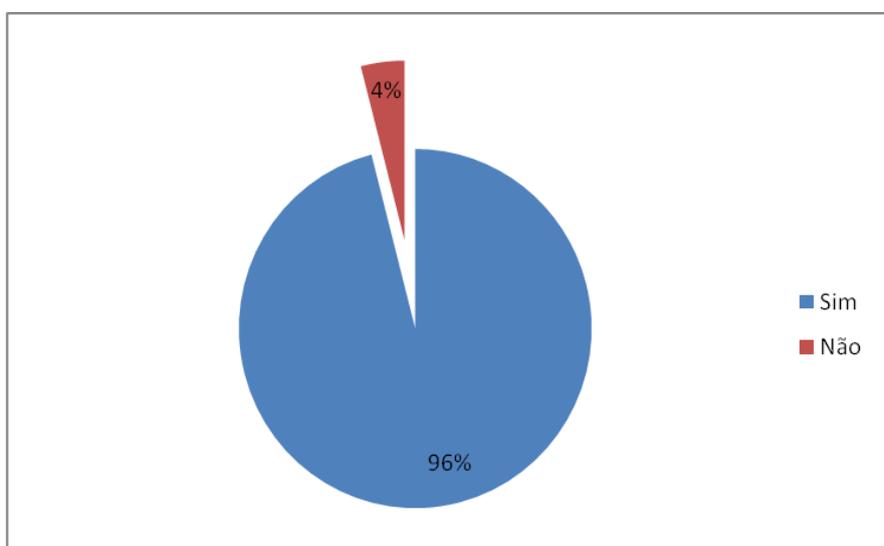


Gráfico 19: Encerramento da tarefa - Aprendizagem
Fonte: Dados coletados, 2010

Para finalizar a aplicação do questionário, os entrevistados foram convidados a responder sobre os sentimentos experimentados ao final do trabalho realizado. Como em questões anteriores, os resultados foram representados na forma bruta. Os dados mostraram, que houve a predominância de sentimentos positivos nessa etapa final, aonde: 51 estudantes se sentiram satisfeitos, 49 confiantes, 34 otimistas, 34

seguros, e 34 aliviados. Apenas 4 estudantes se sentiram inseguros, 3 ficaram com dúvidas, 3 confusos, e 2 frustrados.

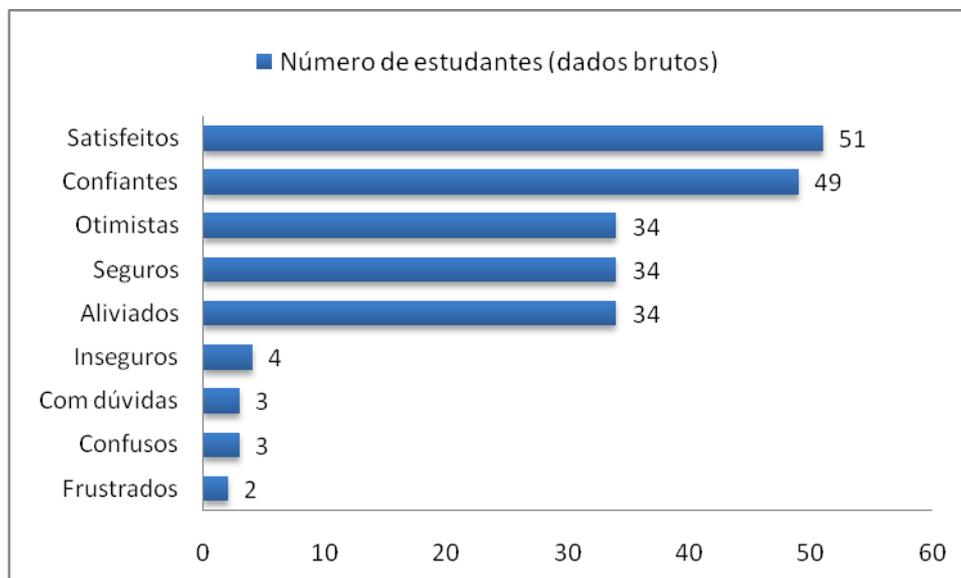


Gráfico 20: Encerramento da tarefa - Sentimento final

Fonte: Dados coletados, 2010

7 CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS RESULTADOS

Neste tópico, apresenta-se a discussão dos resultados obtidos na pesquisa à luz das teorias desenvolvidas na revisão de literatura. Esta é uma etapa fundamental do trabalho científico, pois a partir dela, pode-se avaliar a importância do trabalho executado e avaliar sobre o aproveitamento do indivíduo. Além disso, é na discussão de resultados que são mostrados os progressos obtidos pelo trabalho no esclarecimento dos fatos estudados.

Através desta pesquisa foram coletadas informações sobre os sentimentos, atitudes e ações envolvidas no processo de desenvolvimento de trabalhos de pesquisa feito pelos estudantes do Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco de Goiânia. O foco da pesquisa se deu especialmente na fase inicial e final do processo construtivista de aprendizagem do modelo de busca de informação descrito por Kuhlthau (1999).

Considerando o momento inicial, descrito como o início da tarefa, os participantes da pesquisa demonstraram, em sua maioria, sentimentos positivos,

especialmente de confiança, segurança, e satisfação, associados principalmente a fatores relativos ao tema proposto pelo professor. Conhecer previamente o tema, considerá-lo interessante, e percebê-lo como relevante, foram alguns dos fatores que despertaram esses sentimentos, podendo ser identificados em falas como “porque eu já sabia o conteúdo inteiro”, “achei o tema interessante” e “porque era um tema importante”.

Outro fator de sentimentos positivos nesta etapa foi a auto-confiança dos estudantes para a realização de tarefas. Tal colocação pôde ser confirmada em falas como “porque sempre vou bem nos trabalhos”, “porque tive certeza que iria conseguir fazê-lo”, e “eu acredito na minha capacidade”. Um estudante ainda citou “porque eu gosto do desafio de trabalhos” como motivo por ter se sentido confiante, e outro “pois eu adoro trabalho em grupo e o professor explicou muito bem”.

A confiança demonstrada pela maioria dos estudantes no início da tarefa também pode ser associada ao fato do professor ter sido o responsável por indicar o tema do trabalho, conforme demonstrado no gráfico 10. A tendência do estudante em sentir dificuldade quando lhe é dada a possibilidade de optar por qualquer assunto para desenvolver o trabalho é maior, e isso pôde ser confirmado na fala de um deles que disse ter ficado inseguro “por ter tido várias idéias”, o que demonstra a complexidade para alguns em definir por conta própria qual dentre tantos temas ele deve escolher para trabalhar.

No entanto, pelas respostas dos estudantes (8%), como mostrado no gráfico 7, percebeu-se que parte dos sentimentos negativos experimentados por eles na fase inicial, como dúvidas, confusão e insegurança, tiveram relação direta com o comportamento do professor no início do trabalho, contrapondo-se ao que foi colocado anteriormente. Pela fala de alguns deles, como “porque eu não sabia por onde começar”, “porque eu não entendi bem”, e “porque o professor explicou mais ou menos”, fica evidente a falha com relação ao direcionamento, orientação, e esclarecimento sobre o objetivo do trabalho feito a alguns estudantes. Porém, o fato do objetivo ter ficado claro desde o início para a maioria (92%) dos estudantes, confirma que o professor contribuiu sim de forma significativa para os sentimentos positivos apresentados no início da tarefa, conseguindo ter um papel importante como agente motivador do processo.

Com relação às primeiras ações tomadas quando o trabalho foi proposto, a maior parte dos estudantes disse que sua primeira ação foi pesquisar (35%). Dentro desta categoria temática encontram-se falas como “fazer uma pesquisa geral sobre o

assunto”, “pesquisar fotos”, e “pesquisar em livros e enciclopédias”. Muitas ações realizadas pelos estudantes, depois que o trabalho foi proposto, estavam relacionadas a aspectos práticos e imediatos, como dividir as tarefas entre o grupo, anotar dados, e em alguns casos a execução imediata do trabalho. Nos casos em que os estudantes partiram diretamente para a execução do trabalho, percebe-se em falas como “gravar um vídeo” e “coletar as folhas”, que se tratavam de fato de trabalhos práticos, e talvez isso explique poucos terem tido tempo para planejar o trabalho, e menos ainda refletir sobre ele. Este aspecto pode ser considerado um ponto negativo, pois como colocado por Kuhlthau (1999, p. 11-12), nesta etapa o estudante deveria ser guiado a explorar as informações de forma geral para poder definir um foco, e não começar a executá-lo irrefletidamente. A autora ainda afirma que as primeiras ações ideais para a etapa de exploração de idéias estariam relacionadas ao relaxamento, leitura e reflexão a respeito do que foi pesquisado, porém, para estas ações acontecerem é preciso que haja flexibilização do tempo (KUHALTHAU, 2010, p. 101).

Ainda sobre as primeiras ações dos estudantes, observou-se que os mesmos decidiram em primeiro lugar procurar os próprios colegas de classe para conversar sobre o tema do trabalho. O gráfico 12 mostra que dos 73 estudantes entrevistados, 57 deles procuraram inicialmente os colegas de classe para conversar sobre o trabalho proposto. A explicação para este fato pode estar relacionado no gráfico 5, onde a maior parte dos estudantes (73%) realizaram o trabalho em grupo. Também, segundo o modelo de Kuhlthau, o fato de os colegas de classe serem os mais consultados, pode representar um momento de incerteza passado pelos estudantes no início da tarefa, o que exige dos mesmos que conversem com pessoas envolvidas no processo, ou seja, com pessoas mais próximas dele e do assunto do trabalho, para tentar solucionar os conflitos de maneira coletiva.

Segundo Kuhlthau (2010, p. 105) à medida que os estudantes expressam suas idéias e ouvem as reações dos colegas, as possibilidades de focalizar o assunto podem se tornam mais claras aos mesmos, no entanto, seria preciso que os estudantes tivessem feito algumas leituras iniciais para ocorrerem as discussões, pois do contrário serão argumentações sem muita fundamentação. Estas leituras poderiam ser feitas utilizando-se fontes de informação disponíveis na biblioteca, que os possibilitariam obter uma visão geral do assunto. Neste sentido, o bibliotecário, poderia auxiliá-los a

entrarem em contato com materiais cujo conteúdo seja pertinente, orientando-os na técnica de progredir de fontes mais gerais para mais específicas.

Mais uma vez o professor se mostrou importante no início do trabalho, sendo o segundo mais procurado pelos estudantes para conversar sobre o tema. Como demonstrado no gráfico 12, 48 estudantes afirmaram tê-lo procurado. Este fato indica que o objetivo do trabalho pode não ter ficado tão claro como fora apontado inicialmente pela maioria, o que poderia ter levado alguns estudantes a procurá-lo por supor que o não entendimento do trabalho o tornaria mais difícil e complexo. O fato já observado de que uma das ações mais freqüentes foi a procura pelos colegas de classe também pode representar a falta de compreensão de muitos a respeito do trabalho.

Sobre o gráfico 12, ainda é possível notar que a participação do bibliotecário no início do trabalho, mais especificamente na etapa de exploração, se mostrou praticamente nula, tendo apenas 1 estudante declarado que conversou com ele a respeito do assunto. Isso demonstra, primeiramente, que no estágio de exploração o professor e o bibliotecário não trabalham como parceiros para ajudar os estudantes a se preparar para definir um foco. Também que o bibliotecário não conseguiu atingir o papel de agente mediador na fase inicial do processo, e que a grande maioria dos estudantes não reconhece, ou talvez nem saiba, o valor do trabalho deste profissional no sentido de auxiliá-los oferecendo em conjunto com o corpo docente, orientações referentes à pesquisa escolar. Segundo Kuhlthau (2010, p. 107) o bibliotecário é de extrema importância nesta etapa, pois ele ajuda na realização de busca exploratória levando os estudantes a identificar termos de busca e considerar a variedade de material disponível, conduzindo-os de maneira correta na exploração de informações sobre seu assunto para definir o foco.

Supõe-se que o fato da maioria (60%) dos estudantes terem definido um foco para desenvolver seu trabalho pode ter sido um meio facilitador para prosseguir com a etapa seguinte, a de coleta de informações. Conforme colocado por Kuhlthau (2010, p. 155), quando os estudantes definiram o foco com cuidado estão prontos para a coleta de informações, pois o foco dá-lhes a base para discernir sobre a utilidade das informações, direcionando e modelando as escolhas ao longo do processo de coleta. Já os estudantes que não definiram um foco, alegando ser pelo fato de se tratarem de atividades práticas e imediatas, acabaram por encontrar algumas dificuldades durante o desenvolvimento do trabalho, por terem pulado a etapa de exploração e formulação da

questão, que são etapas fundamentais para facilitar o processo de pesquisa. No entanto, essas dificuldades conseguiram ser superadas por boa parte dos estudantes até o momento do encerramento da tarefa.

Na etapa de coleta de informações, os estudantes fizeram uso de fontes de informação diversas para localizar informações focalizadas a serem incluídas no trabalho. Deve-se ressaltar que a busca por informações ocorreram também no início, porém, na fase de coleta ela se dá de forma mais sistematizada e consciente. A maioria dos respondentes, 59 deles, apontaram que a ação mais freqüente durante a fase de coleta foi pesquisar informações na Internet. É preciso considerar que muito do que é oferecido na internet é realmente de boa qualidade. No entanto, para aproveitar tudo de bom que a internet oferece seria preciso que os estudantes recebessem orientação quanto ao uso deste recurso. Outro ponto importante é que no caso de pesquisas escolares, os professores deveriam indicar sites por eles previamente analisados, para que os alunos de fato conseguissem realizar pesquisas produtivas. Pôde ser observado que a falta de um laboratório de informática e de computadores com acesso a Internet no espaço da biblioteca da escola pesquisada, é um fator que dificulta esta orientação por parte dos professores e do bibliotecário.

Os dados apresentados no gráfico 14 também levam a crer que a biblioteca não está sendo utilizada da forma como deveria. Isto pôde ser verificado pelos dados que apontaram os itens relacionados à biblioteca como consulta ao catálogo, ir às estantes da biblioteca, e pedir ajuda ao bibliotecário como as ações menos freqüentes realizadas pelos estudantes durante a fase de coleta de informações. A esse respeito, segundo Kuhlthau (2010), quando os estudantes começam a pesquisar informações sobre o foco na fase de coleta, já deveriam tornar-se conscientes da existência de uma ampla gama de materiais existentes na biblioteca e desenvolver hábitos de pesquisa para explorar diferentes fontes de acervo da biblioteca e os instrumentos de acesso para outros acervos. Kuhlthau (2010, p. 170) ainda afirma que o processo de pesquisa envolve apresentar aos estudantes uma ampla perspectiva da estrutura da informação, mostrando instrumentos de organização e de recuperação da informação que os sistemas de informação oferecem e ao mesmo tempo propiciar aos estudantes a prática freqüente de coletar informações.

No entanto, o que se pode verificar nesta pesquisa é que esta é uma realidade ainda distante, pois infelizmente muitos estudantes ainda tem compreensão

limitada da disponibilidade e organização das informações na biblioteca. O fato de poucos estudantes terem procurado a biblioteca para desenvolver o trabalho, conforme Silva (1995, p. 29), também pode estar relacionado à falta de incentivo por parte dos professores em tornar a relação aluno/biblioteca mais próxima, contextualizando-os no fazer didático do docente. Para Silva (1995, p. 29), a indiferença demonstrada pelos professores em relação à biblioteca, renegando seu papel no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, poderia estar relacionada a má orientação na formação pedagógica dos mesmos, aonde poucos cursos e materiais didáticos mencionam a importância da unidade de informação escolar como instrumento complementar ao processo de aprendizagem.

A partir dos resultados obtidos, quanto à participação do bibliotecário, também reforça-se seu papel secundário no processo de pesquisa, que embora nesta etapa tenha ficado um pouco mais evidente que no início, tendo sido procurado por apenas 9 estudantes, ainda assim foi uma ação bem menos freqüente do que as outras. Os que o consultaram durante a coleta de informações alegaram tê-lo procurado por “confiar na experiência desse profissional”, “para tirar dúvidas referentes ao tema”, e principalmente para lhes dar “auxílio quanto à localização de fontes de informação” que atendessem as suas necessidades de informação. Para Kuhlthau (2010) as expectativas que os estudantes têm sobre a ajuda do bibliotecário são muito grandes ou muito pequenas. Isso porque alguns esperam que ele entregue imediatamente o material que é a peça chave do trabalho, e já outros evitam pedir sua ajuda e tentam ser totalmente independentes. A autora destaca que nenhum dos extremos é a atitude ideal.

No entanto, pôde-se perceber que a habilidade dos alunos para buscar fontes de forma independente foi revelada justamente pelo fato da biblioteca e do bibliotecário terem sido poucos consultados nesse processo, e o trabalho ter sido desenvolvido com êxito pela maioria.

Ainda no estágio de coleta de informações, conversas e discussões também foram ações freqüentes, e continuaram no decorrer de todo o trabalho, bem como tirar dúvidas com pessoas que conheciam o tópico. Alguns (14) estudantes ainda optaram por pedir ajuda aos pais para desenvolver o trabalho.

Utilizar-se de mais de um autor para realizar o trabalho também foi opção da maioria (42%), conforme dados apresentados no gráfico 15. Algumas das falas que justificaram este procedimento foram “eu utilizei mais de uma fonte para ter certeza do

assunto”, “para ter diferentes opiniões e pontos de vista”, e “porque dessa forma o trabalho fica mais rico”.

A maior parte dos que utilizaram apenas um autor o fizeram porque o trabalho tinha um cunho prático ou porque o que precisavam já estava no material da disciplina, como explicitado em “porque nesse trabalho não precisei de livros”, “pois só tive que mexer com as plantas”, e “pois tudo já estava em nosso livro de ciências”. Outros também se mostraram satisfeitos em usar um autor sem apresentar maiores explicações para essa atitude.

Correlacionando a questão acima, com o fato de os alunos terem se sentido confiantes pelo professor elaborar trabalhos a partir de temas já estudados em sala de aula, pode-se pressupor que os estudantes já conheciam a bibliografia, não sendo, portanto um fator que tenha gerado sentimentos negativos aparentes.

Outra questão levantada aos estudantes foi sobre o aproveitamento de experiências/conhecimentos anteriores para realizar o trabalho, que demonstrou ser uma constante. A partir do gráfico 16, observa-se que 60% dos estudantes fizeram uso desses conhecimentos e experiências, provindos geralmente de disciplinas já cursadas e trabalhos feitos anteriormente. Isso ficou evidente em falas como “aproveitei todas as matérias em que estudamos sobre as plantas” e “aproveitei a experiência que tenho em computação”.

As questões finais levantadas no questionário diziam respeito a fase de encerramento da tarefa. A primeira delas levava o estudante a fazer uma reflexão sobre o que ele havia achado mais difícil durante a realização do trabalho. As dificuldades apontadas pela maioria (38%) foram aquelas relacionadas ao desenvolvimento prático do trabalho, expresso em falas como “fazer o vídeo”, “demarcar o território de observação”, e “a digitação do trabalho”.

A organização das informações encontradas, no sentido de estruturar e reunir os tópicos de forma clara e agrupar os diferentes conceitos encontrados, foi a segunda dificuldade mais apontada (8%) pelos estudantes. Essa dificuldade pode estar relacionada ao fato de poucos alunos terem feito o planejamento da estrutura do trabalho ainda no início do processo, elaborando roteiros, anotando dados, e organizando mais detalhadamente os tópicos a serem trabalhados. Nesse sentido, o professor, atuando juntamente com o bibliotecário, poderiam subsidiar tal orientação,

orientando os estudantes a se organizarem e a explorarem informações de forma refletida, planejada, levando-os a perceberem possibilidades de focalizar o assunto.

O relacionamento inter-grupo foi citado por 7% dos entrevistados, sendo expresso em falas como “conviver com o meu colega”, e “discutir com os colegas do trabalho sobre o tema, porque cada um queria fazer de um jeito”.

Apenas 6% dos estudantes consideraram a localização de fontes de informação como a parte mais difícil durante a realização do trabalho, confirmada em falas como “localizar as fontes de pesquisa”, “achar um site que falasse sobre o tema”, e “buscar informações concretas”. Notou-se que alguns dos estudantes que consideraram essa a parte mais difícil responderam também em questão anterior que o professor não havia indicado bibliografia, o que demonstra que a falta desse tipo de indicação pode ter sido um aspecto negativo para uma parcela dos estudantes.

Em contrapartida, um número expressivo de estudantes (32%) declararam não ter achado nada difícil durante a realização do trabalho, o que pode ser associado aos sentimentos positivos apresentados no início, e ao entendimento quanto aos objetivos do trabalho expostos pelo professor, que se fez entender de maneira clara. Também é possível perceber que os estudantes que indicaram não terem tido dificuldades durante o trabalho declararam que obtiveram notas altas como resultado.

Ainda sobre o momento de finalização do trabalho, conforme apresentado no gráfico 17, a maioria dos estudantes (86%) relataram ter conseguido formar opinião própria sobre o assunto, no entanto, poucos conseguiram expressar o impacto causado em suas opiniões, tendo sido mais relatadas partes do conteúdo apreendido. O mesmo aconteceu com a questão referente ao aprendizado decorrente do trabalho, demonstrado no gráfico 18, em que 96% dos estudantes responderam afirmativamente a questão, mas poucos conseguiram explicitar de que forma se deu o aprendizado. Prevaleram falas do tipo “aprendi a importância de preservar a água” e “aprendi a diferenciar algumas plantas e os seus nomes científicos”, aonde a percepção da importância do tema abordado foi uma observação freqüente. Alguns ainda disseram que “essa foi uma experiência incrível, onde aprendemos muito”, “me fez pensar na importância do assunto”, “foi muito importante e eu irei usar essas idéias no futuro”, e “aprendi que a prática leva a perfeição”.

As respostas indicaram que encerrando o trabalho, os sentimentos positivos persistiram. Satisfação foi o sentimento mais generalizado, mas muitos ainda

demonstraram confiança, otimismo, segurança, e alívio. Esses sentimentos se deram pelo fato dos estudantes perceberem que chegaram com sucesso ao final do processo, que o objetivo do trabalho havia sido atingido, e que conseguiram realizar algo proveitoso. Esses sentimentos foram expressos em falas como “porque consegui terminar o trabalho com sucesso”, “tudo saiu como eu planejei”, “fiquei satisfeito com o meu trabalho”, e “realizei bem o trabalho e estive confiante no que fiz”.

Embora nessa etapa o papel do professor tenha sido menos evidente que no início, ele ainda foi fator importante para despertar sentimentos positivos de satisfação, confiança e otimismo, que ficaram evidenciados em falas como “fiquei satisfeito porque o professor elogiou bastante o nosso trabalho” e “o trabalho ficou ótimo e a professora adorou”.

Uma razão pragmática para os estudantes experimentarem sentimentos positivos, principalmente o de alívio, estiveram também relacionados ao fato de terem obtido boa nota, mostrando ser essa a preocupação central de muitos, onde o objetivo maior era garantir a nota. Isso pôde ser verificado em falas como “por ter acabado com nota máxima”, “porque tinha feito um trabalho que podia tirar boa nota”, e “eu tinha terminado, deu tudo certo, e ganhei nota”.

Poucos estudantes demonstraram sentimentos negativos durante todo o processo, o que persistiu no momento de encerramento da tarefa. Tais sentimentos foram causados por insatisfação com o trabalho realizado e de dificuldades relacionadas ao tema, expresso em falas como “porque não gostei do resultado” e “o assunto foi muito complicado”. Alguns dos sentimentos negativos também tiveram relação com a nota, onde alguns estudantes disseram que “tive medo de tirar nota ruim” e “estava com dúvidas se iria tirar boa nota”, o que demonstra pouca preocupação por parte dos mesmos referente à sua aprendizagem. Dois estudantes ainda se sentiram frustrados, justificando que “demorou demais pra fazer o trabalho” e “o trabalho não me acrescentou em absolutamente nada”.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seus estudos, Kuhlthau (*apud* CAMPELLO; ABREU, 2005, p. 189), assim como Campello e Abreu (2005, p. 189), constataram a predominância de sentimentos negativos no início do processo de busca de informação. Na presente pesquisa, no entanto, ocorreu o contrário, tendo os estudantes demonstrado em sua maioria sentimentos positivos no início da tarefa.

Uma das explicações para os resultados positivos relatados pelos estudantes no início da tarefa se deu pela nítida familiaridade dos mesmos com o tema do trabalho. Além da afinidade com o tema, os sentimentos positivos também tiveram relação direta com o comportamento do professor. A mediação adequada desse profissional, exercendo papel de agente motivador e orientador, se mostrou muito importante na fase inicial, pois ajudou os estudantes a desenvolverem atitudes de expectativa positivas em relação ao trabalho, criando um clima bastante propício a aprendizagem.

À medida que o trabalho avançou, os objetivos ficaram ainda mais claros a partir de conversas com os colegas do grupo, com o professor, com outros mediadores informais, e em último caso com o bibliotecário, cuja participação inicial deu-se de forma praticamente nula. Ficou evidente o papel pouco significativo do bibliotecário nesta etapa, havendo um pequeno aumento de sua participação durante a fase de coleta de informações. Os mesmos resultados foram obtidos nas pesquisas realizadas por Kuhlthau (1996), Campello e Abreu (2005, p. 129), e Amaral (2009, p. 40).

A participação mínima do bibliotecário no processo de pesquisa dos estudantes pode ser relacionada a uma série de fatores. No Brasil, a biblioteca escolar ainda é concebida como dispensável para o processo de educação formal, o que representa um grande equívoco. Ao desconhecerem ou não reconhecê-la como importante para o processo ensino-aprendizagem, também se ignora o papel do profissional que nela atua; o bibliotecário. Muitos convivem com esta situação de forma natural.

É comum os estudantes não reconhecerem a importância da biblioteca e do bibliotecário como recursos que poderiam ampliar seu aprendizado, e também o próprio professor desconhecer tal orientação. Como colocado por Silva (1995, p. 19), nos cursos de formação dos professores, em sua maioria, não existem conteúdos que explorem o

potencial da biblioteca como recurso de ensino aprendizagem, e como consequência desta situação, acaba-se reforçando a idéia do professor como sendo a única fonte de transmissão do conhecimento. Isto não deveria acontecer, visto que quanto menos o ensino for centrado neste discurso, mais ampla poderá ser a possibilidade de inserção da biblioteca escolar e do bibliotecário no trabalho pedagógico.

Quanto ao bibliotecário, sabe-se que possui capacidade para auxiliar os estudantes no processo de pesquisa oferecendo recursos e caminhos para que os estudantes obtenham êxito no trabalho. Muitos, no entanto, por ainda não estarem integrados na estrutura funcional da biblioteca, fazendo-se presente no planejamento educacional e inserindo-se no cronograma de atividades das várias disciplinas, não o fazem. Não sendo participante ativo na escola, e não interagindo com o corpo pedagógico, os estudantes acabam por simplesmente desconhecer seu papel, e sua importância no sentido de auxiliá-los no processo de formação do conhecimento.

Isso foi constatado na etapa de exploração, assim como na coleta de informação, onde os estudantes demonstraram habilidade para localização de fontes de informação, visto que o professor não indicou bibliografia para a maioria dos estudantes. Esta localização foi relatada por poucos como sendo a maior dificuldade encontrada para realizar o trabalho. O fato da maioria dos estudantes não ter consultado a biblioteca ou recorrido ao auxílio do bibliotecário durante o desenvolvimento do trabalho, demonstrou, por um lado, essa independência com relação à localização de fontes de informação, e, por outro lado, evidenciou novamente a participação reduzida da biblioteca e do bibliotecário no processo.

O fato de alguns estudantes terem partido do momento da proposição do trabalho diretamente para a execução da tarefa, pulando duas fases importantes do processo (a de exploração do tema e formulação da questão), resultaram em sentimentos negativos e que em alguns casos persistiram até o encerramento da tarefa. Porém, os resultados demonstraram que mais da metade dos estudantes pesquisados (60%) conseguiram realizar a etapa de formulação da questão, definindo um foco para o seu trabalho, o que representou um meio facilitador para os mesmos e lhes deu uma maior segurança para prosseguir confiantes com o seu trabalho, obtendo resultados satisfatórios ao final do processo.

O desenvolvimento do trabalho e a organização das informações coletadas foram as maiores dificuldades experimentadas pelos estudantes, e que possivelmente se

deram pela falta de uma organização prévia do trabalho e da formulação da questão em alguns casos específicos.

No encerramento da tarefa os sentimentos positivos tiveram grande prevalência. A maior parte deles se deu pelo fato dos estudantes perceberem que chegaram com sucesso ao final do processo, que o objetivo do trabalho havia sido atingido, e que conseguiram realizar algo proveitoso. O sentimento de alívio também apareceu na fala de alguns que se demonstraram mais preocupados com as notas obtidas do que com o aprendizado resultante do trabalho realizado.

Ainda em relação ao papel exercido pela biblioteca e pelo bibliotecário na mediação do processo de busca de informações pelos entrevistados pesquisados, consideramos que esta tem que mostrar-se mais participativa no processo de pesquisa dos estudantes, no sentido de envolver-se especificamente com os conteúdos curriculares e pedagógicos, para então subsidiar educadores e estudantes em suas pesquisas, deixando de ser apenas indicadora de fontes de informação para ser orientadora, estimuladora e divulgadora da pesquisa e de seus pesquisadores, ampliando desta forma, a interação entre alunos, professores e a biblioteca.

REFERÊNCIAS

ABREU, Vera Lúcia Furst G. A coleção da biblioteca escolar. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

AMARAL, Danielle Monteiro do. **Gestão da informação e comportamento informacional: um estudo de caso no Colégio da Polícia Militar Polivalente Modelo Vasco dos Reis**. 2009. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia - UFG, Goiânia, 2009.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução a metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BAPTISTA, Sofia Galvão *et al.* Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 168-184, mai./ago. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000200011. Acesso em: 18 set. 2010.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. Disponível em: <http://aldoibct.bighost.com.br/quest/quest2.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2010.

BARROS, Dirlene Santos; SOARIM, Roberto Natal Silva; RAMALHO, Franisca Arruda. Necessidades informacionais e comportamento de busca da informação dos vereadores da câmara municipal de João Pessoa - Paraíba. **Informação e Sociedade**. João Pessoa, v. 8, n. 3, p. 171-184, set./ dez. 2008. Disponível em: <http://revista.ibict.br/pcbic/index.php/pcbic/article/view/1097>. Acesso em: 10 set. 2010.

BARTALO, Linete. **Comportamento informacional dos professores pesquisadores do curso de medicina veterinária da Universidade Estadual de Londrina (UEL) frente às competências informacionais**. Londrina. p. 1-14. [200-?].

BETTIOL, Eugênia Maranhão. Necessidades de Informação: uma revisão. **R. Bibliotecon**. Brasília, v.18, p. 59-69, jan./jun. 1990. Disponível em: www.tempusactas.unb.br/index.php/RBB/article/viewFile/616/614. Acesso em: 18 ago. 2010

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: temas transversais**. Brasília: MEC, 1997. 126 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2010.

BUENO, Silvana Beatriz. Acesso e uso da informação no ambiente educacional: as fontes de informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.11, n. 1, p. 53-62, jan./jul., 2006. Disponível em: <revista.acbsc.org.br/index.php/.../583>. Acesso em: 10 set. 2010.

CALDEIRA, Paulo da Terra. O espaço físico da biblioteca. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et. al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura na literatura infantil. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**. Florianópolis, n.15, 2003. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/147/14701505.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2010.

CAMPELLO, Bernadete Santos; *et al.* A coleção da biblioteca escolar na perspectiva dos parâmetros curriculares nacionais. **Inf.Inf.**, Londrina, v. 6, n. 2, p. 71-88, jul./dez. 2001. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/.../1438>. Acesso em: 19 ago. 2010.

CAMPELLO, B.; ABREU, V. F. G. Competência informacional e a formação do bibliotecário. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 178-193, jul./dez. 2005. Disponível em: <portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2/150>. Acesso em: 19 ago. 2010.

CAMPELLO, Bernadete Santos; *et al.* **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CARDOSO, M.L; RAMALHO, F.A. Busca de Informação para satisfação de Necessidades: um estudo com professores do curso de biblioteconomia - CCSA/UFPB. **Biblionline**, v. 2, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/viewFile/595/433>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

CARVALHO, Fernanda Cordeiro de. **Educação e estudos de usuários em bibliotecas universitárias brasileiras**: abordagem centrada nas competências em informação. 2008. 146 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Biblioteca escolar e dinamização da leitura: diferencial da escola de qualidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Curitiba, **Anais...** Curitiba: FEBAB, 2005. p. 1-15.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significados, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac, 2006. 425 p.

COSTA, Sely Maria de Souza. Mudanças no processo de comunicação científica: o impacto do uso de novas tecnologias. In: **COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA**. Brasília: Universidade de Brasília, 2000. 144 p. (Estudos avançados em Ciência da Informação, v. 1).

COSTA, Luciana Ferreira da. **Usabilidade do Portal de Periódicos da CAPES**. João Pessoa: UFPB, 2008. 237 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Federal da Paraíba. 2008.

COSTA, Luciana Ferreira da; SILVA, Alan Curcino Pedreira da Silva; RAMALHO, Francisca Arruda Ramalho. (Re)visitando os estudos de usuário: entre a “tradição” e o “alternativo”. **Datagramazero**, v.10, n.4, jul./ago., 2009. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago09/Art_03.htm>. Acesso em: 19 ago. 2010.

CRESPO, Isabel Merlo; CAREGNATO, Sônia Elisa. Comportamento de busca da informação : uma comparação de dois modelos. Em *Questão*, Porto Alegre, v.9, n. 2, p. 247-257, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/emquestao/pdf_2003_v9_n2/EmQuestaoV9_N2_2003_art02.pdf>. Acesso em 11 jun. 2010.

CRUZ, Fernando William. **Necessidades de informação musical de usuários não especializados**. 2008. 311 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

DERVIN, Brenda. An overview of Sense-Making research: Concepts, methods, and results to date. In: **Proceedings of Annual Meeting of the International Communication Association**. Dallas, TX: International Communication Association, maio 1983. Disponível em: <communication.sbs.ohio-state.edu/.../artabsdervin83smoverview.html>. Acesso em: 11 set. 2010.

DERVIN, Brenda; NILAN, Michael. Information needs and uses. **Annual Review of Information Science and Technology**, v.21, p. 3-33, 1986. Disponível em: <<http://communication.sbs.ohio-state.edu/sense-making/art/artabsdervinnilan86arist.html>>. Acesso em: 17 set. 2010.

DIAS, R. **Métricas para avaliação de sistemas de informação**. Disponível em: <<http://www.presidentekennedy.br/resi/edicao01/artigo02.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

ELLIS, D.A; COX, D.; HALL, K. A comparison of the information seeking patterns of researchers in the physical and social sciences. **Journal of Documentation**, London, v. 49, n. 4, p. 356–369, 1993. Disponível em: <www.emeraldinsight.com/10.1108/eb026919>. Acesso em: 20 set. 2010.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Editora Atlas, 1993.

FEDERAÇÃO Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições. **Diretrizes da IFLA / UNESCO para a biblioteca escolar**. Tradução de Neusa Dias de Macedo, Helena Gomes de Oliveira. São Paulo: IFLA, 2005. 28 p. Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibraryGuidelines-pt_BR.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2010.

FEDERAÇÃO Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições. **Manifesto da IFLA / UNESCO para biblioteca escolar**. Tradução de Neusa Dias de Macedo. São Paulo: IFLA, [s.d.]. 4 p. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2010.

FERREIRA, Sueli Mara S. P. **Estudo de necessidade de informação**: dos paradigmas tradicionais à abordagem Sense-Making. Porto Alegre, 1997. Disponível em: <www.eca.usp.br/nucleos/sense/textos/>. Acesso em 18 jun. 2010.

FIALHO, Janaina Ferreira; ANDRADE, Maria Eugênia. Comportamento Informacional de crianças e adolescentes: uma revisão de literatura estrangeira. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 20-34, jan/abr. 2007. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ci/v36n1/a02v36n1.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2010.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Avaliações de coleções e estudos de usuários**. Brasília: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1979.

_____. Aspectos especiais de estudos de usuários. **Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 43-57, jul./dez. 1983.

_____. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

_____. Usuários. In: _____ **Paradigmas modernos da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis/APB, 1999. p. 11-33.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na Escola: uma relação a ser construída. **Revista ACB**, Florianópolis, n. 2, p. 169-173, 2005.

FURTADO, Cássia. A biblioteca escolar brasileira no sistema educacional da sociedade da informação. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 2004, Belo Horizonte, **Anais...** Belo Horizonte, Escola de Ciência da informação da UFMG, 2004. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/317.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2010.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves; COSTA, Maria de Souza. Comportamento dos professores da educação básica na busca da informação para formação continuada. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 32, n. 3, p. 54-61, set./dez. 2003. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19024.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2010.

GAQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **O pensamento reflexivo na busca e no uso da informação na comunicação científica**. Brasília. p. 1-9. [200-?]. Disponível em: <www.portalppgci.marilia.unesp.br/enancib/viewpaper.php?id=69>. Acesso em: 15 ago. 2010.

_____. **O pensamento reflexivo na busca e no uso da informação na comunicação científica**. 2008. 242 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Departamento de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar e a leitura. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2003, p. 35-45. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/include/getdoc.php?id=259&article=103&mode=pdf>>. Acesso em: 10 set. 2010.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Versão Eletrônica. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>.

KUHLTHAU, Carol C. Inside the search process. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 361-371, 1991. Disponível em: <comminfo.rutgers.edu/~kuhlthau/docs/10.1.1.119.2997.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2010.

_____. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999, p. 9-14. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

_____. The Role of Experience in the Information Search Process of an Early Career Information Worker: perceptions of uncertainty, complexity, construction, and sources. **Journal of the American Society for Information Science**, Washington, DC, v. 50, n. 5, p. 399-412, apr. 1999. Disponível em: <<http://portal.acm.org/citation.cfm?id=299856.299859>>. Acesso em: 17 ago. 2010.

_____. **Como orientar a pesquisa escolar: estratégias para o processo de aprendizagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos 1996.

LIRA, Waleska Silveira, *et al.* A busca e o uso da informação nas organizações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 166-183, jan./abr. 2008. Disponível em: <revista.ibict.br/pscib/index.php/pscib/article/view/1121>. Acesso em: 10 jun. 2010.

MACEDO, Neusa Dias de. (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual**. São Paulo: SENAC/CRB 8, 2005.

MANIFESTO IFLA/ Unesco para biblioteca escolar.[s.l.] ;[s.n.], 1999. Disponível em: <[http:// archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf](http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2010.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, Martha; ODDONE, Nanci. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 118-127, mai/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652007000200012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 jun. 2010.

MATA, Marta Leandro da. **A competência informacional no âmbito escolar: um projeto para o desenvolvimento de habilidades informacionais no ensino fundamental**. 2006. 127 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, Marília, 2006.

MATA, Marta Leandro da; SILVA, Helen de Castro. Biblioteca escolar e a aplicação da proposta da competência em informação no ensino fundamental. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 28-39, dez. 2008. Disponível em: <revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/.../17>. Acesso em: 12 de set. 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, 80 p.

MIRANDA, Silvânia. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./ dez. 2006. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/756/626>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

RABELO, Ernane Corrêa. **Comportamento informacional e evocação de notícias: estudo de caso com estudantes de Comunicação Social**. 274f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ROZADOS, Helen F., PIFFER, Bárbara P. Pesquisa de marketing e estudos de usuários: um paralelo entre os dois processos. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 169-182, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/viewArticle/10387>>. Acesso em: 17 ago. 2010.

SALES, Fernanda de. O Ambiente Escolar e a Atuação Bibliotecária: o olhar da educação e o olhar da biblioteconomia. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n. 18, p. 40-57, jul/dez 2004. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/download/179/1685>. Acesso em: 15 ago. 2010.

SANTOS, Patrícia Barbosa de Moura. **A competência informacional na biblioteca escolar**. 2008. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, Porto Alegre, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia de pesquisa científica**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Marlene Souza. Multimeios na biblioteca escolar. In: GARCIA, Edson Gabriel (Org.). **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989. p. 97-108

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muskat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. e atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001. Disponível em: <<http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edicao.pdf>>. Acesso em 10 set. 2010.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1995. 118 p.

WILSON, T.D. **On user studies and information needs**. [s.l.]: [s.n.], 1981. Disponível em: <<http://informationr.net/tdw/publ/papers/1981infoneeds.html>>. Acesso em 16 set. 2010.

_____. Utilization of heroin information by adolescent girls in Australia: a cognitive analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, Baton Rouge, v. 50, n. 1, p. 10-23, Jan. 1999. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.118.4526>>. Acesso em: 18 ago. 2010.

_____. Models in information behaviour research. **Journal of Documentation**, v. 55, n. 3, June 1999, p. 249-270. Disponível em: <<http://informationr.net/tdw/publ/papers/1999JDoc.html>>. Acesso em: 17 ago. 2010.

_____. Human information Behavior. **Informing science research**, v. 3, n. 2, p. 49-53, 2000. Disponível em: <<http://informationr.net/tdw/publ/papers/2000HIB.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2010.

APÊNDICE: QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA

Caro (a) estudante:

Este questionário é o instrumento de coleta dos dados da pesquisa intitulada: “Busca e Uso de informação no contexto escolar: estudo de comportamento informacional de estudantes da 2ª fase do Ensino Fundamental”. Solicitamos assim a sua colaboração, no sentido de preencher este questionário. Agradecemos sua atenção e colocamo-nos a disposição para esclarecer quaisquer dúvidas.

Coordenadores (a): Eliany Alvarenga Araújo: Docente - Orientadora/Biblioteconomia/UFG

e-mail: yalvarenga@gmail.com

Caio Filgueiras Viana: Concluinte Biblioteconomia/UFG

e-mail: caioviana19@hotmail.com

1. Dados do entrevistado

1.1 Série que está cursando: _____ 1.2 Turno: _____

2. Dados do trabalho (Para responder lembre algum trabalho proposto pelo professor(a) de qualquer disciplina e do qual você se recorde).

2.1 Qual foi o período do ano em que o trabalho foi feito? _____

2.2 Qual foi o tema do trabalho?

2.3 O tema do trabalho foi definido pelo professor?

- Sim
- Não

2.4 O professor indicou bibliografia? (lista de obras que serviram para consulta)

- Sim
- Não

2.5 Qual foi sua nota?

- Máxima
- Média
- Mínima

2.6 O trabalho foi em grupo?

- Sim
- Não

3. Comportamento de usos e pesquisa da informação

3.1 O objetivo do trabalho ficou claro para você desde o início?

- Sim
- Não

3.2 Qual foi o seu sentimento quando o professor propôs o trabalho? (Pode marcar mais de um item).

- | | |
|-------------------------------------|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Confiante | <input type="checkbox"/> Frustrado |
| <input type="checkbox"/> Otimista | <input type="checkbox"/> Confuso |
| <input type="checkbox"/> Seguro | <input type="checkbox"/> Inseguro |
| <input type="checkbox"/> Satisfeito | <input type="checkbox"/> Com dúvidas |
| <input type="checkbox"/> Medo | <input type="checkbox"/> Outros |

3.3 Por que você teve esse(s) sentimento(s)?

3.4 Qual foi sua primeira ação no início do trabalho?

3.5 No início de seu trabalho, você conversou com alguém sobre o assunto? (Pode marcar mais de um item).

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Com o professor | <input type="checkbox"/> Com o(a) bibliotecário(a) |
| <input type="checkbox"/> Com colegas de classe | <input type="checkbox"/> Com outras pessoas |
| <input type="checkbox"/> Com outros colegas | |

3.6 Assinale os itens que se referem às suas ações ao desenvolver seu trabalho (Pode marcar mais de um item).

- Discutir sobre o assunto do trabalho
- Escolher um foco para desenvolver o trabalho
- Tirar dúvidas com pessoas que conhecem o assunto
- Pedir ajuda ao(à) bibliotecário(a)
- Pedir ajuda para os pais
- Ir direto às estantes da biblioteca
- Consultar o catálogo da biblioteca
- Consultar revistas e/ou jornais
- Consultar obras de referência (dicionários, enciclopédias, etc)
- Pesquisar na Internet

3.7 Caso você tenha consultado o(a) bibliotecário(a) ao desenvolver seu trabalho, comente o que o levou a procurá-lo(a).

3.8 Qual foi a importância da biblioteca para o desenvolvimento do seu trabalho?

- Muita
- Pouca
- Nenhuma

3.9 Você utilizou mais de um autor para realizar seu trabalho? Por quê?

3.10 Você aproveitou conhecimentos/experiências anteriores para realizar seu trabalho?

Quais?

3.11 O que você achou mais difícil durante a realização de seu trabalho?

3.12 Ao final do seu trabalho você chegou a formar sua própria opinião sobre o assunto?

Comente:

3.13 Você considera que aprendeu com o seu trabalho?

- Sim
 Não

Comente:

3.14 Qual foi o seu sentimento quando você terminou seu trabalho? (Pode marcar mais de um item).

- | | |
|-------------------------------------|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Confiante | <input type="checkbox"/> Frustrado |
| <input type="checkbox"/> Otimista | <input type="checkbox"/> Confuso |
| <input type="checkbox"/> Seguro | <input type="checkbox"/> Inseguro |
| <input type="checkbox"/> Satisfeito | <input type="checkbox"/> Com dúvidas |
| <input type="checkbox"/> Aliviado | |

3.15 Por que você teve esse (s) sentimento (s)?
